



Universidade Federal  
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL – PROFSOCIO**

**FRANCISCO STEFESON DA SILVA**

**UM GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA MEDIADO PELOS  
CONTOS DE LIMA BARRETO**

**SUMÉ - PB**

**2024**

**FRANCISCO STEFESON DA SILVA**

**UM GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA MEDIADO PELOS  
CONTOS DE LIMA BARRETO**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio, ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.**

**Área de Concentração: Ensino de Sociologia.  
Linha de pesquisa: Educação, Escola e Sociedade.**

**Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.**

**SUMÉ - PB**

**2024**



S586g Silva, Francisco Stefeson da.  
Um guia pedagógico para o ensino de Sociologia mediado pelos contos de Lima Barreto. / Francisco Stefeson da Silva. - 2024.

166 f.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.  
Inclui guia pedagógico.

Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Ensino de Sociologia. 2. Sociologia e Literatura brasileira. 3. Lima Barreto - contos. 4. Contos brasileiros. 5. Guia pedagógico. II. Título.

CDU: 316:37(043.2)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**FRANCISCO STEFESON DA SILVA**

**UM GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA MEDIADO PELOS  
CONTOS DE LIMA BARRETO**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio, ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. José Marciano Monteiro.  
Orientador - PROFSOCIO / UACIS / CDSA / UFCG**

---

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.  
Examinador Interno - PROFSOCIO / UACIS / CDSA / UFCG**

---

**Professor Dr. Eugenio Vital Pereira Neto.  
Examinador Externo  
Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

**Trabalho aprovado em: 02 de abril de 2024.**

**SUMÉ – PB**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às minhas mães, Francisca Alzenir da Silva (mãe) e Francisca Maria da Silva (avó) (in memoriam), ao meu pai (avô) Manoel Cirilo da Silva, a Afonso Henriques de Lima Barreto (in memoriam) e aos meus alunos e colegas de profissão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram presentes em cada momento marcante da minha vida. Familiares e amigos, sou grato por tê-los em minha jornada. Cada instante na presença de pessoas boas foi decisivo, cada abraço foi necessário, cada palavra foi ouvida e cada conselho foi absorvido. Se me sinto completo, é porque fui costurado com ternura e amizade de pessoas maravilhosas e marcantes.

Agradeço de modo especial e dedico este trabalho para as minhas mães, no plural, porque fui privilegiado de ser abençoado e possuir duas mães maravilhosas em minha vida. Ironicamente, o destino brinca conosco, uma doou sua vida por mim, falecida em decorrência do meu parto, a outra foi tirada de minha vida quando eu estava no auge dos 20 anos de idade.

Sou grato a minha mãe Francisca Alzenir da Silva (*in memoriam*), não tive a oportunidade de beijá-la ou ser beijado por ela, carrego no peito a dor de nunca ter visto minha mãe biológica, de sentir seu afeto ou ouvir a sua voz, mas sinto que seu espírito sempre está ao meu lado, suas orações me guiam por caminhos corretos, e espero um dia chamá-la de mãe, envolto em seus braços.

Também agradeço a Francisca Maria da Silva (*in memoriam*), minha avó materna e a mamãe que amei e tive a oportunidade de viver bons momentos da minha vida e dirigir toda ternura e carinho afetuoso de filho, a sua serenidade me guiou, seus conselhos foram ouvidos e seu carinho foi minha fortaleza para seguir um bom caminho.

Agradeço ao meu avô materno, meu papai, Manuel Cirilo da Silva, meu grande exemplo de pai, avô e homem, uma fortaleza humana, dedicado à família e ao trabalho, cujas barreiras da vida foram superadas com dificuldades e hoje aos 80 anos continua sendo meu maior exemplo de vida, me orgulha tê-lo como espelho, exemplo e meu maior incentivador. Muito obrigado por tudo! Seu exemplo, trabalho, ensinamentos e orientações foram necessários e me trouxeram até esse momento. Espero continuar dando-lhe orgulho, meu velho pai, meu amigo, meu exemplo!

Agradeço aos professores(as) do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pela contribuição e sabedoria de cada docente, sem a qual não seria possível que eu chegasse a esse momento, sou grato a cada um por me oferecer sabedoria e grandes momentos de aprendizado.

Agradeço ao professor Dr. José Marciano Monteiro, meu orientador e amigo, cada conversa e incentivo foi indispensável para a construção deste trabalho e contribuição para o saber sociológico, obrigado por compartilhar sua sabedoria e orientação para a construção deste trabalho e minha formação como pesquisador. Estendo este agradecimento aos professores Dr. Cristiano das Neves Bodart e Dr. Rogério Humberto Zeferino Nascimento, pelas sugestões na qualificação e aos professores Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos e Dr. Eugenio Vital Pereira Neto, na condição de examinadores interno e externo, respectivamente, por dedicar tempo e atenção ao aceitar o convite para participar deste trabalho e direcionar com sabedoria e conhecimento boas contribuições para esta empreitada, obrigado professores por toda sabedoria e disponibilidade.

Aos colegas de mestrado, meus agradecimentos pelas ótimas discussões e reflexões durante as aulas. E a companhia, mesmo que remota, foi importante para o aprendizado e reflexão de temas tão importantes.

A CAPES meus agradecimentos por todo suporte financeiro através da bolsa de pesquisa do Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica – ProEB. Auxílio indispensável para a realização da pesquisa, aquisição de materiais de estudo e viagens para apresentação de trabalho e divulgação da prática científica.

Aos amigos e colegas professores da EEMTI Teodorico Teles de Quental, meus agradecimentos. As conversas de corredores, os diálogos na sala dos professores e as indicações de leituras na biblioteca, foram momentos enriquecedores para a construção do olhar a partir do chão da escola. Aqui estendo em especial agradecimentos à coordenação escolar, Eliúde Izabel e Antônio Jeremias (Neto), por todo carinho e compreensão nas atividades e horários de estudo para o mestrado e ao Diretor Montinny Linard Tomaz, pelo incentivo e compreensão que me permitiu dedicar-me ao mestrado e às atividades acadêmicas. Também agradeço à professora Dra. Jaqueline Bezerra de Jesus, Viviane Vieira e Guimar, por grandes indicações de leituras sobre estudo de contos e a literatura de Lima Barreto. Agradeço o carinho e atenção das secretárias Aurinete Oliveira, Cristina Leite e Izabel Cristina, aos servidores João Bantin, Geraldo, Rosa, Iracema, Helena, amigos(as) e grandes profissionais com olhar e postura dedicados ao futuro e a melhoria da educação.

Aos amigos João Paulo de Carvalho, Marcello Jorge, Epitácio Rodrigues, Mauro Macherome, Emerson Rosa, Jhonatan Sales, Alvino Guedes e Danilo Nascimento, meus agradecimentos por todo incentivo e ensinamentos compartilhados em conversas mais que importantes. São irmãos que recebi de presente ao iniciar a caminhada como docente.

Ao querido amigo Edílio Quintino de Oliveira, meu muito obrigado. As Ciências Sociais, na Universidade Regional do Cariri - URCA me presenteou com um grande irmão e uma linda amizade baseada no respeito e dedicado aos estudos. Sem seus incentivos nos momentos mais dolorosos de minha vida, não estaria na educação tão pouco no mestrado, meu amigo, tenho muito a agradecer-lo por todo carinho e por tê-lo em minha vida.

Por último, um agradecimento mais que especial a minha maior incentivadora, amiga e companheira, minha esposa Maria Isabel Dias Correia, sempre me incentivando e estimulando a alcançar novos objetivos, sem nunca me deixar desistir dos sonhos, sou grato por sua companhia e amor, espero retribuir todo carinho. Também te agradeço por ter me presenteado com o maior e mais importante título que terei na vida, ser pai! Obrigado por me presentear com tanto amor na forma de um maravilhoso filho Caio Dias da Silva meu pequeno anjo, que no auge dos seus três aninhos tem ideias incríveis, é encantado por dinossauros e por super heróis. Filho, desejo que você seja livre, bondoso e sábio, que sua inteligência te leve a muitos lugares e o impossível não exista para você.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as possibilidades do uso do gênero textual conto, como alternativa para reflexão e discussão em aulas de Sociologia no ensino médio, a partir da identificação de temáticas presentes nos contos de Lima Barreto (1881-1920). A relação entre a Literatura e a Sociologia foi apresentada como possibilidade de estudo e aprofundamento teórico e didático, relacionando a historicidade teórica entre estes dois campos do saber. Foi realizada pesquisa sobre obras didáticas na disciplina de Sociologia para relacioná-los a alternativa de uso de Literatura como suporte didático, procuramos identificar acervo sobre a produção contista de Lima Barreto para compreender a disponibilidade de materiais do escritor carioca na escola. Os contos são formados por narrativas breves e podem servir como ferramenta de apoio à prática de leitura, escrita e interpretação textual, e também apresentam potencial para a identificação de temas e relacioná-los ao contexto social, político e econômico do autor. Apresentamos as características da literatura militante de Lima Barreto e a forma como se apresenta através de uma escrita crítica e ideológica que denuncia os problemas sociais de sua época. Sugerimos a construção de um Guia Pedagógico como alternativa para o ensino de Sociologia, evidenciamos apresentar o cotidiano e as narrativas do escritor fluminense e através das temáticas organizar propostas para os professores na apresentação dos conteúdos da disciplina de Sociologia.

**Palavras-chave:** Literatura; Lima Barreto; Contos; Ensino de Sociologia; Guia Pedagógico.

## ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the possibilities of using the short story genre as an alternative for reflection and discussion in sociology classes in high school, based on the identification of themes present in the short stories of Lima Barreto (1881-1920). The relationship between literature and sociology was presented as possibilities for study and theoretical and didactic deepening, relating the theoretical historicity between these two fields of knowledge. Research was carried out on didactic works in the discipline of sociology to relate them to the alternative use of literature as teaching support. We sought to identify a collection of Lima Barreto's short story production to understand the availability of materials by the Rio writer at school. Short stories are made up of brief narratives and can serve as a tool to support the practice of reading, writing and textual interpretation, and also have potential for identifying themes and relating them to the author's social, political and economic context. We present the characteristics of Ima Barreto's militant literature and the way in which it is presented through critical and ideological writing that denounces the social problems of his time. We suggest the construction of a Pedagogical Guide as an alternative for teaching sociology, we highlight the daily life and narratives of the writer from Rio de Janeiro and, through themes, organize proposals for teachers in presenting the contents of the sociology discipline.

**Keywords:** Literature; Lima Barreto; Short Stories; Sociology Teaching; Pedagogical Guide.

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Assinatura da Lei Áurea no Paço Imperial.....	<b>49</b>
<b>Quadro 1 -</b>	Obras disponíveis na escola.....	<b>18</b>
<b>Quadro 2 -</b>	Obras do escritor Lima Barreto disponíveis na escola.....	<b>20</b>
<b>Quadro 3 -</b>	Quadro sobre artigos e dissertações.....	<b>64</b>
<b>Quadro 4 -</b>	Quadro de contos: temas e teorias.....	<b>92</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1	LEVANTAMENTO DOS LIVROS DE SOCIOLOGIA PARA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E OBRAS DE LIMA BARRETO DISPONÍVEIS NA ESCOLA EEMTI. TEODORICO TELES DE QUENTAL.....	17
1.2	MATERIAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA	17
1.3	MATERIAIS DIDÁTICOS DE LIMA BARRETO NA ESCOLA: OBRAS LITERÁRIAS PARADIDÁTICAS.....	20
1.4	O CENÁRIO HISTÓRICO, TEMAS E PERSONAGENS NA OBRA DE LIMA BARRETO.....	21
<b>2</b>	<b>SOCIOLOGIA E LITERATURA.....</b>	<b>27</b>
2.1	POR QUE ESTUDAR A LITERATURA DE LIMA BARRETO? APROXIMAÇÕES BIOGRÁFICAS: UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA....	36
2.2	LIMA BARRETO. UMA VIDA DEDICADA À LITERATURA.....	43
2.3	POR QUE TRABALHAR COM CONTOS?.....	51
<b>3</b>	<b>O USO DO CONTO COMO GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>62</b>
3.1	O USO DO CONTO NO ENSINO MÉDIO NAS DISCIPLINAS: HISTÓRIA E LITERATURA.....	62
3.2	O USO DO CONTO NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA.....	63
<b>4</b>	<b>GUIA PEDAGÓGICO E O USO DE CONTOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.....</b>	<b>72</b>
4.1	O QUE É UM GUIA PEDAGÓGICO.....	72
4.2	O CONTO COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA...	74
4.3	O EXPERIMENTO REALIZADO NA ESCOLA.....	78
4.3.1	<b>Relato da experiência que motivou a pesquisa: leitura, debate e discussão a partir do conto “o pecado”.....</b>	<b>78</b>
4.3.2	<b>Relação com a Data Magna – Feriado da abolição da escravatura no estado do Ceará.....</b>	<b>81</b>
4.3.3	<b>Ferriados para eles, resistência para todos: reflexões despertadas com a leitura do conto e a Data Magna do Ceará.....</b>	<b>84</b>
4.3.4	<b>Em sala de aula: temas mais recorrentes encontrados nos textos dos estudantes após leitura e reflexões sobre o conto.....</b>	<b>85</b>
4.3.5	<b>A seleção dos contos.....</b>	<b>87</b>
4.3.6	<b>O porquê das escolhas dos contos?.....</b>	<b>89</b>
4.3.7	<b>Quadro com os contos selecionados.....</b>	<b>92</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é fomentar a construção de um material didático para os professores que lecionam sociologia na educação básica, possibilitando a utilização de temáticas identificadas a partir de contos literários de Lima Barreto (1881-1920) e relacionando-as aos conteúdos propostos nessa disciplina, permitindo análises e reflexões no exercício da prática docente, debatendo, criticando e desenvolvendo atividades que auxiliem os estudantes e professores na aplicação e compreensão dos conteúdos deste componente curricular.

Os contos de Lima Barreto estão presentes nas bibliotecas escolares e podem ser utilizados para auxiliar o exercício docente dos professores de sociologia, possibilitando abordagens interdisciplinares em sua prática diária de ensino. Buscando contribuir com o exercício da prática docente, oferecemos sugestões de como utilizar contos literários como suporte didático para as aulas de sociologia, facilitando, assim, a apresentação da disciplina para as turmas de ensino médio e sugerindo estratégias didáticas aos professores sobre abordagens de temas sociológicos com o auxílio da literatura.

Nosso objetivo é identificar temáticas presentes em contos de Lima Barreto e apresentá-las a partir de uma abordagem sociológica. Possibilitando a construção de um Guia Pedagógico que ofereça suporte aos professores de sociologia no exercício de sua prática docente. Partindo da análise dos contos, buscaremos identificar os aspectos mais significativos apresentados pelo escritor que nos possibilita refletir e debater formas de apresentação dos conteúdos de sociologia. Descrever atividades e abordagens em sala de aula relacionando temas como fonte de análise sociológica.

Nossa metodologia parte de uma análise de conteúdo por se configurar como uma metodologia de tratamento e análise de informações, compreendida como “hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço da interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade”. (Bardin, 1977, p. 09). Assim, apropriando-se desse recurso metodológico, direcionamos nossa atenção a interpretação dos contos de Lima Barreto, percebendo e identificando temáticas que são ponto de partida para uma análise sociológica presente em sua literatura.

Por se tratar de uma abordagem qualitativa, na medida que possibilita uma interação entre professor e aluno mediado pela prática de ensino, que relaciona conhecimentos de duas áreas distintas, com aproximações teóricas bem significativas, sugerimos uma abordagem interdisciplinar.

A interdisciplinaridade é uma marca especial da Sociologia, em parte pela própria tradição, na medida em que a teoria sociológica se permitiu as mais variadas apropriações por outros campos das ciências sociais e subsidiou reflexões voltadas a especificidade de outras áreas, em parte pelo grande leque de usos possíveis das habilidades que os sociólogos desenvolveram, e continuam a desenvolver, em sua participação no mercado de trabalho. (Guimar Neto, 2012, p. 20)

A construção deste trabalho direciona nossas propostas para a compreensão dos elementos temáticos presentes nos contos, permitindo a abordagem sociológica dos temas identificados. O campo de pesquisa foi determinante para identificar obras e construir as propostas didáticas assim como aplica-las.

Realizamos coleta de material, pesquisas de obras e levantamento dos recursos sobre o ensino de sociologia e obras de Lima Barreto, além da aplicação de propostas didáticas na Escola de Ensino Médio e Tempo Integral Teodorico Teles de Quental em Crato - Ceará. Trabalho nesta instituição a 14 anos e fui estudante de toda a formação básica (infantil, fundamental e médio). A atuação docente neste espaço escolar permitiu acesso aos materiais da biblioteca e aplicação de propostas com os estudantes.

A EEMTI. Teodorico Teles de Quental, é uma das unidades escolares mais antigas da cidade de Crato no interior do estado do Ceará, a escola tem 84 anos de existência, e está localizada em área privilegiada da cidade, possibilitando fácil acesso para os estudantes de zona rural, distritos e bairros periféricos. A escola está em processo de transição do modelo de educação regular para o modelo de integralidade iniciado em 2022. Atualmente a instituição conta com cerca de 360 alunos matriculados no ano de 2024. Essa realidade, ressignifica o currículo e apresenta novos componentes curriculares com duração de tempo de aula maior, que nos permite aplicar propostas didáticas mais demoradas em sala de aula, utilizando mais tempo de aula além dos 50 minutos limite das aulas de sociologia.

Diante das obras literárias encontrados na biblioteca escolar, se destacam os contos que estão à disposição dos estudantes, assim como várias outras obras didáticas e paradidáticas, livros para pesquisas, obras conceituais, dicionários, livros de gêneros textuais, biografias, coletâneas, revistas, materiais teóricos de inúmeras áreas do conhecimento para formação de professores e alunos, são distribuídos para todas as escolas públicas do país de forma gratuita e obrigatória através de programas do governo.

O potencial das obras e materiais de literatura, podem ser absorvidos por outras áreas do conhecimento, é o que propomos com a construção do nosso trabalho, auxiliar e sugerir aos professores uma apropriação interdisciplinar entre Sociologia e Literatura, que possa enriquecer o ensino de Sociologia e sua interpretação sobre a realidade social, permitindo aos professores

aplicar formas e técnicas de ensino, com a utilização de contos literários como ferramenta didática.

Assim, partimos da problemática central: Como relacionar os contos de Lima Barreto aos conteúdos da disciplina de Sociologia? De que forma seria possível aproximar os estudantes do ensino médio as reflexões sociológicas a partir de uma abordagem com a Literatura? Como os contos literários de Lima Barreto podem contribuir para auxiliar os professores no desenvolvimento das aulas e apresentação de temas na disciplina de Sociologia? Estes questionamentos nos auxiliarão a conduzir nosso trabalho no desenvolvimento de propostas e atividades que relacionem a abordagem no ensino de Sociologia com o apoio e auxílio do gênero literário, como instrumento didático direcionado à prática docente.

As coletâneas de contos, integram uma série de materiais didáticos que estão disponíveis nas bibliotecas escolares, enviados através de programas como Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)<sup>1</sup>. A nomenclatura do PNLD apresenta uma característica nova, passou a ser aplicada a partir do decreto de nº 9.099, de 18 de julho de 2017, que unifica as ações dos programas Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Decreto esse que permite a aquisição de materiais diversos para as instituições escolares, além de obras literárias e didáticas, passa a incluir, jogos pedagógicos, softwares, materiais de uso contínuo e apoio à gestão escolar, entre outros.

Os contos de Lima Barreto são fontes inesgotáveis de reflexão crítica do autor e análise social do seu contexto histórico, a escolha como fonte de pesquisa se dá por seu volume considerado de textos escritos nesse gênero textual, sua variedade de temáticas que apresenta potencial crítico e histórico e a dedicação do escritor em apresentar detalhes importantes do contexto social de sua época, ironias, sátiras, críticas e denúncias, transmitidos em escritos curtos e ricos em informações, que favorecem uma leitura rápida e análises aprofundadas de grandes acontecimentos na primeira República.

Outro motivo para a escolha de contos literários, é sua disponibilidade enquanto recurso nas escolas, geralmente variados e distribuídos a partir inúmeros autores com grandes contribuições ao pensamento literário brasileiro, são enviados em grandes quantidades de volumes, o que possibilita a aplicação e suporte para trabalhar com turmas numerosas, mesmo que em alguns casos seja preciso dividir em duplas ou equipes para um aproveitamento de

---

<sup>1</sup> Informações sobre o programa podem ser encontradas no site do Ministério da Educação: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnlid#:~:text=O%20Programa%20Nacional%20do%20Livro,redes%20federal%2C%20estaduais%2C%20municipais%20e>

leitura mais significativo, o quantitativo e disponibilidade de contos literários na escola é fator importante a ser levado em consideração.

A disponibilidade desses materiais em sites, contribuem para suprir sua ausência de obras físicas nas bibliotecas. Por se tratar de obras de livre acesso e domínio público, é possível utilizá-los na íntegra de forma impressa ou digital, realizando downloads e distribuindo para os estudantes, o que nos possibilita realizar intervenções através de metodologias variadas e garantindo um acesso mais eficiente, usando como ferramentas de aprendizagem os seus aparelhos celulares, como também os laboratórios de informática presentes nas escolas para realizar leituras, e os estudantes que não tem acesso às tecnologias podem fazer o empréstimos das obras nas bibliotecas escolares.

A escolha de quais materiais são enviados para a escola não depende do pedido da instituição nem dos professores, mas de acordo com demandas dos programas de políticas públicas voltados para leitura. Na literatura é comum encontrar autores que representam as escolas literárias, e sobre Lima Barreto se destaca sua contribuição para o período compreendido como pré-modernismo.

Encontrar obras deste intelectual nas bibliotecas escolares é relativamente comum. Apesar de, em muitos casos, ter destaque para os romances mais famosos, entre eles: *O Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1917) e *Clara dos Anjos* (1948), três obras fundamentais do escritor encontradas com frequência nas bibliotecas. As compilações dos contos, também estão presentes, mesmo que não estejam todos os seus contos. É comum encontrar obras com seleções dos principais contos deste intelectual, com destaque para *A nova Califórnia* e *O homem que sabia javanês*, contos mais conhecidos do escritor, contudo, essas compilações apresentam os contos sem aprofundamentos.

O que nos inspira para a realizar uma seleção e indicação de alguns contos que melhor se aproximaria de uma reflexão com potencial temático para a análise sociológica, que possibilite compreender o contexto de sua época, temas comuns que inspiram as reflexões de Lima Barreto, sobre a República, escravidão, o cotidiano de pessoas pobres e negras abandonados pelo poder público em favelas e subúrbios, o cenário urbano e rural do Rio de Janeiro do início do século XX, as críticas aos círculos jornalísticos, intelectuais e políticos da época e as demandas sociais de uma população pobre, sem privilégios, que Lima Barreto apresenta em seus textos.

Por sinal, os contos condensam um pouco de tudo. Por vezes, neles encontramos versões resumidas do que seriam futuros livros; ou pequenas drágeas de temas

insistentemente retomados no conjunto da obra: a violência dos métodos eugênicos, o estado de policiamento, a falsidade de uma elite adepta de modas estrangeiras, o artificialismo de nossa literatura, a fragilidade dos políticos e das instituições; os grandes processos de isolamento vivenciados pela população pobre e nomeadamente negra, e, ainda mais, essa " República que não foi". (Schwarcz, 2010, p. 44)

Também como justificativa para a escolha do conto literário como recurso didático, é o fácil acesso aos estudantes, por sua versatilidade de temas, tamanho dos textos e possibilidade de aprofundamento da leitura e interpretação, reforçando seu potencial interdisciplinar, importante característica que possibilita leituras políticas ou históricas, ampliando reflexões sobre temas nas aulas de sociologia.

Outro elemento é sua natureza estilística, desde o romantismo, os contos assumem características filosóficas, econômicas, psicológicas e apresentam problemas e situações que partem desde o aspecto fantasioso até uma leitura mais realista e crítica da realidade social. Lima Barreto evidencia essas características, “seus contos, em maior ou menor grau, são exemplos de relações e interações entre modos tradicionais de narrar e as especificidades do denominado conto moderno” (Rosso, 2010).

Os contos também podem apresentar graus de complexidade que permite aos estudantes exercitar a capacidade interpretativa e aperfeiçoar a leitura com o auxílio do professor. Lima Barreto consegue relacionar personagens, biografias, denúncias e crítica social de forma esclarecedora, apropriando-se de uma linguagem popular e muitas vezes informal, apresentando e representando uma parte da população excluída socialmente.

Diante das problemáticas identificadas na educação, uma que se destaca é a dificuldade de leitura e interpretação de textos, problema este que acarreta prejuízos de aprendizados em qualquer disciplina e, para tanto, buscamos aproximar ainda mais os estudantes ao exercício da leitura, sugerindo conexões entre a leitura, interpretação e imaginação sociológica<sup>2</sup>. As propostas de atividades e análises dos contos tenta estabelecer essa distinção e direciona para uma compreensão de temáticas com apropriação de abordagem metodológica proposta na sociologia.

---

<sup>2</sup> “Conceito elaborado pelo sociólogo norte-americano C. Wright Mills (1916 – 1962), chamou a habilidade de se perceber a conexão existente entre problemas pessoais e estruturas sociais de imaginação sociológica”. (BRYM, 2013, p. 10 ... [et. al.] )

## 1.1 LEVANTAMENTO DOS LIVROS DE SOCIOLOGIA PARA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E OBRAS DE LIMA BARRETO DISPONÍVEIS NA ESCOLA EEMTI. TEODORICO TELES DE QUENTAL

O propósito deste capítulo é apresentar quantas e quais são as obras didáticas para formação do professor de sociologia e acervo literário de Lima Barreto disponíveis na escola, contextualizamos a organização do acervo escolar voltados para compreender quais são as obras de Sociologia e Literatura, relacionando a importância deste acervo e sua contribuição para orientação do professor.

Dividido em dois tópicos, distribuímos, em forma de quadros, as obras e quantidades de volumes encontrados na EEMTI Teodorico Teles de Quental. Este acervo pode contribuir para o entendimento de que as escolas devem possuir uma estrutura bibliográfica que atenda as demandas dos professores, estimulando e proporcionando a pesquisa através de todos os meios, livros impressos e digitais, com qualidade.

## 1.2 MATERIAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

Buscamos aqui apresentar os livros e obras que são destinados à formação dos professores de Sociologia disponíveis na EEMTI. Teodorico Teles de Quental, assim como as obras de Lima Barreto a disposição para leitura dos estudantes. Dessa forma, é imperativo evidenciar quais são os materiais didáticos disponíveis aos professores e alunos que permitam uma apresentação dos contos de Lima Barreto aos alunos e quais os livros de formação de professores de Sociologia que possibilitem um aprofundamento em suas formações. Encontramos, no Centro de Múltiplos Meios (biblioteca) escolar, os materiais consultados e realizamos uma organização para melhor visualização em forma de quadros.

A EEMTI. Teodorico Teles de Quental tem o “Centro de Múltiplos Meios” como o espaço destinado a receber, acomodar e distribuir todos os materiais didáticos e livros da escola. Encontramos um quantitativo de (17) livros para formação de professores em sociologia, esses materiais oferecem suporte teórico destinados à formação teórica do professor, reflexões sobre a prática docente, apresentação conceitual de temas, teorias correntes de pensamento da Sociologia, livro didático do aluno e sugestões de apresentação dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

O quadro abaixo, apresenta obras identificadas com títulos, editoras e autores, e o quantitativo de livros disponíveis no centro de múltiplos meios da escola voltados para a formação de professores de Sociologia.

**Quadro 1** - Obras disponíveis na escola.

N <sup>a</sup>	Obra disponíveis para formação de professor em Sociologia	Quantidade
01	<b>Sociologia e Ensino em Debate – experiências e discussão de sociologia no ensino médio</b> – org. Lejeune Mato Grosso de Carvalho. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.	02 unidades
02	Programa de Consolidação das licenciaturas – PRODOCÊNCIA URCA/CAPES. <b>Série temas e perspectivas teórico-metodológicas em sociologia</b> . Domingos Sávio Cordeiro (organizador). Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013. - Aprendendo a Pensar a Sociologia com os Clássicos da Sociologia (volume I); - O trabalho do pesquisador: introdução aos procedimentos de pesquisa em Sociologia. (volume II); - Experiências com educação em Sociologia: Atividades Curriculares e socioeducacionais (volume III); - Temas contemporâneos em Sociologia. (volume IV).	02 coleções
03	<b>Educar pela Sociologia: contribuições para formação do cidadão</b> . Guimarães Neto, Marcos Arcanjo de Assis e José Luis Braga Guimarães. Belo Horizonte: RHJ, 2012.	03 unidades
04	JOHNSON, Allan G. <b>Dicionário de Sociologia: Guia prático da linguagem sociológica</b> . Tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.	01 unidade
05	MORAES, Amaury César. <b>Sociologia: ensino médio</b> . Coordenação Amaury César Moraes. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p.:il. (Coleção Explorando o Ensino; v.15)	03 unidades
06	<b>Sociologia em sala de aula: diálogos sobre ensino e suas práticas/</b> Fagner Carniel, Samara Feitosa, Rodrigo Rosistolato...[et al.]. Base Editorial – Curitiba: Base editorial, 2012.176p.:il.col.;23cm	02 unidades
07	MEKSENAS, Paulo. <b>Sociologia</b> . Cortez Editora. Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação Geral, 1994.	01 unidade
08	COHN, Gabriel. (org.) <b>Sociologia para Ler os Clássicos</b> . Rio de Janeiro. Azougue Editorial, 2009	01 unidade
09	ADORNO, Theodor W. <b>Lições de Sociologia</b> . Lisboa: Edições 70, 2004.	01 unidade
10	TOMAZI, Nelson Dácio. <b>Iniciação à Sociologia</b> – Nelson Dacio Tomazi (Coordenador). [et al] 2 ed. Ver. ampl. São Paulo: Atual, 2000.	01 unidade
11	BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. <b>Conhecimento e imaginação: Sociologia para o ensino médio</b> . Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Tania Quintaneiro, Patricia Riveiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Práticas Docentes, 4)	01 unidade
12	TOMAZI, Nelson Dácio. <b>Sociologia para o Ensino Médio</b> . Editora Saraiva. 2ª edição. 2010, (Volume Único).	01 unidade
13	OLIVEIRA, Pércio Santos. <b>Introdução à Sociologia - ensino médio</b> . São Paulo: <i>Ática</i> , 2010	01 unidade

14	DIAS, Agemir de Carvalho e PARRA, José Luciano Ferreira de Almeida Silvia. <b>Ensino médio - Sociologia Estudo sobre a realidade social</b> . Ed contexto. Volume único, 2010.	01 unidade
15	FORACCHI, Marialice Mencarini e MARTINS, José de Souza. <b>Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia</b> . Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos. (25 triagens) FNDE, 2008.	01 unidade
16	GIDDENS, Anthony. <b>Sociologia</b> . Porto Alegre, Artmed, 2005.4ª ed.	01 unidade
17	EDIC. <b>Sociologia no Ensino Médio</b> . Direção: Paulo Aspis; Roteiro Amaury César Moraes e Nelson D. Tomazi; Edição: Luciana Sperandio. S/D, Belo Horizonte, MG	01 unidade

Elaboração própria. Fonte: Centro de multimeios da EEMTI Teodorico Teles de Quental. Crato-Ce. Dados obtidos em: 14/04/2023.

O levantamento do número de livros com a finalidade de formação de professores ou materiais didáticos para a disciplina de Sociologia, é importante para entendermos quais são as obras que os professores podem consultar para o aperfeiçoamento de sua prática docente em sala de aula. Carniel (2020), afirma: “No Brasil, grande parte do conhecimento sociológico produzido sobre materiais didáticos está concentrado no estudo de um objeto específico: os manuais escolares”. (Carniel, 2020, p. 216).

Ao passo que o autor apresenta essa informação, no levantamento realizado na escola, nos revela que precisamos ainda mais, de materiais voltados para essa dinâmica de ensino, de modo que ofereça orientações e sugestões complementares e diversificadas com possibilidades de ampliar as abordagens no ensino de Sociologia.

A ausência de materiais com propostas didáticas, mais voltadas para o exercício da prática docente, impulsiona o professor a utilizar livros mais teóricos e permanecer na forma tradicional de ensino, copiando conceitos e teorias no quadro e explicando em seguida. O que não é problema, visto que a aula expositiva é um método mais utilizado de abordagem em sala de aula.

Nesse sentido, é comum o professor construir sua aula mais direcionada para a exposição oral com as aulas expositivas dialogadas como recurso de ensino. Quando nos propomos a trabalhar com temas sociológicos, todas as estratégias são válidas, mesmo as mais conservadoras. (Sarandy, 2012) afirma: “É importante lembrar que a aula expositiva, que alguns julgam ultrapassada, nada mais é do que uma técnica pedagógica para a abordagem de um determinado conteúdo, sendo inclusive a parte principal de todo e qualquer trabalho didático” (Sarandy, 2012, p. 34).

As possibilidades didáticas para apresentar e discutir temas sociológicos pode diversificar entre os educadores. Nossa sugestão é direcionar o estudo do conto para a compreensão dos acontecimentos e fenômenos sociais, discutindo os temas com os estudantes e inspirados na leitura dos contos. O professor pode solicitar produções escritas, trabalhar com a construção de maquetes, construir murais sobre os temas dos contos ou criar pequenas peças teatrais e monólogos com base nas falas dos personagens de Lima Barreto. As possibilidades são múltiplas e a parceria com a interdisciplinar contribui para o desenvolvimento de ações que exigem tempo maior de realização para os conteúdos da disciplina de Sociologia.

### 1.3 MATERIAIS DIDÁTICOS DE LIMA BARRETO NA ESCOLA: OBRAS LITERÁRIAS PARADIDÁTICAS

A disponibilidade de livros paradidáticos para os estudantes é diversificada e constantemente atualizada, várias obras literárias estão disponíveis nas escolas e em algumas situações são doadas para os estudantes, quando há acúmulo de livros ou revistas em grandes quantidades.

Realizamos um breve levantamento do número de obras do escritor Lima Barreto disponíveis na escola. Encontramos o quantitativo de 91 exemplares distribuídos em cinco obras de destaque do escritor, Triste fim de Policarpo Quaresma (Romance), Clara dos Anjos (Romance/conto), Recordações do escrivão Isaias Caminha (Romance) e O homem que falava javanês (contos), Cinco Mulheres (coletânea de contos). Conforme apresenta o quadro abaixo.

**Quadro 2 - Obras do escritor Lima Barreto disponíveis na escola.**

Nº	Obras	Quantidade	Editoras
1	O homem que sabia javanês e outros contos	11 exemplares	Coleção clássicos de ouro – Ediouro
2	Recordações do escrivão Isaias Caminha	26 exemplares	Pinguim Editora
3	Cinco Mulheres – Lima Barreto. Organização. Daniel Piza (Coletânea de contos)	01 exemplar	Coleção leitura - Editora Paz e Terra
4	Clara dos Anjos	01 exemplar	Coleção “Os clássicos” – ABC Editora
5	Triste fim de Policarpo Quaresma	05 exemplares	coleção: Autores clássicos para 1º e 2º graus e vestibulares – Editora Edelbra
		07 exemplares	Coleção é só o começo J&PM Editores
		40 exemplares	Coleção Projeto ler é viver a história. 1º ed. Fortaleza Brink Brasil. 2018.

Quadro 2 - Elaboração própria. Fonte: Centro de multimeios da EEMTI Teodorico Teles de Quental. Crato-Ce. Dados obtidos em: 14/04/2023.

Notamos que os estudantes têm acesso a obras clássicas e consagradas do autor, duas delas são coletâneas de contos que estão disponíveis na escola. A coletânea intitulada “O homem que sabia javanês e outros contos” com onze livros, e um exemplar de “Cinco mulheres” que apresenta cinco contos sobre personagens femininas da obra de Lima Barreto, Clara dos Anjos está disponível como romance, também existe o conto com mesmo nome.

Este quantitativo demonstra a necessidade de aprofundar a relevância dos contos de Lima Barreto enfatizando a sua importância literária, que marca um período histórico de grandes transformações, relevantes para a literatura brasileira, situando-se no que entendemos por pré-modernismo (período de intensas transformações que marcou a transição do simbolismo para o modernismo).

Lima Barreto apresenta características de “despreocupação literária que revela no tratamento da linguagem, não raro displicente” Cândido; Castello (1979), essa postura de assimilar características não formais em sua escrita e resgatar da experiência elementos do cotidiano, se aproximando do popular, faz deste intelectual um ícone de admiração para os futuros modernistas, “estas características situam a sua obra numa posição de reação a atitudes anteriores, suficientes para fazer dele um escritor reconhecido e mesmo preferido pelos modernistas” (Cândido; Castello, 1979, p. 269)

Sobre a produção de contos de Lima Barreto, Barbosa (2017) apresenta a obra que compila esse gênero narrativo, “História e sonhos” (1920). Os textos mais significativos em formato de contos, com características diretas, e críticas, que apresentam leituras curtas e rápidas, poderiam ser o cartão de visitas para apresentar um intelectual do porte de Lima Barreto e estimular a leitura com mais eficiência sobre esse autor.

#### 1.4 O CENÁRIO HISTÓRICO, TEMAS E PERSONAGENS NA OBRA DE LIMA BARRETO

O cerne da produção literária de Lima Barreto, está marcado pela escrita de um negro que percebe sua realidade como fonte criativa. Através de abordagens do cotidiano, revela experiências próprias, aponta para a reflexão crítica sobre o panorama político vivenciado ou analisado. Apresenta fatos e acontecimentos relevantes para a sua formação humana, e exposição de figuras públicas, com forte inclinação irônica e satírica, revelando fraquezas e comportamentos da elite intelectual, econômica e política, assim como despontando a contra parte, personalidades ocultas, pobres e incógnitos que ganham espaço nas obras romanescas, crônicas e contistas do intelectual carioca.

O professor Nicolau Sevcenko (1952-2014) na obra *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república*, 1999, retrata o panorama de transformações sociais evidenciados na Belle Époque<sup>3</sup> e as contribuições literárias de Lima Barreto e Euclides da Cunha, dois grandes intelectuais contemporâneos, que estabelecem as bases de uma literatura moderna, e evidencia temas pouco explorados na literatura da época.

Com leitura aprofundada da obra de Lima Barreto, o professor Sevcenko (1999), nos apresenta temas, ambientes e personagens mais característicos presentes nos escritos literários de Lima Barreto. A importância do seu trabalho reforça e resgata os paradigmas que permitem compreender o olhar crítico literário, emergente da contribuição desse intelectual, que empenha e evidencia um olhar histórico-crítico, mostrando a realidade do pobre, do negro, do sertanejo, enfim, apresentando o cotidiano dos excluídos e invisibilizados socialmente.

Apropriando-se da escrita literária como uma bússola que orienta inúmeras perspectivas de análises e conjunturas, “um retrato maciço e condensado do presente, carregado do máximo de registros e anotações dos vários níveis em que o saber do seu tempo permitia captar e compreender o real” (Sevcenko, 1999). Lima Barreto evidencia um olhar analítico sobre as mazelas de sua época, as desigualdades sociais que assolavam a primeira república, o panorama político e as relações de poder na capital fluminense e o papel da mídia e as relações de poder entre os diversos públicos que compunham o Rio de Janeiro do início do século.

Sua condição de observador e crítico do Brasil, dos subúrbios e do cotidiano carioca, lhe permitia enxergar inúmeras possibilidades de discussões, “a realidade, diria o escritor parafraseando Dostoievsky, é mais fantástica do que tudo o que a nossa inteligência possa fantasiar”. (Sevcenko, 1999). O panorama de discussões propostas por Lima Barreto surge do seu contato e vivência diária nos subúrbios cariocas, elabora críticas e abordagens dos temas e personalidades sobre os quais escreve e vivencia, principalmente porquê conseguia estabelecer uma relação entre os contrários, a elite e os pobres, os políticos e os cidadãos, o morador da cidade e o do campo, o intelectual e o analfabeto.

A galeria de seus personagens é uma das mais vastas e variadas da literatura brasileira. Destacam-se nela, em particular, os tipos escusos e execrados – mas, mesmo estes se perdem dentre uma legião de figuras representativas dos mais diversos meios. São burocratas, apaniguados, padrinhos, “influências”, grandes, médios e pequenos burgueses, arrivistas, charlatões, “almofadinhas”, “melindrosas”, aristocratas,

---

<sup>3</sup> Segundo, Lima (2017), O marco inicial da Belle Époque brasileira pode ser colocado em 1889 com a Proclamação da República, mas apenas com o governo de Campos Sales (1898- 1902) e a sua reforma federalista – que deu mais estabilidade política e econômica ao Brasil – que a elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. (Lima, 2017, p. 5)

militares, populares, gente dos subúrbios, operários, artesãos, caixeiros, subempregados, desempregados, violeiros, vadios, mendigos, mandriões, ébrios, capangas, cabos eleitorais, capoeiras, prostitutas, policiais, intelectuais, jornalistas, bacharéis, ex-escravos, agregados, criados, políticos, sertanejos, moças casadeiras, noivas, solteironas, recém – casadas, mulheres arrimo de família, crianças, casais, loucos, tuberculosos, leprosos, criminosos, adúlteros, uxoricidas, agitadores, estrangeiros, usurários, mascates, grandes e pequenos comerciantes, atravessadores, banqueiros, desportistas, artistas de teatro, cançonetistas, coristas e alcoviteiras. É praticamente todo o Rio de Janeiro do seu tempo que nos aparece agitado e tenso, condensado mais nos seus vícios do que nas suas virtudes. Todas as personagens trazem a marca do seu meio e constituem o objeto privilegiado da crítica social do autor. Nenhum aparece de forma inócua ou decorativa, todos concorrem para consagrar o destino “militante” da sua literatura. (Sevcenko, 1999, p. 162-163).

Essa variedade de personagens e dinâmica de oposições, permitia que Lima Barreto, apresentasse em seus textos comportamentos e práticas de variadas origens, comumente percebidos no cotidiano carioca, como o malandro, o oportunista, o sábio, a rezadeira, o intelectual, o moleque, personalidades refletidos em todos os seus textos, descritos em contos e debatidos os comportamentos de pessoas comuns que não desempenhavam papéis sociais de grande destaque, mas que ganham representação e visibilidade em seus escritos pelo fato de existir.

Lima Barreto evidencia e apresenta em suas obras o cotidiano de pessoas comuns, resgatando sobretudo, aquelas que sofreram apagamentos sociais, invisibilizadas socialmente, excluídas da história por suas condições econômicas, étnicas e culturais. Sua literatura é ferramenta de resistência, resgate cultural e biográfico dos excluídos, um verdadeiro instrumento de militância e reconhecimento da população pobre, “a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (Bakhtin, 2017, p. 11). Lima Barreto, apresenta sua realidade, aquilo que o define, os subúrbios e sua gente, repleta de humildades, sonhos e histórias, não romantiza essa dimensão, a apresenta de forma clara, objetiva e realista.

Nesse sentido, ele nos oferece uma literatura poderosa, engajada e militante, evidenciando em suas temáticas discussões relevantes para a análise sociológica e compreensão crítica dos aspectos excludentes e os motivos da negligência do poder público sobre a grande parte população.

(...) ele exprimiu um ideal patriótico que se objetivou na visão quixotesca, ou melancolicamente caricatural, de padrões, valores e instituições nacionais, no funcionalismo público, na política na vida militar, na imprensa e até no ambiente rural. Tornou-se dominante a sua preocupação crítica nesse sentido, a ponto de muitas vezes imprimir à sua obra um caráter panfletário e de se fazer excessivamente presente nela. (Candido; Castelo, 1979, p. 269)

Seus escritos apresentam várias faces da população fluminense, sobretudo os povos desassistidos socialmente pelo poder público, abandonados à própria sorte em subúrbios e favelas na então capital da república e revela o convívio diário no Rio de Janeiro ambíguo, social e geograficamente, que apresenta uma dimensão urbana com a cidade que busca se modernizar, sofrendo fortes influências culturais externas que a direcionava para a industrialização, crescimento urbano, mudanças arquitetônicas em casas e prédios, atrelada a uma padronização de ruas e embelezamento urbano, movido por ideais europeus, revelados com a *Belle Époque*.

Ao passo que a dimensão, suburbana, periférica, rural e agrícola do Rio de Janeiro era revelada em seus textos e apresentando características intensas de desigualdades entre ricos e pobres, destacando o convívio de trabalhadores humildes do interior e operários dos grandes centros carioca, seus cotidianos e a nítida diferença entre os ricos fazendeiros com suas influências no cenário político e econômico do país e a população pobre e trabalhadora, dependente do poder público ausente, sem escolaridade, riquezas ou influências, despejados em subúrbios, ou vivendo de favores, apadrinhados e muitas vezes explorados por membros das elites políticas, econômicas ou militares, e em inúmeros casos pessoas pobres e negras vivendo nas ruas totalmente abandonadas.

Os cenários e ambientes se destacam em sua literatura, e revela a preocupação, inspiração e criticidade de Lima Barreto, são eles:

Os ambientes em que Lima Barreto vai buscar e apresentar os seus heróis e vilões são também os mais diversos e desnivelados. Suas descrições envolvem: interiores domésticos burgueses e populares, estabelecimentos de grande e pequeno comércio, cassinos e bancas de jogo do bicho, festas e cerimônias burguesas, cosmopolitas, cívicas e populares, bares, malocas, bordéis, alcovas, pensões baratas, hotéis, freges, pardieiros, repartições públicas, ministérios, gabinete presidencial, cortiços, favela, prisões, hospícios, redações, livrarias, confeitarias, interior de navios, trens, automóveis e bondes, zonas rurais, ruas, praias, jardins, teatros, cinemas, estações ferroviárias, pontos de bondes, cais, portos, escolas, academias, clubes, ligas cívicas, casernas, cabarés, cemitérios, circos, teatros de marionetes, tribunais e oficinas. Ainda aqui se verifica como a preocupação do autor é abranger o maior volume possível da realidade social, introduzindo, inclusive e sobretudo, as suas várias físuras e tensões. Sua atenção escapa do cenário de mármore e cristal montado no centro da cidade e reservado para a convivência e sociabilidade dos beneficiados com as recentes transformações históricas, para deter-se – demoradamente – na realidade enfermeira que se oculta por detrás daquela fachada imponente. É novamente o efeito chocante e a instigação ao leitor que o escritor enceta. (Sevcenko, 1999, p. 163)

Este aspecto marcante do cotidiano revela um método de abordagem de Lima Barreto, apresentado por (Sevcenko, 1995) como uma poderosa “exposição do presente”, semelhante a um “vórtice de situações históricas”. Para Barreto, essa representação da realidade é uma expressão poderosa das transformações culturais da realidade, recheada de “feição

expressionista” que “exacerba suas próprias características”, torna-se uma representação fiel da realidade, mostrando a crueza do cotidiano.

Essa exposição do presente como vórtice de situações históricas exemplares, trazia consigo a dupla consequência de sugerir mimeticamente a intensificação insólita dos processos de transformações contemporâneos à sua obra, de introduzir uma feição expressionista em suas imagens, pela exacerbação das suas próprias características. O real assim construído perderia o aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinalava, provocando a ausência indiferente dos indivíduos, para mostrar-se em toda crueza da sua nudez repentina. (Sevcenko, 1995, p. 161-162).

Este vínculo metodológico de abordagem da realidade, lhe permitia apresentar sem máscaras como era a realidade em seu entorno, assim podendo transmitir ao leitor a possibilidade de se conectar com a obra, por sua proximidade com o real, ao passo que analisa e compreende a ficção representada nos textos literários como o reflexo e retrato da realidade biográfica vivida pelo autor, que não distingue cultura da ficção, mas se apropria de ambas para incitar desconstruções e provocações.

As temáticas em seus textos, estão centralizadas nessa mesma perspectiva, norteando o convívio de Lima Barreto com o presente, passado e futuro. Sua construção literária resgata temas fortes e atuais, quanto em seu tempo, muitos dos quais passavam por processos de apagamento históricos ou esquecimento coletivo.

Diante dos temas mais relevantes propostos pelo literato, o professor Nicolau Sevcenko, 1999, nos apresenta os temas mais recorrentes propostos na literatura dos pré-modernistas, e Lima Barreto nos fornece elementos indispensáveis para a reflexão sociológica. Os temas mais recorrentes que esse grande intelectual reflete em seus textos, estão difusos em toda a sua obra literária, é importante compreendê-los, e situar toda sua produção sem distinções, pois suas temáticas estão presentes em contos, crônicas, sátiras, artigos, romances e cartas. Em parte, a magnitude da produção desse intelectual está revelada através de suas temáticas.

O temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; críticas social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. Praticamente tudo o que de mais relevante oferecia à realidade de sua época, como se pode perceber. E todos esses temas são refletidos de tal forma enovelados em seus textos, que não se pode dissociá-los ou isolar algum deles sob pena de se comprometer o efeito grandioso propiciado pelo seu concerto. Tudo concorre para compor um imenso mosaico, rude e turbulento, que despoja a Belle Époque de seus atrativos de opulência e frivolidade. (Sevcenko, 1999, p. 162)

A reflexão sobre o pensamento de Lima Barreto, apresenta sua experiência como estudioso do cotidiano carioca, destacando-o como referência em descrição dos subúrbios, bairros pobres e mazelas sociais da população preta e marginalizada, favorecendo, destacar e incluir pessoas comuns, com papel de destaque em obras literárias. Quando apresenta o cotidiano da população pobre e torna-os protagonistas em suas obras, essa característica destaca a relevância de temas comuns e atuais para a reflexão e a abordagem sociológica que permita uma aplicação em sala de aula.

## 2 SOCIOLOGIA E LITERATURA

Este capítulo visa apresentar a relação entre Sociologia e Literatura, as contribuições de alguns pensadores, concepção de literatura e abordagens literárias. Além disso, serão evidenciadas algumas das principais contribuições de autores que se destacam com pesquisas direcionadas à compreensão da literatura e da sociedade. Pensadores que corroboram para o surgimento do campo de pesquisa conhecido por Sociologia da Literatura.

Estabelecer a relação entre Literatura e Sociologia é reconstruir um percurso de grandes contribuições e conflitos entre áreas do conhecimento que, por vezes, se afirmam em seus respectivos campos, estabelecendo limites epistemológicos e temporais que as tornam divergentes, “as relações entre a Sociologia e a Literatura sempre foram algo tensas, tendo, por vezes, assumido ares de disputa” (Teixeira, 2018, p. 17).

O que entendemos por “Literatura”? No livro, “*Literatura e Sociedade*”, escrito por Adriana Facina (1971), a literatura é pensada como “campo das letras que conquistou certa autonomia e especialização no mundo contemporâneo, destacando-se do que se costumava denominar “belas letras” e que incluía, além da poesia e do romance, a filosofia, a história, o ensino político ou religioso” (Facina, 2004, p. 07). A autonomia deste saber, através de um campo com suas regras próprias possibilitou compreender duas dimensões: uma mais erudita e outra popular, permitindo o entendimento sobre o que ela é ou como pode ser entendida. Assim:

Em sentido mais amplo, a Literatura está presente na vida de todos nós, tanto nos devaneios cotidianos quanto nas formas mais espontâneas de expressão cultural, como o folclore, as narrativas orais etc. Em sentido estrito, a literatura é uma forma artística produzida historicamente para expressar, pelo trabalho estético com palavras, os sentimentos e as ações humanas. (Correa; Hess; Rosa, 2019, p. 13)

Essa definição nos permite refletir como a literatura se aproxima dos estudos das ciências sociais. Os fatores externos, lutas pessoais, traumas dos escritores, tempo e lugares que ocupavam socialmente, são decisivos para a compreensão literária, analisada profundamente sobre o olhar crítico sociológico o que nos permite aprofundar a interpretação da “literatura como reflexo artístico da realidade histórica e social” (Correa; Hess; Rosa, 2019).

Um dos maiores estudiosos da relação entre Literatura e sociedade e que contribuiu com a propagação de estudos que relacionam Sociologia e Literatura no Brasil, foi o Sociólogo e crítico literário, Antônio Cândido (1918 - 2017). Autor de grande acervo de obras científicas, Cândido, em seus textos, apresenta as particularidades da literatura analisada pelo prisma sociológico e literário, a sociedade brasileira. Contextualiza a historiografia da

literatura brasileira e mundial, contribuindo para o engrandecimento da literatura, apresentando a diversidade de estilos e escolas e constrói espaços que favorecessem o crescimento e a popularização do acesso à literatura e a arte, compreendidas como direitos humanos “incompressíveis”<sup>4</sup>, estando, no mesmo patamar, das necessidades básicas que todo ser humano precisa e não lhes pode ser negada.

Sobre a trajetória de Antônio Cândido, (Oliveira, 2011) afirma:

(...) os quase setenta anos dedicados por Antônio Cândido à crítica literária; a autoria de Formação da literatura brasileira, obra clássica praticamente desde o seu lançamento; a criação do suplemento literário do matutino paulista O Estado de São Paulo; a ampliação e consolidação dos estudos de teoria literária no Brasil, através da criação da cadeira da disciplina na USP; a criação do ILEL, Instituto de Linguística e Estudos Literários da Unicamp. Trata-se, ainda, do autor de uma produção esparsa que, ininterrupta, se espalhou por centenas de publicações brasileiras e estrangeiras, permitindo que algumas gerações de leitores admirassem em processo as mesmas qualidades que suas obras mais conhecidas só consolidariam. (Oliveira, 2011, p. 11 apud Dantas, 2002, p. 10)

Antônio Cândido (2000) é um dos principais pensadores brasileiros que estabeleceu a relação entre literatura e sociedade. Tornou-se, assim, por dizer, um dos maiores críticos literários do país. Formou escola de críticos literários, influenciando diversos pesquisadores no país. Desta feita:

Acrescente-se que a longa militância na crítica literária e no ensino redundou na formação de parte expressiva dos críticos literários ativos hoje no País, em grande parte seus ex-alunos nos cursos de graduação e pós-graduação; ou aprendizes à distância através das mais de duas dezenas de livros que publicou, que constituem juntamente com seus textos esparsos —o maciço central da crítica brasileira—. Isso, sem mencionar o longo magistério na Sociologia da FFLC da Universidade de São Paulo — entre 1942 e 1958 foi professor assistente na cátedra de Sociologia II, regida por Fernando Azevedo — e a exemplar produção intelectual nessa área, em que se destaca o estudo do caipira paulista, coroada pela obra Os parceiros do Rio Bonito, de 1954. (Oliveira, 2011, p. 12 apud Dantas, 2002, p. 7).

A autoridade de Cândido (2000), nesse campo de estudo, é reforçada por sua presença em inúmeros trabalhos acadêmicos que almejam apresentar a literatura brasileira e ampliar debates e pesquisas sobre a sociologia nas obras literárias, reforçando a proximidade entre as áreas de estudo.

---

<sup>4</sup> Antônio Cândido apresenta os conceitos de “bens compressíveis e “incompressíveis” do sociólogo, economista e humanista francês Louis - Joseph Lebrét (1897-1966), apresentado no ensaio O Direito à Literatura (1988), onde discute o tema Direitos humanos e a Literatura, e defende a literatura como um direito humano incompressível. CÂNDIDO, A. Vários Escritos. 5ª edição. Corrigida pelo autor. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011.

A produção acadêmica, de Antônio Cândido, é marcada por obras densas e grandes estudos detalhados sobre a literatura, sua historicidade, e características de cada período literário. Destacam-se dentre suas principais obras: *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, Editora José Olympio, 1964 (Tese de Doutorado); *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, Companhia Editora Nacional, 1965; *A educação pela noite e outros ensaios*, Editora Ática, 1987; *O discurso e a cidade*, Duas Cidades, 1993; *Formação da literatura brasileira*, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, entre outras.

Antônio Cândido (2000) nos apresenta a sua definição de literatura registrada em conferência intitulada *O Direito à Literatura* de 1988. Antônio Cândido compreende literatura como sendo:

(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (Candido, 2001, p. 176)

Sua compreensão de literatura envolve inúmeras formas de manifestações artísticas que possa simbolizar algo a alguém, ele continua mais adiante:

O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (Cândido, 2001, p. 176 -177)

O entendimento dessa concepção de literatura parte da perspectiva de “manifestação universal dos homens”. Nesse sentido, Cândido (2000) também entende que a literatura tem funções imprescindíveis que explica o papel mais humanizador, que reflete sentimentos, vivências e criações. O crítico literário, compreendendo três características como função da literatura: “(1) uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. (Cândido, 2001, p. 178-179).

Entender a função da literatura é uma forma de percebê-la como “reflexo artístico da realidade”. A literatura, “exerce uma função insubstituível na vida social, refletir fielmente para os homens a realidade em sua unidade contraditória” (Correa; Hess; Rosa, 2019, p. 18)

A reflexão sobre a Literatura e Sociologia têm significativas contribuições de intelectuais que se destacaram com produções acadêmicas sobre a temática e sua relação, evidenciando as contribuições dos fatores sociais com o texto literário, refletindo sobre a sociedade, o escritor, suas motivações, personagens e até fatores psicológicos, relacionando aos aspectos estéticos da obra, permitindo o entendimento e aprofundamento desse debate:

Este interesse dos pensadores em compreender as relações entre literatura e sociedade não é recente, embora tenha tomado mais fôlego, principalmente, na segunda metade do século XX, com a publicação, na França, em 1963, de *A teoria do romance*, de Georg Lukács, bem como dos estudos, ainda na década de 1950, de Lucien Goldmann, um dos mais atuantes divulgadores dos estudos sociológicos aplicados à literatura. Segundo Jean-Yves Tadié, o que hoje podemos chamar de *sociologia da literatura* teria suas origens teóricas ainda em princípios do século XIX. (Araújo Neto, 2007, p. 16)

Reflexões de natureza coletiva tornam-se o ponto de partida para o estudo da literatura e sociedade, estabelecendo uma conexão sobre os elementos sociais e o posicionamento crítico do escritor, essa coletividade é a base da interpretação de Lucien Goldman (1913-1970), que entende que “o verdadeiro sujeito da criação literária, é o sujeito coletivo, pois este expressa as necessidades e a consciência empírica de um grupo ou classe social, captando as “estruturas significativas do processo histórico” (Facina, 2004, p. 33). O autor apresenta interpretação fundamental que direcionou uma série de estudos no meio acadêmico, talvez o que mais caracterizou o desenvolvimento de estudos em sua perspectiva mais tradicional:

A sociologia literária tradicional, que aliás continua a dominar em grande escala o ensino universitário, esforçava-se por estabelecer relações entre o *conteúdo* da obra literária e o *conteúdo* da consciência coletiva, ou seja, as maneiras como os homens pensam e se comportam no dia a dia. (Goldmann, 1966, p. 11)

A interpretação de Goldmann (1966), é norteada por processo de reconhecimento da obra literária como parte integral da vida dos sujeitos, sem distinções ou “coisificadas”. A literatura é percebida como parte fundamental das experiências coletivas e construídas a partir delas.

A análise sobre as condições externas aos sujeitos presentes nas obras literárias, são características de estudos sobre as condições materiais de produção históricas sociais e reflexões sobre consciência coletiva, militância política, crítica as variadas formas de

desigualdades e posicionamento social diante de injustiças, e análise sobre formas de exploração presentes nos textos literários. Sua origem é marca dos principais intelectuais de formação marxistas.

Essa característica reforça a construção do método de análise estabelecidos pelos intelectuais que se debruçaram em estabelecer essa relação de estudo entre literatura e sociologia.

Se, por um lado, estas contribuições geraram divergências metodológicas, por outro demonstrou-se a possibilidade de investigar as relações entre literatura e sociedade delimitando campos específicos de pesquisa (algumas vezes em diálogo com outros campos), dando à sociologia da literatura uma ampliação de perspectivas investigativas tão diversificadas quanto as da sociologia. As tendências de delimitações metodológicas para o estudo sociológico da literatura, grosso modo, têm se apresentado mais frequentemente da seguinte forma: \* o estudo marcado pelo exame, e pelo relacionamento, entre um determinado corpus no âmbito literário (p. ex. uma determinada manifestação num dado estilo de época, um gênero, etc.) e as condições histórico-sociais; \* o estudo centrado na consideração do autor e de sua situação histórico-social, bem como de sua situação no campo intelectual; neste âmbito pode situar-se inclusive o estudo do escritor e suas condições de produção, problemas de remuneração, etc.; \* o estudo centrado em problemas relativos à obra literária, sua publicação, distribuição, circulação, inclusão no cânone literário, etc.; \* o estudo centrado no público leitor e sua relação com as obras: o consumo, o sucesso (ou insucesso) de obras, ressonâncias provocadas pelas obras (nos leitores), etc. (Neto, 2007, P. 18)

O chamado “marxismo ocidental” (Botelho; Hoelz, 2016), evidenciou na literatura grandes contribuições, com destaque para os estudos e produção dos intelectuais Georg Lukács (1885 - 1971); Theodor Adorno (1903-1969) e Lucien Goldmann (1913-1970)”. Sobre esses autores, Botelho e Hoelz, (2016) afirma ainda que, citados como pensadores fundamentais, esses estudiosos são negligenciados em estudos mais recentes sobre sociologia da literatura. “Embora muitos praticantes da sociologia da literatura hoje possam recusar qualquer filiação a eles, ou eventualmente até mesmo polemicamente desconhecê-los, seu papel na modelagem da área e sua influência nela são enormes.” (Botelho; Hoelz, 2016, p. 265)

As contribuições desses intelectuais são fundamentais para o entendimento da relação entre literatura e sociedade, assim como apresentar a contribuição da sociologia para a análise da obra literária, aprofundando o estudo da Sociologia da Literatura<sup>5</sup>, sua dimensão metodológica, construção epistemológica e relações de proximidade e diferenças da análise crítica.

---

<sup>5</sup> Para aprofundar o entendimento sobre o tema Sociologia da Literatura, sugerimos leituras mais aprofundadas de: Antônio Cândido - Literatura e sociedade (2000 [1965]); André Botelho e Maurício Hoelz - Sociologias da literatura do reflexo à reflexividade (2016); Miguel Leocádio Araújo Neto - A sociologia da literatura: origens e questionamentos (2007); Gisèle Sapiro - Sociologia da literatura (2019); Paulo Cesar Alves; Andréa Borges Leão; Ana Lúcia Teixeira - Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas (2018).

O olhar externo é fundamental para a análise sociológica, ao que fornece uma distinção da crítica literária convencional, “Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. (Cândido, 2000, p. 6)

A delimitação do campo de estudo da sociologia da literatura, sinaliza a contribuição da análise sociológica sobre as obras literárias como instrumentos fundamentais de conhecimento e aprofundamento teórico sobre os aspectos sociais que marcam as sociedades e seus respectivos escritores.

A ideia de que a obra literária, em sentido amplo, constitui um modo de representação da realidade, tem certo trânsito entre renomados teóricos e estudiosos da literatura, tais como: René Wellek e Austin Warren, Erich Auerbach, Afrânio Coutinho, Antônio Cândido e outros. Adotando este pressuposto básico e ampliando-o em direção às indagações em torno das relações entre literatura e sociedade, apresenta-se a necessidade de uma reflexão sobre como os métodos sociológicos de abordagem do texto literário, ou mais especificamente a chamada sociologia da literatura, entenderam o problema da representação da realidade pela literatura. (Neto, 2007, p. 16)

O historiador e crítico literário brasileiro Afrânio Coutinho (1911-2000), em estudos sobre a literatura brasileira, destaca em sua obra *A Literatura no Brasil* - obra dedicada a compilar o processo de historicização da literatura nacional, apresentando as principais escolas literárias, contextualizando críticas e construções metodológicas que endossam a literatura brasileira e sua periodização na obra, dividida em seis volumes.

O crítico literário traça um panorama geral sobre a história da literatura no Brasil e aprofunda em seus escritos a análise sobre a história literária e sua periodologia, onde elabora uma crítica a maneira como essa periodização é concebida e apresentada, afirma que a solução brasileira para o entendimento da história literária, é inteiramente compreendida em sua dimensão “empírica”, vista sobretudo em sua dimensão “cronológica”, de conceituação “sociológica e historicista” (Coutinho, 2003).

Sua análise nos apresenta duas perspectivas que se destacam quanto à compreensão da literatura brasileira, permitindo o entendimento da literatura a partir de duas correntes teóricas que se destacam no Brasil, o historicismo e a concepção sociológica da literatura.

A primeira forma de compreensão da literatura, apresentada pelo crítico literário, faz referência a forma conceitual que os historiadores do século XIX, tratavam a disciplina de Literatura, através de procedimentos metodológicos da própria história, Francisco Adolfo de Vahagen (1816-1878) - Visconde de porto (Visconde de Sorocaba), principal nome da

historiografia oitocentista, é apresentado como referência dessa compreensão de literatura, “É significativo que, desde Varnhagen, que haja despertado a preocupação dos historiadores, podendo considerar-se o Visconde como o fundador da historiografia geral e da historiografia literária” (Coutinho, 2003, p. 20).

Ao apresentar o principal nome do historicismo literário brasileiro, Afrânio Coutinho (2003), evidencia as características dessa compreensão de literatura definida pelo historicismo, “É que a disciplina era vista como uma dependência da história geral, política, social e econômica, e o seu método uma pura transferência do método histórico, pois a literatura não passava de um reflexo das gerais atividades humanas” (Coutinho, 2003, p. 20). Coutinho, ainda, discute que a perspectiva defendida e difundida por Varnhagen é uma herança Portuguesa, entendida como uma “obsessão historicista”.

Sua análise é importante pois ao criticar essa perspectiva historicista, apresenta como ela proporciona o surgimento da análise sociológica da literatura. “a partir do conceito simplista de que a literatura é um fenômeno histórico, de que a história literária, conseqüentemente, deve ser uma parte da história geral, a historiografia literária no Brasil, na sua fase primitiva, anterior a Silvio Romero, consistia em exposições meramente descritivas, quando não se limitava a catálogos bibliográficos e florilégios, ou antologias de finalidade didática” (Coutinho, 2003, p. 20).

A construção metodológica de interpretação da historiografia brasileira ganha respaldo com a contribuição de Silvio Romero (1851-1914), representante da concepção sociológica da literatura, Coutinho, evidencia que “a historiografia literária no Brasil, passa a ser encarada com bases científicas, com preocupação conceitual e metodologia, o que o situa como sistematizador da disciplina.” (Coutinho, 2003, p. 20).

Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero é um dos maiores nomes da historiografia literária do Brasil, Sergipano e membro da Academia Brasileira de Letras, fundando a cadeira de número 17, Silvio Romero ao lado do Tobias Barreto foi parte integrante do “núcleo do pensamento da chamada Escola de Recife”<sup>6</sup> (Nascimento, 2007, p. 39), para esse intelectual, segundo Coutinho, “O estudo da literatura deveria começar pelo conhecimento da parte estática, ou base sobre que se levantam a nacionalidade, raça, território, meio social e econômico, em suma por introduções sociológicas”. (Coutinho, 2003, p. 21).

A estrutura científica apresentada por Silvio Romero, apesar de reconhecida como importante, também é alvo de crítica por ser o método tradicional, limitado a compreender os

---

<sup>6</sup> “Movimento surgido na segunda metade do século XIX a partir da Faculdade de Direito de Recife, com o propósito de buscar uma identidade nacional brasileira, assumindo a necessidade de utilização da cultura e da educação para a construção de novos valores.” (Nascimento, 2007, p. 39)

fatores externos e não conseguir relacioná-los, se caracterizando com relatos, e apresentando lacunas entre as obras e seu contexto social.

“A sua maior virtude consiste no esforço de discernir uma ordem geral, um arranjo, que facilita o entendimento das sequências históricas e traça o panorama das épocas. O seu defeito está na dificuldade de mostrar efetivamente, nesta escala, a ligação entre as condições sociais e as obras” (Cândido, 2000, p. 10)

O estudo dos fatores externos apresentados na obra literária é o elemento mais característico do processo de estudo proposto pelos principais intelectuais que se debruçam sobre a análise dos textos literários, seja através de uma visão histórico-social, ou culturalista, os elementos fundamentais para a interpretação sociológica da literatura estão no contexto que cada escritor se insere e reflete em sua produção escrita.

As contribuições do professor Antônio Cândido, são substanciais para a compreensão desse campo de estudo, em sua obra *Literatura e Sociedade* (1965), afirma:

Aqui, é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento externo dos fatores externos pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a influência da organização social, econômica e política, etc. É uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica. (Cândido, 2000, p. 6)

Cândido (2000), ao evidenciar os elementos externos como imprescindíveis a análise sociológica, deixa claro que essa característica é puramente sociológica, visto que a crítica literária busca compreender elementos mais íntimos da obra, e para a sociologia da literatura devemos evidenciar na análise os fatores que compõem a obra, “e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a construir uma estrutura peculiar”. (Cândido, 2000, p. 6)

Um alerta fundamental apresentado por Antônio Cândido é o risco de cairmos no “sociologismo crítico”, “a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais” (Cândido, 2000, p. 9). Ao apresentar essa orientação, se refere a construção da análise da obra literária vista com base no olhar explicativo, onde os elementos teóricos apresentados pelo autor são descobertos e analisados minuciosamente, pois apresenta contextos de moralidade e comportamentais sutis e, por vezes, contrários aos próprios escritores, que são revelados como características da sociedade da época.

A sociologia se debruça sobre a condição de estudar os fatores ilustrativos da obra, o que influenciou o escritor e as causas de sua crítica, a partir dos elementos externos. A crítica literária e a sociologia da literatura devem superar esse embate.

A sociologia brasileira se destaca por estabelecer uma parceria com a literatura, na medida que o avanço de pesquisas referentes a esse contato interdisciplinar, permitiu a construção do subcampo de pesquisa conhecido como “Sociologia da literatura”. Vale ressaltar que o termo pode apresentar entendimento de união pacífica e estável entre essas duas grandes áreas. Em nota, no artigo intitulado "*Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas*" Alves et. al. (2018) afirma:

“Conforme observam Botelho e Hoelz (2016), “... as relações entre literatura e sociedade são o tema da sociologia da literatura, mais do que uma definição convencional, provavelmente dicionarizada, pode reiterar uma falsa aparência de estabilidade onde antes existe controvérsia, e, pelo que tudo indica, sem qualquer consenso significativo à vista”. (Alves; Leão; Teixeira, 2018, p. 223)

A “institucionalização desse subcampo é recente”, reforçada por grandes contribuições de pesquisas que direcionam o aumento de trabalhos acadêmicos, materiais didáticos, livros, produções audiovisuais entre outros que legitimaram a consolidação de “novo” subcampo, ou seja, "no caso brasileiro, tanto a Sociologia da Literatura quanto a Sociologia da Arte tiveram um aumento significativo de produção nos últimos 20 anos e construíram grupos de Trabalho (GT) nos principais congressos, publicaram dossiês nas principais revistas etc.” (Dimitrov, 2020, p. 42)

A institucionalização da sociologia da literatura nos departamentos/cursos de sociologia no Brasil é um fenômeno recente. Há exceções significativas, é claro. A contribuição de Roger Bastide, Antônio Cândido (1945, 1965), Machado Neto (1973), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), Sérgio Miceli (1977, 1979), só para citar alguns dos grandes “pioneiros” na área, são exemplos fundamentais. (Alves; Leão; Teixeira, 2018, p. 224)

A sociologia encontra na literatura uma aliada para contribuir na assimilação dos fenômenos sociais, estabelecendo relação através da perspectiva da arte, da cultura ou mesmo sobre os acontecimentos sociais, discutindo elementos históricos, geográficos, econômicos, políticos e, até, psicológicos.

## 2.1 POR QUE ESTUDAR A LITERATURA DE LIMA BARRETO? APROXIMAÇÕES BIOGRÁFICAS: UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

Assumir o compromisso de apresentar Lima Barreto (1881-1922), em trabalho acadêmico com objetivo de direcioná-lo ao público estudantil da educação básica, simboliza uma tarefa com duplo significado: primeiro, retoma a relevância deste intelectual negro e sua contribuição para o estudo e compreensão de sua literatura militante, que evidencia o contexto social, os subúrbios e a população pobre fluminense, apresenta denúncias das mazelas sociais do Rio de Janeiro da primeira república. Sua relevância, se propaga em pesquisas acadêmicas que favorecem a visibilidade do autor estudado, amplia as discussões que o envolve e permite o resgate de obras possibilitando maior divulgação dos seus escritos.

Outro aspecto é sua atualidade, Lima Barreto é um escritor atemporal, seus textos apresentam discussões e temáticas necessárias e contemporâneas. Esse intelectual possibilitou grandes contribuições para a compreensão do comportamento social brasileiro, como o entendimento da condição dos invisibilizados e a exclusão do negro, o impacto da *Belle Époque* nas populações pobres, a transição entre formas de governo monárquico e republicano, o controle político, o academicismo, e a influência jornalística, entre outras importantes características na formação do Brasil República.

O escritor carioca, nascido em uma “sexta-feira 13, em maio de 1881, sete anos antes da abolição da escravatura, que só aconteceria em maio de 1888” (Barbosa, 2017), Afonso Henriques de Lima Barreto, vivenciou acontecimentos importantes e registra alguns com o cuidado jornalístico característico de sua profissão. Leitor preciso dos subúrbios fluminense, ele apresenta em sua literatura formas não convencionais de escrita, fora dos padrões comuns da época, repleta de linguagem coloquial, que melhor aproxima da população dos subúrbios, que passam a ser visíveis em sua escrita.

A obra de Lima Barreto vai transgredir a noção de literatura como imitação de modelos. Ela se afasta do propósito de arte literária evasiva, de fuga da realidade por parte do escritor e do leitor. Seus textos impactam porque atuam no sentido oposto. Buscam expressar a realidade. Qual a realidade? Aquela que não se queria ver nem promover dentro da literatura. Por isso, o autor desrespeitou regras, sobretudo dos gêneros e a relativa ao padrão de linguagem. (Cuti, 2011, p. 26)

A realidade apresentada por Lima, foram as mudanças significativas no cenário político, social e econômico do país, apresentadas na obra desse escritor, que consegue se impor e criticar a sociedade brasileira do início do século XX, através do olhar cirúrgico que analisa

minuciosamente as características do cenário rural do Rio de Janeiro, o grande centro urbano, e seus subúrbios, descrevendo a vida de sua população pobre e negra, as relações de poder na política, o cientificismo da época, as transformações no cenário urbano, entre outras.

Conhecer sua biografia e obras me aproximou ainda mais deste intelectual. Tive o primeiro contato com Lima Barreto no ensino médio, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles de Quental, onde cursei toda minha formação básica e hoje trabalho como professor. A primeira obra que li desse escritor foi, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, destinada para apresentação de seminário na aula de literatura no segundo ano do ensino médio em 2005, me dediquei para apresentá-lo, conhecer sua produção e partilhar a biografia desse intelectual com os colegas. Naquele momento da juventude, não me preocupei em buscar conexões entre minha vida e a biografia do escritor.

Anos depois, agora como professor da educação básica, com 13 anos de experiência em sala de aula, recebi com alegria o convite do meu orientador de mestrado para pesquisar sobre Lima Barreto, e propor um trabalho didático sobre esse intelectual, para o ensino médio. Aceitei com satisfação e êxtase! Hoje, mais experiente e devotado ao ensino, minha curiosidade e o encantamento por esse escritor, fizeram perceber algumas características em comum, semelhanças entre o jovem negro e escritor do início do século XX, e eu, outro jovem negro do final dos anos 1980 em transição para o século XXI.

Me refiro a semelhanças, por associar características e vivências símile a minha vida, e a experiência de tantos jovens negros do país, com a origem e época de Lima Barreto como referência. Vivências que representam parte indispensáveis sobre a minha formação profissional e pessoal, acontecimentos decisivos e marcantes para a minha formação pessoal, que dado as devidas proporções, aproximo simbolicamente as vivências de Lima, que naturalmente influenciaram sua escrita e formação moral. Não tenho a pretensão de me comparar a esse grande intelectual, e sim, apresentar elementos comuns entre nossas vidas, que me instiga a aprofundar conhecimentos sobre ele, e motiva apresentá-lo aos estudantes da educação básica, de modo que os estimulem a conhecê-lo.

Lima Barreto perdeu sua mãe Amália Augusta, em “dezembro de 1887, vítima de uma tuberculose galopante”. (Barbosa, 2017, p. 43). Essa experiência dolorosa marcaria toda a sua vida. Seu maior biógrafo, Francisco de Assis Barbosa<sup>7</sup>, afirma: “Aos 35 anos de idade, o tipógrafo João Henriques de Lima Barreto estava viúvo, com quatro filhos pequenos. O

---

<sup>7</sup> Biógrafo, ensaísta e historiador, foi o principal responsável por resgatar e escrever a biografia de Lima Barreto, com a publicação do livro *A vida de Lima Barreto* de (1952), resgatando informações, registrando obras, cartas e entrevistas com familiares. Possibilitando que esse intelectual retornasse para o cenário histórico e literário, pois passava por um processo de apagamento histórico.

maiorzinho, Afonso, não havia completado 7 anos. E o menor, Eliézer, nem fizera 2”. O impacto da morte de sua mãe foi devastador em sua vida, “A morte de Amália há de descer como uma sombra no coração do filho mais velho. Sombra que nunca mais se dissipará”. (Barbosa, 2017, p. 43).

Temos em comum tristes semelhanças, primeiro, em relação às nossas genitoras, eu não conheci a minha mãe, minha genetriz, faleceu no meu parto. Somos órfãos! Triste semelhança! Eu nunca tive a oportunidade de receber um abraço da minha mãe biológica, uma lacuna irreparável. Mas tive a dádiva de ser criado por meus avós maternos a quem chamo orgulhosamente de “mãe e pai”, e como irmãos tenho meus tios que cresceram ao meu lado. Sou filho único e não conheço meu pai biológico, Lima Barreto teve o seu pai ao seu lado, e foi ele sua grande inspiração, a minha são os meus avós maternos.

Meus avós maternos, Manoel Cirilo da Silva e Francisca Maria da Silva (In memoriam), trabalhadores rurais, analfabetos, naturais das cidades de Barro e Milagres no Ceará, vieram para a cidade do Crato em busca de melhores condições de vida no início da década de setenta. Meu avô passou a trabalhar como servente de pedreiro, sem recusar trabalhos, aceitava brocar roças e limpar matos em quintais aos finais de semana, e até cavava fossas sépticas na tentativa de arrecadar um valor extra para o sustento da família, com sete filhos. Preocupado em melhorar de vida, iniciou um curso de pedreiro no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), e passou a atuar como pedreiro certificado, o que lhe ajudou a encontrar novas oportunidades.

Recebeu um convite para trabalhar de vigia noturno na então Faculdade de Filosofia do Crato da Fundação Padre Ibiapina, que mais tarde tornou-se universidade estadual, com a fundação em 09 de junho de 1986, e passou a ser a Universidade Regional do Cariri – URCA. Exerceu duas profissões, vigia noturno com carteira assinada e pedreiro avulso, até a aposentadoria aos 71 anos em 2013.

Minha mãe biológica Francisca Alzenir da Silva (In Memoriam), também chegou a trabalhar por um ano nesta mesma instituição de (1987-1988), atuando nos serviços gerais da instituição, quando precisou se ausentar em virtude do parto em 07 de setembro de 1988, data do meu nascimento. Meu avô, trabalhava durante o dia de pedreiro e a noite de vigia noturno na URCA, foi efetivado pelo Estado, e hoje com seus 81 anos, aposentado, lembra com sorriso banhado de lágrimas, de toda sua luta e dificuldades vividas.

Minha avó trabalhava duro como lavadeira (lavava roupas para famílias de fora), além da dedicação ao serviço doméstico. Desejava aprender a ler e escrever, realizou seu sonho aos 52 anos, com aulas noturnas no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ficava feliz ao assinar

seu nome em um simples boletim escolar dos filhos, eu a acompanhava nas aulas noturnas e ficava encantado com tantos idosos estudando e dedicados a aprender. Minha avó faleceu em decorrência do abuso frequente do álcool e cigarro, fumante desde criança, teve sua vida ceifada por câncer de pulmão aos 56 anos de idade.

O alcoolismo e tabagismo deixaram marcas trágicas em minha vida. Assim como o alcoolismo marcou tragicamente a vida de Lima Barreto, o vício que o levou algumas vezes a ser internado em hospícios. Em minha, família o alcoolismo esteve presente por anos, meus avós vêm de uma realidade de sofrimento onde o alcoolismo foi sua válvula de escape, associado ao tabagismo, foi a mistura trágica que em situações diferentes, eu e Lima, sentimos o seu ímpeto.

Meus avós tiveram 10 filhos, número comum para uma família de sertanejos dos anos 50, entre eles 04 falecidos, três ainda crianças e minha mãe biológica que faleceu aos 18 anos de idade. Uma família, de origem pobre e com orientação religiosa cristã católica. A questão étnica é um importante referencial para mim, meus familiares são de maioria negros, contudo, há um número maior que se declara pardos, questões dessa natureza racial sempre me marcaram profundamente.

Fui durante a infância o alvo de muitas piadas racistas, ofensas e apelidos que marcaram a minha infância e adolescência, o que me causaram mágoas e traumas. Fui apelidado, de “nego tiziu”, “tostão”, “tião”, “ti”, “Mussum”, “vera verão”, “negão” e “Jamaica”, entre tantos apelidos tinha o “Cirilo” – (referência ao personagem da novela mexicana Carrossel de 1989-1990) – este apelido também faz referência ao sobrenome do meu avô, “Cirilo”, era a forma velada, de me associar ao personagem negro sem ofender.

Os apelidos eram tentativas de menosprezar ao enfatizar a cor da pele como forma de zombar de sua identidade, negar seu nome, ou tentativa de associar ofensa, era o confronto diário que eu encontrava no meu ambiente familiar e entre colegas, isso me fazia distanciar das pessoas, me sentia tímido, impotente, eu fui uma criança que enfrentei os preconceitos e brincadeiras racistas daquele período de maneira passiva, naturalizados por personagens caricaturados dos anos noventa, “Mussum”- (Antônio Carlos Bernardes Gomes 1941-1994), “Tião Macalé”- (Augusto Temístocles da Silva Costa 1926-1993), “Vera verão” Jorge Lafond - (Jorge Luiz Souza Lima 1952-2003).

Grandes personalidades negras, atores, músicos e comediantes, da maior qualidade, símbolos de resistência e humor. Contudo, não chegou ninguém para explicar a uma criança de 10 anos que, na verdade, eram homenagens e não ofensas, saber discernir e reconhecer a importância desses personagens quando era vítima de brincadeiras depreciativas na infância,

não é tarefa fácil. Hoje reconheço esses grandes nomes e penso como eles foram importantes e símbolos de resistência. E tento imaginar as dificuldades que Lima Barreto passou, numa época onde o racismo era naturalizado e os vestígios da escravidão recentes.

Eu cresci em um ambiente que mesclava, as dificuldades típicas de uma família pobre e numerosa, conflitos constantes desencadeados pelo consumo exagerado do álcool, um ambiente cercado com riquezas de um sítio, cheio de plantas frutíferas e criação de animais de pequeno porte para consumo, os mais comuns eram porcos e galinhas, e apesar das dificuldades não faltava amor, cuidado e zelo com o futuro de todos os filhos, cercado de irmãos(tios) e primos, nos divertíamos bastante. Sempre fui estimulado a estudar e trabalhar, desde jovem, ajudava meu avô aos sábados como servente de pedreiro e capinava quintal sempre que surgia oportunidade.

Meu avô sempre nos educou para trabalhar e estudar. Aos dezesseis anos tive minha primeira experiência de trabalho como estagiário no Programa Menor Aprendiz, instituído pelo decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005 e revogado pelo decreto nº 9.579, de 22 de novembro de 2018. Atualmente esse programa ganha nova legislação e nomenclatura, conhecido como Jovem Aprendiz. O programa prezava por formação profissional ofertados no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e experiência profissional em empresas cadastradas. As empresas cadastradas deveriam ofertar experiências em todos os seus setores de atuação, eu fui selecionado para uma empresa do comércio de móveis e eletros e tive minha atuação limitada a transporte de mercadorias para consertos, faxina e limpeza dos móveis em mostruário, não tive experiência em vendas, caixa ou estoque.

Não me sentia bem, mas o retorno financeiro e experiência profissional eram fundamentais para mim e minha família. Eu tinha certeza que, beleza estética e cor da pele, eram fatores que me impediam de estar à frente da loja como vendedor, todos os vendedores eram de pele clara. Na condição de aprendiz, eu deveria ter acesso a experiência, mas não foi o que aconteceu. Hoje, certamente, não se sustentaria manter a falta de representatividade de diversidade étnica, à frente da loja, principalmente em uma cidade cuja população teve o maior número de pessoas declaradas negras, de acordo com o último censo de 2022.

De acordo com o estudo, a Região Metropolitana do Cariri, que contempla nove municípios, possui 173.075 pessoas que se consideram brancas; 60.981 que se consideram pretas; 1.325 amarelas; 397.147 pardas e 785 indígenas. Na RMC, o maior percentual de pessoas pretas residentes em um município está em Crato, representando 12,61% da população local, assim como o maior percentual de pessoas indígenas, com 0,27% dos residentes. (Joaquim Júnior, Jornal do Cariri. 26/12/23).

Entre os anos de 2005-2006, período que participei do programa Menor aprendiz, tive cursos de formação que me orientaram e direcionaram para escolhas profissionais. A educação foi a área escolhida, talvez pela forte ligação com minha avó, que demonstrava na prática que educação transformava as pessoas. Eu venci minha timidez e apresentava interesse em comunicação em grupo, diálogo e debates, estudava em escola pública no período da tarde, trabalhava no horário da manhã e à noite estudava para alcançar o sonho de ingressar na universidade, frequentava a biblioteca do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), onde minha avó estudou.

Minha avó repetia com frequência que eu seria doutor, objetivo ainda a ser alcançado! Contudo, eu não compreendia que para ela, está formado pela universidade, independente do curso, era o “título de doutor” que ela tanto falava. Participei de grupos de orações da renovação carismática católica e fiz boas amizades que me estimulavam a ingressar na faculdade, como a maioria dos amigos eram da área de humanidades, me senti estimulado para essa grande área.

Eu tinha um interesse por Psicologia, Teologia e Filosofia, em parte, desencadeados pela participação dos grupos da igreja, mas quando tive aulas de sociologia na escola me senti confortável com a proposta daquela disciplina, o professor nos deixava muito a vontade para debater sobre temas, trazia provocações e instigava reflexões, também sempre nos pedia redações sobre determinados assuntos, me sentia prestigiado, notava que era ouvido e visto, a comunicabilidade para temas sociais fluía.

Meu interesse pela educação foi ampliado, a Sociologia foi minha primeira escolha no vestibular. Pedia muitas orientações aos professores da escola sobre a faculdade e o curso de Sociologia. Ingressei na universidade, através do primeiro vestibular que prestei, no ano de 2007, aos 18 anos de idade, no recém criado curso de Ciências Sociais, fazendo parte da segunda turma do curso na Universidade Regional do Cariri- URCA.

Lamento que minha mãe (Vó) não teve a oportunidade de me ver se formar, ela estava muito debilitada e vinha lutando contra a doença a nove meses, em maio de 2008, o câncer pulmonar lhe ceifou a vida, um ano após eu ter ingressado na universidade. Perdi mais uma vez o amor materno! Eu sofri, e essa dor machuca até hoje. Esse trauma é determinante em minha vida e conduz algumas escolhas. Tenho certeza que Lima Barreto, sofreu muito com a dor da perda prematura de sua mãe.

A mais forte impressão de Lima Barreto, nos primeiros anos da vida, foi sem dúvida a morte da mãe. Sem os carinhos de Amália, o mundo como que se fechou para o menino “taciturno, reservado e tímido” que era embora com rompantes de alegria, saindo “a correr, a brincar, a cantarolar, pela casa toda, indo do quintal para as salas, satisfeito, contente, sem motivo e sem causa”, tal como o Horácio do conto “O filho

da Gabriela”, certamente o auto retrato do escritor aos 6 anos de idade. E, sem as carícias e os abraços, maternos “fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria. (Barbosa. 2017, p. 53).

A falta da orientação materna e o impacto de sua ausência no lar, causou a Lima como a mim, feridas e traumas difíceis de superar, ele escreve em seus textos como se sente e relaciona em contos aspectos dessa perda.

O período da faculdade foi muito difícil, passei alguns dias inteiros na universidade, aproveitando para pagar o máximo de disciplinas. E aos sábados trabalhava para ajudar nas despesas da faculdade, encontrava algumas formas alternativas de trabalho, auxiliando um cunhado com vendas e entregas de produtos, trabalhei como entregador, vendedor; motorista particular, e por último, fui “Cumim” auxiliar de garçom, esse último quando estava concluindo o curso e já tinha sido aprovado no concurso para professor do estado do Ceará em 2009, concurso público que ofertou na época 124 vagas para professores de Sociologia, um dos maiores concurso da área no Ceará.

Fui aprovado em concurso público antes da conclusão do curso, precisei antecipar disciplinas e tive uma colação de grau especial. Escolhi está na educação por afinidade em dialogar, aprender, absorver ideias e ensinar. Tenho apreço pela comunicação e conversa, e reforço a sala de aula como espaço de diálogo. Contudo o ambiente escolar não me blindou de ser apelidado, e até ofendido.

Recebi dos alunos no primeiro ano que iniciei na docência, a alcunha de “GTA” sigla de Grand Theft Auto, Jogo de vídeo game que mescla ação e aventura, e com personagem negro em destaque, essa associação não tem fundamento algum. O GTA ou “CJ” (Carl Johnson, personagem fictício da franquia de GTA) comete inúmeros crimes, eu não me identifico em nada com o personagem ou o jogo, mas o racismo assume inúmeras formas e uma delas é a associação entre representações fictícias, eu era um jovem professor negro recém chegado a escola de periferia.

Assumi o cargo de professor de Sociologia, em outubro de 2010, sendo lotado em cinco escolas na mesma cidade para fechar a carga horária de 200 horas mensais. Com poucas opções de materiais didáticos para o ensino de Sociologia disponíveis na escola para os alunos, eu costumava apresentar os assuntos da disciplina a partir de temáticas. O que permitia formular dinâmicas didáticas de apresentação dos assuntos. A questão racial era a que mais destacava no início da docência, estava entre os primeiros professores de Sociologia, formados na mesma área de atuação, antes ocupada por profissionais de outras áreas das Ciências Humanas.

Naturalmente me sinto apto para refletir e discutir o racismo em sala de aula, e relatar as experiências dolorosas que sofri. Quando narro dificuldades que superei ou situações embaraçosas que passei, costumo falar em sala de aula sobre as inúmeras abordagens policiais pelas quais passei, uma forma de provocar os estudantes a debater e se manifestar em sala de aula, ao tocar nesse assunto, sou questionado por aqueles cujos familiares atuam na segurança pública, ou desejam atuar nessa área, onde afirmam ser normal e corriqueiro as abordagens, alguns chegam a relatar experiências dolorosas também.

Ao insistir no tema, falo das formas de preconceito que sofri, e tento explicar que é necessário a “fundada suspeita” e continuo, a enfatizar as abordagens onde fui chamado de “vagabundo”, abordado nas proximidades da escola, fardado e minutos após sair da instituição ao término de uma reunião pedagógica ao meio dia. Fui chamado de “vagabundo” e questionado sobre quantos processos eu respondia. O policial foi enfático “Quantos”, não se preocupou em perguntar “se respondia algum processo”. Minha resposta foi firme, nenhum! Me questionava sobre qual era a fundada suspeita dos policiais para uma abordagem tão humilhante.

Estava saindo da escola, a mochila estava com livros, e bem vestido. Tenho certeza que minha cor de pele e o bairro periférico onde fica a escola, tenha sido suficiente para levantar tamanha suspeita da guarnição. Em outra situação, vinha da faculdade a noite com um amigo, a pé, conversávamos, fomos parados com arma apontada para nossa face, fui revistado, tive a bolsa aberta para revista e documento solicitado, estava tudo ok, e fui liberado. Meu amigo branco não foi abordado, os policiais revistaram apenas a mim, um homem negro.

Diante desses fragmentos de racismo e preconceito que passei, reforço a importância de falar sobre o assunto e questionar, todas as formas de exclusão e violência e sobretudo combater o racismo, denunciando em sala de aula, gerando debates, e reflexões. Lima Barreto apropriou-se da literatura como veículo de denúncia e crítica social, eu utilizo a escola como o espaço de debate, ambiente de combate ao racismo e reflexões.

## 2.2 LIMA BARRETO. UMA VIDA DEDICADA À LITERATURA

Sua origem pobre e as dificuldades encontradas, como o racismo, a exclusão social, a perda prematura de sua mãe (Amália Augusta) aos sete anos de idade, a “loucura” do pai (João Henriques) e a conseguinte responsabilidade com o sustento dos parentes, que o fez arrimo de família<sup>8</sup>, cuidando do pai e dos irmãos, sua conflituosa experiência em seu emprego como

---

<sup>8</sup> Pessoa que é a principal ou a única responsável pelos meios de subsistência de toda a família. Fonte: Dicionário de português (virtual). <https://www.dicio.com.br/>

jornalista e no funcionalismo público, o vício no alcoolismo e por fim suas internações em hospícios, tornaram-se experiências dolorosas que marcam sua biografia, e são refletidas em seus trabalhos.

Mesmo diante de tantas barreiras, deixou um legado de grandes obras literárias, com registros do cotidiano e da historiografia brasileira, transformando-se em fonte histórica e literária indispensável para o estudo e entendimento da realidade carioca do início do século XX. Lima foi imortalizado em seus escritos e homenageado no carnaval de 1982 na Marquês de Sapucaí, pela escola de samba da Unidos da Tijuca, apresentando um enredo com reconhecimento da importância do autor, fortes atributos de sua literatura e aspectos biográficos.

### **Lima Barreto, mulato, pobre, mas livre<sup>9</sup>**

Vamos recordar Lima Barreto  
 Mulato pobre, jornalista e escritor  
 Figura destacada do romance social  
 Que hoje laureamos neste carnaval  
 Traz tanta saudade em nossos corações  
 Seus pensamentos, seus livros  
 Suas ideias liberais  
 Impressionante brado de amor pelos humildes  
 Lutou contra a pobreza e a discriminação  
 Admirável criador, ôô, ôô  
 De personalidades imortais  
 Mesmo sendo excelente escritor  
 Inocente Barreto não sabia  
 Que o talento banhado pela cor  
 Não pisava o chão da academia  
 Vencido pela dor de uma tragédia  
 Que cobria de tristeza a sua vida  
 Entregou-se à bebida, aumentando seu sofrer  
 Sem amor, sem carinho) BIS  
 esquecido morreu na solidão)  
 Lima Barreto)  
 Este seu povo quer falar só de você)

---

<sup>9</sup> Samba de Enredo de **Carnaval de 1982**, autor do enredo Renato Lage. Unidos da Tijuca, 7ª escola a desfilar | 21/02/82 | Av. Marquês de Sapucaí. Site: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-da-tijuca/1982/> Acesso em: 12/11/22.

A sua vida, sua obra é nosso enredo) BIS  
E agora canta em louvor e gratidão)

O enredo apresenta características marcantes da literatura defendida por Lima Barreto, apresentando seu tipo de escrita marcado como “romance social”, característico pela luta contra exclusão social, ideias liberais e exaltação dos pobres e excluídos, explicitando seu posicionamento crítico referente a exclusão, pobreza, discriminação, e evidenciando aspectos pessoais, sua tristeza, falta de reconhecimento e solidão.

Esses acontecimentos são refletidos em seus escritos, sua concepção de literatura e seu posicionamento incisivo sobre tudo e todos, enfatizando o que afirma (Jaguaribe, 1998) “sua própria trajetória social, uma particular exemplificação dos mecanismos de inclusão/exclusão da sociedade carioca brasileira”. Lima Barreto, torna-se criador e protagonista, sua história de vida apresenta elementos característicos de uma sociedade que sofre e conserva aspectos característicos de preservação de poder, influências políticas, privilégios, assim como exclusão, distinção e ojeriza a população pobre e negra. A autora segue afirmando ao analisá-lo:

Do seu recanto suburbano, o jovem Lima Barreto anota, no seu diário íntimo, suas aspirações, temores, anseios, projetos e as ocorrências particulares de sua vida. Nessa escritura da intimidade, há a expurgação de uma subjetividade que se vê fracionada entre o desejo de ser e as condições do mundo em que vivia. O divórcio entre o escritor e sua casa; a distância entre a simpatia pela “gente de cor” e sua difícil convivência com o popular; o desgaste entre as ambições de ser “inteligente muito e muito” e a repetição dos seus desmandos cotidianos na burocracia e na bebedeira são apenas alguns indícios de uma situação todavia mais problemática. A problemática de posicionamento do indivíduo no seu autoescrutínio e a tensão entre a reivindicação de uma transformação social e sua própria singularidade que não se ajusta a qualquer esquema coletivo. (Jaguaribe, 1998, p. 50).

O olhar de Lima percorre do seu íntimo ao mais amplo contexto social, refletindo uma literatura militante com dimensões ideológicas, característico de um “utopismo militante” (Prado, 1976, p 103 apud Cuti, 2011, p. 29), possibilitando compreender o objetivo de sua literatura. “A literatura teria, assim, uma função transformadora, pois, levando o leitor a refletir sobre suas próprias dificuldades e sobre os seus problemas sociais, provocaria nele o desejo de mudança”. (Cuti, 2011, p. 29).

Na literatura - na sua literatura militante – encontraria, pois, Lima Barreto certa maneira de tirar desforra, de vingar-se, em suma. Para isso, sem que se desse conta, ia armazenando o seu “*stock* de observações e de emoções”, tal como aconteceu a Isaías, às quais se juntariam, com o veneno ingerido em dose infinitesimais, as mágoas

e ressentimentos. “Vinhm uma a uma”, escreveu o romancista, ao tratar do seu personagem quase autobiográfico, “invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver”. (BARBOSA, 2017, p. 210)

Lima apresenta uma literatura determinada a estabelecer laços de liberdade para os injustiçados, e confronto com os opressores. Antônio Cândido (1989), nos apresenta requisitos indispensáveis da literatura de Lima Barreto, onde o próprio Lima, estabelece as condições de sua escrita, em sua compreensão deveria ser:

“sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. (Candido, 1989, p. 43).

Sua preocupação em destacar o papel da Literatura está presente na conferência intitulada de O destino da literatura (1921), escrita para ser proferida em São José do Rio Preto em 1921, infelizmente não esteve presente por questões pessoais, mas a encaminhou para apresentação e publicação na revista Sousa Cruz, nº. 58-59, em outubro e novembro de 1921. Nela apresenta sua compreensão de arte e literatura como fenômenos sociais, “o fenômeno artístico é um fenômeno social e o da arte é social, para não dizer sociológico” (Barreto, 1921).

Sua forma de pensar a arte, é compreendê-la como próxima do popular, apontando para críticas sociais e que possa gerar sentimentos nos leitores. Aplicando estrategicamente técnicas em escritas que se aproximam dos recursos literários encontrados nos textos do escritor Russo Lev Nikolaevitch Tolstói (1828-1910), cujas semelhanças na escrita e biografia são muitas.

Em sua conferência, afirma: “A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade. (Barreto, 1921, apud Resende, 2017, p. 279). Lima Barreto compreende uma literatura complementar da condição humana, ele entende que a arte literária, é um instrumento indispensável para a formação do ser.

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade. (Barreto, 1921, apud Resende, 2017, p. 279)

Sua identificação com a literatura é inquestionável, a união entre o homem e sua dimensão artística, estabelece a literatura como uma extensão do seu ser, nela encontramos o

autor intimamente representado em sua própria obra, “A literatura, encarada como vida na qual a pessoa se realiza, parece então substituto de sentimentos ou experiências, e este lado subjetivo não se destaca do outro, que é o seu efeito e o seu papel fundamental: estabelecer comunicação entre os homens. (Cândido, 1989, p. 44).

Este entendimento de literatura em Lima, assume também uma série de características, particulares em sua literatura, frutos do seu olhar perspicaz. O uso de linguagem simples e popular, a ausência de critérios acadêmicos rigorosos como uma forma de crítica ao academicismo, o relato fiel ao cotidiano do povo simples, seus espaços de moradia, casas, casebres ou “caixotins humanos” Schwarcz (2017) e sem esquecer, temos a apresentação dos problemas sociais, e eleição de personagens “heróis populares”, a partir, de pessoas comuns, sem romantização e apresentando a feridas reais da sociedade, são características da literatura defendida pelo escritor.

As histórias que ele tanto gosta de contar acerca dos subúrbios são não apenas recorrentes como cheias de ambivalências que lembram bem o processo de modernidade brasileiro: com avanços e recuos, ganhos e muitos sinais de decadências. É certo que o escritor anota procedimento semelhantes quando se referem ao “centro”, igualmente repleto de populações miseráveis e tipos que andam perdidos pelas calçadas, com suas diferentes temporalidades: a da imigração, outra do recém-extinto sistema escravocrata, outra ainda advinda do novo perfil urbano da capital do Brasil. Por isso, quando Lima fala dessas populações o afeto que ele guarda não distingue os personagens urbanos dos suburbanos. No entanto, se a cidade do Rio será palco de tantos romances e contos de época, é bem mais raro achar quem eleja moradores dos subúrbios como heróis da narrativa; miseráveis como protagonistas; “negros”, “mestiços” e “pardos” como personagens centrais. É esse universo extenso que o autor vai construindo por meio dos seus romances, crônicas e contos. (Schwarcz, 2017, p. 187).

As personalidades representadas em seus textos são referências importantes para a compreensão da forma provocante que Lima Barreto estabelece como modelo de escrita, caracterizado por uma exaltação do comum, o vulgar ganha espaço como denúncia, sem preocupar-se com estética ou exaltação de reis e personalidades fantasiosas, Lima, evidencia o “pobre”, “o bêbado”, “a prostituta”, e estabelece laços provocativo, aguçando a reflexão.

Outro traço básico da sua escrita é com efeito o desejo de oposição contra as categorias comprometidas do seu tempo — o “bonito”, o “elegante”, o “profundo” —, que rejeitava de cambulhada com o bem-feito e o bem-acabado, como quem nega a face da iniquidade na literatura e por isso quer mostrar o real desmascarado. (Cândido, 1989, p. 40).

Esse “real desmascarado”, está presente em seus escritos, cujas inspirações estão diante de acontecimentos vivenciados em momentos distintos ou personalidades que teve o convívio.

Alguns dos principais acontecimentos de relevância histórica e social, estão gravados nos trabalhos de Lima Barreto, seja registros jornalísticos, crônicas ou contos ficcionais.

Momentos históricos que acompanhou pessoalmente ou apenas por páginas de jornais, mas que tiveram importante destaque. “A vida de Lima Barreto transcorreu no cenário de grandes mudanças sócio-políticas e culturais dadas pela transição entre o regime de trabalho escravocrata e o trabalho livre; entre o término da monarquia e proclamação da república; entre o advento da Primeira Guerra Mundial e o surgimento das vanguardas modernistas.” (Jaguaribe, 1998, p. 54).

Destacamos na dimensão política e social, sua presença, em um dos maiores acontecimentos político nacional, o fim da escravidão, presenciando no Paço Imperial a assinatura da Lei Áurea junto ao seu pai, um grande entusiasta, cercado de uma multidão e acompanhando de perto os discursos dos abolicionistas.

“João Henriques levou o filho ao largo do paço e à missa do campo de São Cristóvão, para testemunhar o grande acontecimento. O menino ficou deslumbrado. Mais tarde, reconstituiu todas aquelas impressões que lhe ficaram, confusas e desordenadas, numa página de memória, que vale um precioso testemunho”. (Barbosa, 2017, p. 55)

Lima sempre demonstrou o máximo de criticidade e um olhar vigilante expressa em sua literatura. “A notícia da abolição tinha virado ato cívico, e João Henriques, deve ter achado importante que o filho mais velho presenciasse o momento ritual. Já Lima, que do alto dos seus sete anos há de ter visto tudo de baixo para cima- isso se o pai não o levantou até a altura dos ombros-, impressionou-se com a alegria geral e com a brancura da princesa”. (Schwarcz, 2017, p. 68).



Concentração de multidão diante do Paço Imperial para a assinatura da Lei Áurea, Rio de Janeiro, 1888.

**Antônio Luiz Ferreira.** Coleção **Gilberto Ferrez.** Brasil, Rio de Janeiro - RJ Largo do Paço; atual Praça XV de Novembro. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6963> Acesso: 18/01/2024.

Figura 1- Assinatura da Lei Áurea no Paço Imperial. (1888/05/13)

Um importante registro foi que Lima, exercitando sua criticidade, anos depois da abolição, iria dirigir algumas desaprovações, por discordar de certas posturas individuais dos abolicionistas, sobretudo, voltando-se a um dos principais representantes desse movimento, José do Patrocínio<sup>10</sup>, “Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio”. (Barbosa, 2017); Chega a afirmar que alguns líderes desse movimento tenham se aproveitado desse momento para se autopromoverem, entre eles o “líder negro” (Schwarcz, 2017).

Em seu *Diário Intimo*, lembrando do evento de assinatura da carta, escreve: “Quem conheceu o Patrocínio como eu o conheci, lacaio de todos os patoteiros, aliado a todas as patifarias, sem uma forte linha de conduta nos seus atos e nos seus pensamentos, não acredita que pudesse ter sido, como dizem, o apóstolo da Abolição”. Anos depois, Lima o acusa de “arranjar facilmente dinheiro” e explorara a causa em seu benefício”. (Schwarcz, 2017, p. 66).

Esse posicionamento de Lima Barreto demonstra o quanto ele estava insatisfeito com o que julgava ser injustiças, fosse elas “hipervalorização” de uns ou exclusão social de outros. Sua acidez em denunciar e criticar, era sua marca registrada, e por mais que parecesse contraditório, não o era, pois estamos falando de um personagem que vivenciou tais realidades e compreendeu a seu modo quais padrões morais, políticos e sociais, eram estabelecidos em sua época e como combatê-los. Não é à toa que vai estabelecer outros padrões de heróis em seus textos, dando voz aos excluídos.

<sup>10</sup> José Carlos do Patrocínio (1853-1905), Jornalista, farmacêutico, escritor, orador e ativista político Brasileiro. Foi um dos principais representantes do movimento Abolicionista. Fonte: Literafro UFMG. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/604-jose-do-patrocinio> Acesso: 10/11/2023

Fragilizados, os personagens de Lima surgem para a compreensão do leitor, porém expondo vaidade, orgulho e dignidade. Como ter compreensão ou compaixão para com alguém que demonstra amor-próprio apesar de reconhecer a própria fragilidade? É uma questão colocada pela obra de Lima Barreto. Seu anti-herói, embora de mãos atadas, mantém o olhar humano, tanto os humilhados quanto os descarados espertalhões - como os personagens Numa Pompilio (do romance *Numa e a Ninfa*), Doutor Bogóloff (da novela de mesmo nome), Castelo, do conto “O homem que sabia javanês” e também os personagens do conto “A nova Califórnia”. A fragilidade é uma denúncia. Assim como os escravizados não é um *status* assumido, fragilizado também não é uma característica física, e sim circunstancial de alguém que está preso a uma camisa de força. (Cuti, 2011, p. 38)

Os gritos de liberdade que certamente ouviu durante o ato cívico, ecoaram em sua vida e fixaram em seus textos, onde questionava toda a estrutura social e política, para que essa liberdade fosse plena, transformou-se em dever cívico. Seus trabalhos refletem suas experiências, o trabalho jornalístico, destaca-se em sua literatura. Basta ler as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), que notamos um personagem sonhador e analítico do contexto que o cerca. “No *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, conta-se a história de um rapaz inteligente, bom, honesto e ambicioso, possuindo todos os requisitos para vencer na vida, menos um – a cor. Era mulato e, além de mestiço, pobre”. (Barbosa, 2017, p. 170)

A ficção e a realidade em Lima Barreto ganham notório destaque, na obra *Recordações*, Lima Barreto apresenta um personagem encantado pela cidade e crítico dela, mesmo explicitando na ficção seu primeiro contato com o centro urbano, o Lima Barreto crítico dos subúrbios cariocas, revela-se no Isaías Caminha, com sua sagacidade, jovem do campo que vai para a capital pela primeira vez. (Cuti, 2011) afirma:

Com ideias e estratégias próprias, o autor mergulha no cotidiano, no qual encontrará as novidades da área urbana: o trem de subúrbio, o bonde, os automóveis e as constantes alterações levada a efeito no campo da construção civil. Desenvolve um fascínio pela cidade, apurando diariamente o senso de observação e de crítica. Visto socialmente como figura não desejada, Lima Barreto passa a observar seu contexto social, a fazer sua cidade, presentificando-a em sua obra quase como um personagem”. (Cuti, 2011, p. 30).

Lima Barreto deixa transparecer no personagem Isaías Caminha, traços de sua personalidade, exercendo um reposicionamento irônico e ácido, diante das situações vivenciadas. Essa obra como tantas outras, revela seu olhar atento as formas de exclusão e racismo presentes na sociedade carioca, sua composição é um aporte de denúncias contra essas injustiças, “a intenção da obra que inaugurou Lima Barreto como romancista, era segundo ele

mesmo declarou, demonstrar por meio dos fracassos do herói o preconceito e a hostilidade que o negro enfrentava na sociedade brasileira no início do século XX” (Oakley, 2011, p. 49).

Lima Barreto foi um grande escritor negro, que desejava alcançar um patamar de destaque, no que talvez fossem os dois setores de maior relevância e destaque em sua época, o jornalismo e a literatura. Sua produção faz parte da ambição que expressou aos vinte e dois anos de idade na abertura do *Diário Íntimo* (1903-1921), “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho 22 anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da escola Politécnica. No futuro escreverei a *História da escravidão negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade”. (Barreto, 1956, v. XIV, p. 33 apud Cuti, 2011, p. 23)

Esta obra não chegou a ser escrita, contudo, certamente, temos diluído em toda a sua produção intelectual, aspectos da História da escravidão negra no Brasil, onde suas denúncias são fundamentais para a compreensão deste triste e doloroso passado, com consequências prolongadas até os dias atuais, reforçando a necessidade de estudar e conhecer mais sobre esse intelectual e toda sua produção.

Com o centenário de sua morte, em 2022, estamos acompanhando a magnitude do seu trabalho, a atualidade de seus escritos, sua importância e contribuição, tornando-o cada vez mais uma leitura necessária e apresentando sua importância e contribuição para a literatura e compreensão das estruturas da sociedade brasileiras, que foram bem detalhadas em seus trabalhos marcados por suas experiências de vida.

### 2.3 POR QUE TRABALHAR COM CONTOS?

Este capítulo tem como objetivo apresentar a importância do gênero textual como instrumento interdisciplinar para o ensino. Buscamos justificar sua eficiência com ênfase no uso do conto, como gênero literário, enquanto mecanismo que auxilie no ensino de sociologia. Contribuindo para aplicação em atividades pedagógicas, evidenciando suas principais características e contribuições para a formação dos jovens, proporcionando melhoras na escrita, leitura e interpretação de textos, associados a análise e discussão de temáticas sociológicas encontradas na literatura de Lima Barreto.

A aplicação de atividades descritivas, escritas e o uso de leituras direcionadas para o exercício da prática docente, tem por base uma diversidade de gêneros textuais, que nos auxilia no exercício diário do ensino e conduz nossa prática por apresentar forte característica interdisciplinar. Por encontrar-se difuso em toda a estrutura de informação presente em formas

variadas de comunicação e manifestações verbais de linguagem, sua aplicação torna-se proveitosa e de fácil compreensão.

A utilização de recursos que estimulem a escrita, leitura e a interpretação de textos, são aliados que favorecem o desenvolvimento intelectual dos estudantes. A aplicação de textos variados, como romances, contos, crônicas, até formas mais usuais como leituras de e-mail, mensagens SMS, entre outras, são exemplos de como os gêneros textuais apresentam diversidades e possibilita múltiplas formas de aplicação na aprendizagem, favorecendo que outros tipos de escrita e comunicação presentes em nosso cotidiano, dialogue com os diferentes gêneros e contribua para o incremento da análise científica proposto pelas ciências sociais.

Buscando compreender os significados e definições de gêneros textuais, encontramos a análise e definição seguinte: “Para Bazerman (1994), gêneros são o que as pessoas reconhecem como gênero a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia”. (Marcuschi, 2011, p. 18). A compreensão sobre gêneros textuais, favorece a liberdade didática no emprego de materiais que possibilite um avanço prático na aplicação de propostas de ensino teórico com foco na leitura em diversas áreas, e apresenta uma interdisciplinaridade e variedade,

“Conforme Marcuschi (2005), os gêneros textuais não são estanques e nem estáveis, são textos materializados no dia a dia e tem natureza comunicativa. Os gêneros textuais são muitos e se adequam ao uso que se faz deles para o objetivo do texto o qual o autor requer”. (Silva; Gomes; Cândido, 2021, p. 4).

Essa compreensão evidencia o processo de comunicação e sua conexão direta com a realidade social, que se deseja repassar através da interpretação dos contextos sociais apresentados nos textos. Segundo Marcuschi (2010), “os gêneros são, em primeiro lugar, *fatos sociais* e não fatos linguísticos como tal.” (Marcuschi, 2011, p. 23). Assim, podemos compreender que o uso de um conto, uma biografia ou mesmo o uso de um jornal a ser trabalhado em sala de aula, são exemplos claros da coerência entre os gêneros textuais e a leitura que se deseja realizar sobre os fenômenos sociais.

Outro elemento que justifica o estudo e emprego dos gêneros textuais em sala de aula é sua possibilidade de gerar aprendizado e autonomia nos estudantes. Bezerra (2002) afirma: “O gênero é fundamental na escola, visto que, segundo Schneuwly e Dolz (2004:1), é ele que utiliza como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais

particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”. (Bezerra, 2002. 41 *apud* Cristóvão; Nascimento, 2011, p. 43).

A interpretação dos acontecimentos e situações analisadas encontradas em um conto literário, por exemplo, possibilita ao estudante desenvolver um olhar crítico e investigativo sobre o contexto da história apresentada, ao passo que amplia a compreensão sobre os tipos de gêneros textuais e sua dinamicidade em relação aos fatos apresentados e compreendidos a partir de uma análise proposta pela sociologia.

O maior desafio, é estimular os estudantes à leitura, aproximando-os a gêneros textuais que despertem o interesse pelo debate e estudo de questões sociológicas. Surge, portanto, o questionamento: Qual tipo de gênero textual poderia aproximar e estimular os educandos ao exercício da leitura de forma a envolvê-los em temas críticos e debates sobre uma ótica sociológica? Como trabalhar com gênero textual favorece o diálogo com a sociologia e a prática docente nessa disciplina?

Para responder esses questionamentos e apresentar a eficiência da utilização do gênero textual e reforçar sua contribuição na formação educacional dos estudantes da educação básica, juntamente com a contribuição desse instrumento de estudo na prática docente no ensino de sociologia, nos propomos a construir um trabalho voltado para a aplicação e uso do gênero conto, como fonte de debate e reflexões, explicitando temáticas encontradas nos contos literários, que possam tornar-se suporte para a reflexão e análise na sociologia. Evidenciando discussões de natureza social, política e econômica, e alinhado a temas atuais, biográficos, críticos reflexivos e históricos da realidade representados nos contos.

O gênero conto se concretiza como alternativa e opção para apresentar propostas temáticas que dialoguem com a reflexão sociológica e suas teorias e conceitos principais, direcionados para o ensino de sociologia na educação básica. A justificativa de trabalhar com contos parte de suas características principais, esse tipo de gênero textual é representado como narrativas curtas. O contato dos estudantes do ensino médio com textos literários estimula a leitura e permite a construção de um enredo de análises sociológicas, que possibilita uma ampliação de debates sobre questões e fenômenos sociais a serem refletidos em sala.

Na tentativa de melhor justificar sua relevância, partimos do seu significado para compreender de que maneira poderia contribuir para a prática docente e o ensino de sociologia. De acordo com a definição no dicionário Houaiss. contos são: “Narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de personagens”. (Houaiss, 2009, p. 536). Assim, para

abranger ainda mais os sentidos que o conto apresenta em sua forma tradicional, encontramos em Fiorussi (2003), a seguinte afirmação:

“Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...]. (Fiorussi, 2003. p. 103 *apud* Silva; Gomes; Cândido, 2021, p. 5).

A definição de conto amplia-se quando identificamos suas principais características, como tempo, espaço, personagens, enredo e clímax. Entre esses aspectos se destaca sua marca principal, um único conflito. Evidenciado no conto, o enredo possui uma única trama que define todo o argumento apresentado:

Esse gênero possui sua estrutura fechada e objetiva, formada por apenas uma história e um conflito. Sua estrutura está dividida em quatro partes: Introdução, que é o início da narrativa, onde podemos descobrir quem são os personagens, qual é o espaço e o tempo no qual a história é narrada e quais são os principais acontecimentos dela; desenvolvimento, onde surgem os conflitos e ações que modificam o estado inicial da narrativa, fazendo com que os personagens tomem iniciativas para resolvê-los; clímax, que é o momento de maior tensão da história, quando o problema está no auge e as ações dos personagens definem o rumo da história; e a conclusão, que é a solução do conflito, o final da história, que é bem diferente do início. Na conclusão, o problema da história pode ser resolvido ou não, dependendo do tipo de conto que se lê. (Silva; Gomes; Cândido, 2021, p. 6)

As características do conto literário e sua estrutura narrativa favorecem a orientação didática para a construção de um roteiro de aula onde se reflita sobre o contexto social do que se propõe a historieta. Apresentando aspectos fundamentais para a discussão em sala de aula permitindo análise sociológica aprofundada, estimulando os estudantes a perceberem como a sociologia está comprometida em analisar os fenômenos presentes na obra literária.

A sociologia não define, portanto, o que seria a “boa arte” e a “boa literatura”, mas busca compreender as condições sociais de produção de materiais expressivos que, para determinado grupo social, é eleito como “boa” arte e literatura. Porque determinado artista ou grupo social produz, em dado o contexto, uma forma expressiva com determinadas características estéticas? Como esta produção passa a circular e ser reverenciada? (Dimitrov, 2020, p. 43)

As questões discutidas na sociologia sobre o texto, são direcionadas para compreender o contexto social do autor, sua realidade, denúncias e os fenômenos sociais presentes que marcam determinado momento histórico, associado a condições sociais, políticas e

econômicas. Podemos direcionar a sua aplicação para aprendizado pautado em questionamentos que evidencie segundo Carniel; Ruggi (2012) “contexto social, político e intelectual de sua produção”.

“Para isso, o aprendizado de determinadas perguntas - Quem escreve? Quando escreve? Onde escreve? Com que objetivos escreve? O que escreve? Como serve? - e certo rigor em sua investigação possibilitará (é essa sempre a promessa!) “abrir” os textos em sala de aula. Oferecendo meios para uma leitura, por assim dizer, sociológica da atividade proposta. (Fairclough, 2006). (Carniel; Ruggi, 2012, p. 119)

Essa definição apresenta seu principal atributo, por se tratar de gênero literário curto, sua leitura e explicação pode ser aplicada em uma aula, favorecendo reflexões iniciais e apresentação teórica e conceitual ou explicitando a temática de acordo com a proposta do conto estudado. O tempo da aula de sociologia de 50 minutos<sup>11</sup>, é curto, e por mais que possa limitar a aplicação de atividades mais longas na disciplina, é importante que utilizemos esse tempo ao máximo e se possível, aglutinar propostas interdisciplinares, para contornar essa condição de durabilidade da aula, dessa maneira podemos estabelecer estratégias didáticas que possam ampliar o contato dos estudantes com a leitura de contos e proposta pedagógicas em sociologia.

O livro *o Sino e o relógio – Uma antologia do conto romântico brasileiro, 2021*, apresenta um traçado panorâmico da influência desse gênero na literatura nacional, evidenciando a forte contribuição da literatura Francesa, que teve grande difusão no Brasil do século XIX. A contribuição do romantismo para a difusão desse gênero, foi talvez o ponto norteador de maior impulso para sua propagação no país, como reflexo do processo de colonização europeia, que expressava um ideário romântico, destacando em suas colônias maior influência principalmente nas Américas.

A ênfase dos trabalhos de Sílvio Romero e Luís da Câmara Cascudo<sup>12</sup> em apresentar aspectos da cultura nacional e suas manifestações folclóricas, contribuíram ainda mais para a

<sup>11</sup> Em geral a hora-aula é diferente de hora de relógio e pode variar entre (40, 50 e 60 minutos) cada tempo, desde que se cumpra a carga horária anual prevista em 200 dias letivos. Para mais informações consultar (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_led.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_led.pdf) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)

<sup>12</sup> Duas referências nacionais do século XIX se destacam na compilação e estudo sobre o assunto: Sílvio Romero (org.), *Contos populares do Brasil*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1885 e Luís da Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1946.

divulgação da narrativa contista, com pesquisas e obras, que apresentam compilados de contos nacionais. Sobre as características desse gênero textual e seu nascimento, Guimarães e Camilo (2021), afirmam que houve oscilação do termo até chegar à compreensão que temos dessa narrativa, justificando essa transição de definições em virtude da forma como foi se propagando, “se alimentou de narrativas de origem incertas, transmitidas oralmente de geração a geração” (Guimarães e Camilo, 2021, p. 7). O termo recebe muitos nomes até chegar a uma definição estável,

Outros termos usados são “Lenda, causo, raconto, anedota, apólogo, quadro, história, novela, noveleta, romance, romancete... Todos esses termos foram utilizados de modo profuso e indistinto no Brasil ao longo do século XIX para se referir a várias modalidades de narrativas que hoje classificaríamos mais ou menos tranquilamente como *contos*. (Guimarães e Camilo, 2021, p. 7).

A oralidade foi a maior difusora desse tipo de exposição, o que fundamentará sua imprecisão de estrutura na forma de escrita, quando se depara com aspectos formais da ortografia, na medida que no conto, encontramos com frequência o uso de linguagens simples, e muitas vezes coloquial, com destaque para a escrita de Lima Barreto, que aproxima os leitores mais humildes e simples a sua literatura por afinidade, pois retrata a comunicação informal da população pobre dos subúrbios cariocas de sua época, representando-os naquelas histórias do cotidiano. Talvez reforçando aspectos que originaram os contos.

Quanto às origens, o conto remonta aos tempos remotos, representado pelas narrativas orais dos antigos povos nas noites de luar, passando pelos gregos e romanos, lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais italianas, pelas fábulas francesas de Esopo e La Fontaine, chegando até os livros, como hoje conhecemos. Em meio a esta trajetória, revestiu-se de inúmeras classificações, resultando nas chamadas antologias, as quais reúnem os contos por nacionalidade: brasileiro, russo, francês, e por categorias relacionadas ao gênero, denominando-se em contos maravilhosos, policiais, de amor, ficção científica, fantásticos, de terror, mistério, dentre outras classificações, tais como tradicional, moderno e contemporâneo. (SOARES, 2018, p. 48)

Os contos apresentam traços que vão adquirindo de gêneros próximos e mais consagrados como o romance, lendas, fábulas e mitos populares. Reproduzidos pela oralidade, o que concede o caráter coloquial na escrita e reforçando traços biográficos de quem os escreve e do cotidiano que representam, o folclórico, o efêmero e a condição humana em sua essência.

Entre os mais conhecidos representantes desse gênero textual no Brasil, se destacam “Machado de Assis, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Luiz Fernando Veríssimo.” (Silva; Gomes; Cândido, 2021, p. 6). Machado de Assis, destacou a dificuldade encontrada na escrita desta narrativa, “gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes merecedor”. (Guimarães e Camilo, 2021, p. 13).

Essa afirmação segue a compreensão machadiana, sendo este escritor um dos maiores nomes da literatura brasileira que se destaca como contista. Quando apresenta afirmações dessa natureza, enfatiza a autoridade que possui sobre o assunto. Sua afirmação é uma tentativa de justificar a pouca difusão desse gênero no Brasil.

Outro intelectual com destaque na escrita dessa narrativa, foi Lima Barreto, também referência como escritor negro suburbano carioca, com vasta produção de contos, teve reconhecimento tardio, pois sofreu com tentativas de apagamento histórico e teve alguns de seus livros conhecidos pela grande massa após os esforços de Francisco de Assis Barbosa que resgatou suas obras e sua biografia, tornando-se até hoje maior conhecedor e referência sobre a vida e obra de Lima Barreto. “Apenas em 1956, sob direção de Francisco de Assis Barbosa, é que toda a sua obra seria finalmente publicada, em dezessete volumes.” (Schwarcz, 2010, p. 43).

Escolhemos, os contos de Lima Barreto como instrumento de pesquisa, por esse escritor se destacar como consagrado intelectual negro, dedicado a apresentar o contexto social dos subúrbios cariocas, possuindo um aguçado senso crítico, provocativo e empenhado nas questões sociais e cotidianas da população fluminense. Estes que vivenciavam grandes acontecimentos, oriundos da transição de Monarquia para República, com todas as consequências dessa época e o avanço da modernidade, sobre influência europeia representada no otimismo do período que ficou conhecido como Belle Époque (1871-1914).

A leitura e reflexão de contos literários possibilita um aguçado olhar sobre as questões sociais presentes em sua concepção e a compreensão de eventos históricos, que destaca acontecimentos relevantes para a reflexão e debate na sociologia. A importância desse gênero textual se dá em sua forma, significado e historicidade, atrelado a abordagem que é dado na escrita de Lima, onde o resgate cultural, a apresentação da população pobre e suas condições de vida, atrelados ao contexto político e geográfico que dialogam com a leitura social, filosófica e crítica, além dos aspectos biográficos que atribui traços do cotidiano ao conto.

Os contos do escritor carioca, apresenta inúmeras questões, acontecimentos e temáticas sociais, que estimulam o debate e proporcionam a construção dinâmica de aulas, associadas à possibilidade de trabalhar questões em parceria com outras ciências. Lima Barreto tem um forte senso crítico e histórico, em seus contos encontramos,

“personagens da política portando outros nomes mais facilmente reconhecíveis; referências a costumes da elite da corte, prontamente ironizados; alfinetadas nas teorias raciais; ironias dirigidas às práticas da polícia ou as outras instituições do estado; alusões a hábitos da população local (alguns poucos elogiados, a maioria não); ou mesmo passagens inteiras acerca dos subúrbios do Rio de Janeiro.” (Schwarcz, 2010, p. 43).

Dessa forma, ao apresentar o contexto da época, podemos exercitar a leitura com os estudantes estimulando-os ao conhecimento de fatos históricos e modos de vida, através de leituras breves e objetivas dos contos, e o conhecimento sobre personalidades históricas e a contribuição de ambas para a historiografia brasileira. O destaque para a reflexão sobre teorias raciais, racismo e estratégias de mascaramento e negação do passado escravocrata. De maneira geral, Lima oferece grandes contribuições críticas sobre essa temática em seus contos.

“O autor constrói, assim, uma literatura que se pretende negra, suburbana e pobre. Na época em que mais se exaltava a abolição do que se lembrava do “passado” escravocrata, num contexto em que o próprio Hino da República, feito apenas dois anos após a libertação dos escravos, dizia “nós nem cremos que escravos *outrora* tenha havido em tão nobre país”. (Schwarcz, 2010, p. 43).

O debate sobre racismo e preconceito racial é sem dúvidas o que mais sobressai, não limitando-se apenas a essa temática. Nos contos de Lima Barreto, podemos encontrar na atualidade o debate sobre racismo, o suporte para conduzir as aulas de acordo com a temática sem cair em anacronismos. A atualidade do tema pode ser conduzida em parceria com as reflexões expostas sobre o racismo estrutural<sup>13</sup>, definido nas palavras de Almeida (2019),

o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras

---

<sup>13</sup> Sobre o assunto aprofundar os estudos na obra do filósofo, jurista e atual ministro dos Direitos Humanos Silvio Luiz de Almeida. (Almeida, Silvio Luiz de. Racismo estrutural /. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.)

classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. (Almeida, 2019, p. 15).

Inferimos que os esforços de Lima Barreto ao denunciar as práticas discriminatórias e relatar tais acontecimentos com histórias curtas é, sem dúvida, sua contribuição para gerar reflexões, debates e apresentar denúncias sobre esse sistema cruel que deixa chagas em nossa história. Almeida (2019) afirma:

“Outra consequência do tratamento estrutural do racismo é a rejeição de que o sistema de ideias racistas se nutra apenas de irracionalismos. Por certo o folclore, os “lugares-comuns”, os “chistes”, as piadas e os misticismos são importantes veículos de propagação do racismo, pois é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social.” (Almeida, 2019, p. 44)

A atualidade desse tema favorece a construção de abordagens metodológicas que estimulem a reflexão sobre representatividade, e as formas de violência ainda sofridas pela população pobre e negra do país. Os inúmeros casos de crimes raciais que estampam as páginas de jornais e publicações em redes sociais, podem ser estratégicos para desenvolver nos estudantes estímulos à leitura, reflexão crítica e escrita sobre esse e outros assuntos.

Apresentando estratégias que despertem o interesse dos estudantes e sensibilizem sobre a temática discutida em sala, podemos estruturar trabalhos de pesquisa no ensino médio para feiras de ciência e mostras culturais. Criar páginas em redes sociais com propósito de denúncias, esclarecimentos ou mesmo apresentar temas discutidos em sala e sua relação com a realidade do estudante, apresentar teorias e autores que discutem esses assuntos, criando espaços para que os estudantes possam contribuir com a reflexão e expor experiências sobre o tema em questão.

Lima Barreto apresenta uma variedade de contos, que favorece a identificação de temáticas e sua explanação com base nas propostas metodológicas e conceituais de estudo sociológico. Essa variedade narrativa pode dialogar com outras formas de conhecimentos e disciplinas como a História, Geografia, Literatura, Filosofia e entre outras. Sua preocupação em manifestar opiniões, descrever lugares, personalidades, fatos e acontecimentos reais ou fantasiosos, aproxima ainda mais da definição de conto, esse gênero é multifacetado e Lima favorece uma conexão com ele:

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar

se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar qual realidade nossa, a nossa cotidiana, do dia-a-dia? ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade contada literariamente, justamente por isto, por usar recursos literários segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? não seria já produto de um autor que as elabora enquanto tal? Há, pois, diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura. Tal como o tamanho, literatura não é documento. É literatura. (Batella, 1990, p. 8)

A conjuntura presente nos contos de Lima, são alternativas para a reflexão e discussão em sala, por aproximar temas atuais e a maneira como trata cada um, sempre evidenciando um olhar crítico, sagaz, irônico ou mesmo militante em sua literatura, “Lima Barreto conferia à sua obra ficcional o sentido militante de uma “missão social, de contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade.” (Rosso, 2010, p. 19).

Esse caráter militante era sua manifestação ética ideológica, de se opor a “escrita aristocrática” Rosso (2010), compreendida com a literatura da classe dominante que privilegiava, o elitismo academicista e político, presente em sua época, “Lima Barreto rejeitava terminantemente fazer de seu trabalho jornalístico, assim como de sua obra literária, ficcional e não ficcional, “instrumento de propaganda do sonho republicano de falso progresso e falsa civilização”.” (Rosso, 2010, p. 20).

A leitura dos textos desse escritor oferece bons temas e condições para debates ao sugerir como proposta para as aulas de sociologia, notamos a aplicação de textos literários, principalmente o gênero conto, apresenta elementos que aproximam os estudantes a desenvolver olhar crítico, reflexivo, associados ao incentivo à leitura prazerosa, criativa e rápida, ao mesmo tempo que podemos discutir questões variadas do ponto de vista das ciências humanas e sociais.

A interdisciplinaridade pode ser alcançada com o uso dos contos literários, sugerimos trabalhar com os contos literários de Lima Barreto por apresentarem variedade de temas que mobilizam reflexões de natureza interdisciplinar e despertam a criticidade e reflexão nos estudantes diante das provocações que podem ser direcionadas a partir da aplicação dos contos em sala de aula. Seus contos, partem desde questões políticas, sociais e econômicas, pobreza, racismos e exclusão, trabalho, cidade; temática indígena, festas populares, carnaval e futebol; temas relativos ao sobrenatural e a morte; corrupção, nepotismo, traição, acontecimentos históricos, filosofia e inúmeros relatos do cotidiano, entre tantos outros.

Diante do exposto fica evidente que sua abordagem nos permite discutir nas aulas de sociologia, como também formar parcerias com colegas de outras disciplinas para ampliar as

discussões dos conteúdos, em experiências amplas e didáticas, aproximando os estudantes ao debate proposto na sociologia, com suas teorias e conceitos. A apresentação de temáticas de ordem sociológica, favorece ao estudante aprender a exercitar um olhar sociológico e compreender como essa disciplina reflete e explica os fenômenos sociais e a relação entre os indivíduos e a sociedade.

### 3 O USO DO CONTO COMO GUIA PEDAGÓGICO PARA O ENSINO MÉDIO

#### 3.1 O USO DO CONTO NO ENSINO MÉDIO NAS DISCIPLINAS: HISTÓRIA E LITERATURA

A apresentação deste tópico evidencia algumas das abordagens mais usuais na aplicação de contos no ensino de história e literatura na educação básica. Como suporte para o ensino, o uso do recurso literário sustenta o compromisso com o exercício da prática de leitura e interpretação de textos, com a finalidade de apresentar possibilidades de incentivo à escrita, interpretação e reflexão sobre acontecimentos narrados.

Todos os tipos de conto ganham destaque em pesquisas comprometidas com o ensino e a prática docente. Entre eles destacam-se os: “Conto maravilhoso, Fábula, Lenda, Narrativa de aventura, Narrativa de ficção científica, Narrativa de enigma, Novela fantástica, Conto parodiado.” (Dolz e Schneuwly, 2004, p. 121 *apud* Soares, 2018, p. 43). Cada tipo é contextualizado e reforça o compromisso em discutir os elementos determinantes da história: lição de vida, compromisso moral, ética ou empatia.

Também são apresentadas propostas de discussões sobre questões raciais, pobreza, política e trabalho. Questões relacionadas às apresentações deste recurso narrativo se conectam com o real e o ficcional. Jaguaribe (1998), afirma: “As fronteiras entre história e ficção são porosas por quê se privilegia uma narrativa desses percursos que visa a questionar como a fabricação literária é impulsionada pelo seu contexto histórico e como o contexto histórico é ficcionalizado pela narrativa literária.” (Jaguaribe, 1998, p. 15).

A narrativa é uma ferramenta de construção de argumentos que possibilita aproximar o passado e o presente, assim, sua aplicação favorece possibilidades de leituras sobre o real e o ficcional. O historiador tem o compromisso com a realidade, as narrativas de ficção revelam as manifestações do escritor, narrando acontecimentos ou criando ficções, ele possibilita interpretações que podem ser compreendidas com ênfase em sua história e contexto temporal.

“A narrativa histórica, como a escrita da história, em uma formulação, ainda de De Certeau, “tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade que enterra os mortos como meio de estabelecer um lugar para os vivos” (De Certeau, 1982, p. 107. *apud* Cardoso, 2000, p. 8)

A construção da narrativa faz parte do processo de transformação que lhe é atribuído na conjuntura de sua interpretação, a ficção confunde-se com realidade, a ponto de estabelecer fronteiras tênues. “O discurso ficcional tornou-se tão possível/desejado quanto qualquer realidade. Mais que isso, tamanho foi aproximação entre esses espaços que terminam por convergir sim ao ponto de não mais podermos diferenciá-los.” (Silva, 2009, p. 10).

A relação entre a narrativa de ficção encontrada no conto, constrói uma abertura para “julgar” na realidade os acontecimentos históricos, apresentando grandes dimensões. A perspectiva histórica e literária no uso dos contos compreende essa dinâmica de análise com interpretação dos fatos históricos e do tempo presente.

### 3.2 O USO DO CONTO NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA

Esse item apresenta um panorama de pesquisa sobre a utilização de contos no ensino de sociologia. Objetivamos aqui realizar um breve levantamento sobre produções didáticas que apresentam essa parceria entre contos literários e o ensino de sociologia detalhando a forma como estão sendo utilizados.

Como critério para a busca utilizamos os termos, “conto e ensino de sociologia” e “gênero literário conto e o ensino de sociologia”, para identificar pesquisas que se propõe a debater e aplicar contos literários direcionados para o ensino da disciplina. Para melhor aproximar a pesquisa, não determinamos corte temporal, uma vez que o levantamento se desejou através dos termos utilizados, identificar a produção sobre o assunto, o foco primordial foi identificar a aplicação do gênero textual com o ensino de sociologia.

Buscamos identificar trabalhos acadêmicos, com destaque para artigos, dissertações, monografias ou teses. A breve pesquisa tenta sintetizar uma amostra do que se produz em relação ao uso do conto literário, para aproximar as discussões que se objetiva realizar com sua aplicação no ensino de sociologia. O levantamento foi realizado nas plataformas Portal de Periódicos da Capes<sup>14</sup> e no *Google Acadêmico*<sup>15</sup>. Elaboramos um quadro identificando ano, autores e títulos dos trabalhos e sua natureza, foram encontrados quatro artigos e duas monografias.

---

<sup>14</sup> <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>

<sup>15</sup> <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

**Quadro 3** - Quadro sobre artigos e dissertações.

ANO DE PUBLICAÇÃO.	TÍTULOS	AUTORES
2016	<i>Monografia</i> <i>A narrativa ficcional como método no ensino de sociologia</i>	CAVALCANTE, Gustavo Oliveira Wolf.
2019	<i>Monografia</i> <i>Sociologia e literatura: os contos machadianos na sala de aula.</i>	OLIVEIRA, Ana Clécia Fernandes de.
2020	<i>Artigo</i>  <i>Análise do discurso amoroso em contos ilustrados: uma contribuição para a sociologia das emergências.</i>	FERES, Beatriz.
2021	<i>Artigo</i> <i>Narrativas que importam: Práticas de leitura no ensino de sociologia</i>	PIRES, Andressa Fontana e CARNIE, Fagner.
2023	<i>Artigo</i> <i>O uso do gênero literário “conto” como recurso metodológico para o ensino de sociologia: um experimento a partir do conto “o moleque” de Lima Barreto como proposta de sequência didática.</i>	MONTEIRO, José Marciano e SILVA, Francisco Stefeson.

Quadro 3- Elaboração própria.

A concepção de trabalhos com o objetivo de apresentar o uso da literatura como suporte para o ensino de sociologia, apresenta avanços, na medida que as práticas de ensino exigem maior interação com os estudantes, com a presença de recursos didáticos dinâmicos e lúdicos.

A literatura ou, mais especificamente, a ficção literária, pode servir de aporte discursivo na aprendizagem sociológica para preencher o hiato entre a abordagem científica e a vida cotidiana, isto é, oferecendo condições para que os estudantes assimilem e interajam essas duas linguagens por meio de uma terceira, a ficcional, de modo a enriquecer a perspectiva sobre ambas as dimensões, conceitual e real, ao viabilizar a construção de conexões específicas, porque permeadas por experiências próprias, e íntimas, através da imaginação, rompendo a assepsia da ciência para tocar, ou permitir ser tocada, seja pelas manifestações da cultura. (Cavalcante, 2015, p. 19)

A utilização de estratégias interdisciplinares para estimular leitura, interpretação e escrita associada à compreensão dos fenômenos sociais, é uma alternativa que ganha força entre disciplinas de sociologia e literatura. A fim de analisar o alcance dessas propostas, estão descritos os trabalhos identificados, e como discutem a relação entre conto e ensino de sociologia.

Os artigos encontrados apresentam estratégias sobre a aplicação do conto direcionados para o ensino, na *Monografia “A narrativa ficcional como método no ensino de sociologia” Cavalcante (2016)*, o autor privilegia uma leitura do discurso ficcional como critério para a compreensão dos sentimentos dos estudantes e possibilidade de diálogo e apresentação de violências simbólicas sofridas na escola, sua experiência surge do estágio e escreve o relato da aplicação de técnicas de leitura e escrita que privilegiam narrativas simbólicas dos estudantes.

Essa alternativa contribui para aproximar os estudantes da escrita e relato de experiências, as produções dos estudantes permite ao professor conhecer melhor o público em sala de aula e identificar temas e proposta para o ensino da disciplina de sociologia, aproximando os estudantes.

Em *“Análise do discurso amoroso em contos ilustrados: uma contribuição para a sociologia das emergências.”* Feres, (2020), privilegia a contribuição do conto como pressuposta para o estudo e aplicação do gênero literário como critério de entendimento e debate, sobre a tomada de consciência de questões decoloniais<sup>16</sup>. Através da “sociologia das emergências” de Boaventura de Sousa Santos (1940), entendida como, “aquela que, complementando e ultrapassando a denúncia promovida pelas “sociologias das ausências”, tem o objetivo precípua de mobilizar a “vontade inconformista” daqueles que tomam consciência de seus direitos.” (Feres, 2020, p. 985).

Através dos contos: Uma princesa nada boba, de Luiz Antônio, com ilustrações de Biel Carpenter (2011) e Amoras, escrito pelo rapper Emicida e ilustrado por Aldo Fabrini (2018). A autora discute temas relacionados ao racismo, consciência, democracia e liberdade, diante das propostas dos contos e suas representações gráficas e ilustrações.

Os trabalhos apresentam propostas de leitura e interpretação dos acontecimentos e narrativas presentes nos contos, avaliando comportamentos e situações que aproximam a realidade vivida pelos personagens e o nosso cotidiano. A técnica mais recorrente para o desenvolvimento desse tipo de proposta é a leitura dinâmica, que privilegia a divisão de leitura coletiva ou individuais em sala, para a reflexão na turma os professores ao se apropriarem desse tipo de técnica apresenta suas considerações com ênfase na abordagem dos conceitos, temas e teorias sociológicas que são encontradas.

Pires e Carniel (2021) apresentam o potencial da utilização dos contos na reflexão e debate sobre questões de gênero e sexualidade, seu artigo, *“Narrativas que importam:*

---

<sup>16</sup> (estudos que contrapõe o discurso colonizador, a decolonialidade privilegia o saber descentralizado da “hegemonia ocidental cêntrica”).

*Práticas de leitura no ensino de sociologia*” Pires e Carniel, (2021), privilegiam a leitura do conto, “*O papel de parede amarelo*”, de Charlotte Perkins Gilman, Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. Associando a reflexão sobre as questões pertinentes a diversidade de gêneros e a parceria que a literatura possibilita, gerando “consciências e sensibilidades atentas às assimetrias, desigualdades e violências inscritas no cotidiano generificado que habitamos” (Pires, Carniel, 2021, p. 1).

Estimulam reflexões com o conto através de técnicas, como “prática de leitura compartilhada”, permitindo novas perspectivas no diálogo desenvolvendo “intersubjetividades” entre os estudantes, evidenciando múltiplas experiências, no processo de aplicação do conto, que sensibiliza olhares e possibilita reflexões em sala. A aplicação didática do conto assume uma variedade de formas, e possibilidades de acordo com os temas escolhidos ou identificados a partir deles. O conto pode refletir ficção ou realidade, e a dinâmica de apresentação e debate proposto pelo professor assegura o envolvimento dos estudantes com o assunto a ser trabalhado.

No artigo “*O uso do gênero literário “conto” como recurso metodológico para o ensino de sociologia: um experimento a partir do conto “o moleque” de Lima Barreto como proposta de sequência didática.*” de Monteiro e Silva (2023), apresenta possibilidades de aplicação de sequência didática partindo do conto “o moleque” - de Lima Barreto (1881-1922), o conto fornece uma variedade de temas, como (racismo, religiosidade, exclusão social, pobreza, trabalho, vocabulário indígena e subúrbios), ambientados no Rio de Janeiro do início do século XX.

As possibilidades de sequências didáticas parte do temário que o autor apresenta e se concretiza como alternativa para reflexão de temas e teorias sociológicas. Os assuntos são próximos a vivências e experiências dos estudantes, possibilitando uma reflexão que interage com a participação dos alunos, e exposição de problemas que cabem no diálogo e avaliação sociológica.

A monografia intitulada, “*Sociologia e literatura: os contos machadianos na sala de aula.*” Oliveira (2019), configura-se como proposta de utilização dos contos de Machado de Assis (1839-1908), como fonte de pesquisa para o estudo de temáticas sociais. A apresentação das possibilidades de estudo dos contos e sua relação com a interdisciplinaridade presente nos contos do autor que permite um diálogo entre sociologia e literatura, relacionando outros saberes como História e Filosofia. Oliveira (2019), propõe um trabalho que privilegia a identificação de temas, teorias, conceitos e abordagens propostas com ênfase nas informações identificadas nos contos machadianos.

Os trabalhos identificados apresentam semelhanças na forma como discute as propostas para a utilização dos contos no ensino de sociologia, suas abordagens perpassam por temas, conceitos e teorias, elementos fundamentais para a formulação de uma proposta sociológica. Destaca-se temas como: interdisciplinaridade; a reflexão sobre abordagens temáticas; análise de narrativas; estudo dos acontecimentos históricos e fenômenos sociais; pesquisa teóricas e conceituações; sensibilização, empatia e conscientização através dos assuntos dos contos; diálogos entre o clássico e o contemporâneo; debate sobre ficção e realidade.

São muitas as formas como se apresenta a relação entre o ensino de sociologia e uso dos contos, as experiências dos professores e dos alunos, entrelaçam no contexto de reflexão e debate, deve-se superar o senso comum e garantir a incontestabilidade da sociologia - May e Bauman (2010), segundo os autores, “estabelecer uma fronteira entre conhecimento sociológico formal e senso comum é questão tão importante para a identidade da sociologia como manter um corpo de conhecimento coeso.” (Bauman; May, 2010, p. 20-21).

As possibilidades didáticas para os estudos de contos são múltiplas e podem ser exploradas dentro de uma perspectiva crítica sociológica, contribuindo para o exercício da leitura, escrita, interpretação e análise sociológica. O contorno didático que mais ganha destaque nas possibilidades do uso dos contos no ensino de sociologia, estão relacionados a aplicações de temas, teorias e conceitos. Esses recursos metodológicos são definidores da tradição sociológica, “não podem ser vistos separadamente” Tomazi (2008).

O autor também nos apresenta a interrelação entre os três fundamentos, afirma, “Os conceitos são partes da teoria e são também elementos que podem melhor nomear, explicar e trabalhar com temas no cotidiano. Entendemos que as três coisas se inter-relacionam” (Tomazi, 2008, p. 32). Sua definição representa ao desenho sociológico característico, “Conceito, então, faz parte de um discurso, é uma dimensão linguística, que é importante que o aluno adquira, que o aluno domine certa linguagem. Um pouco daquelas situações de pensarmos em uma leitura e uma escrita.” (Tomazi, 2008, p. 32).

O conceito se contextualiza com o “domínio do vocabulário básico da linguagem sociológica. O emprego de um conceito reclama o conhecimento do contexto histórico e das condições ou razões também históricas que marcaram sua elaboração.” (Moraes; Guimarães, 2010, p. 49). Esse domínio é apresentado pelo professor que ao introduzir as reflexões sobre a historicidade da sociologia apresenta e fortalece com os estudantes o aprendizado conceitual. O conhecimento do contexto histórico é fundamental para relacionar conceito e teorias.

Ao apresentar a relação indissociável entre as estruturas metodológicas do conhecimento sociológico, devemos compreender sua importância e necessidade para a construção de propostas didáticas coerentes com a disciplina. Sugerir o uso de contos no ensino de sociologia identificando temas de natureza sociológica, deve relacionar e compreender a historicidade como pressuposto, “temas têm uma historicidade” Tomazi (2008), o desenvolvimento das propostas didáticas segue a junção entre teoria, conceitos e temas. Tomazi (2008), define teoria como “modelos explicativos, ou teoria explicativa”. Não falamos da realidade tal como ela é, criamos uma explicação para essa realidade, que poderíamos chamar de Modelos Explicativos.” (Tomazi, 2008, p. 32). A concepção teórica torna-se o princípio para o fortalecimento das ciências sociais, “teorizar é buscar explicações coerente e sistemática de determinado processo ou fenômeno.” (Moraes; Guimarães, 2010, p. 52).

A utilização de temas é definida pela relação do cotidiano e dos fenômenos identificados, o imediato, empírico e comum estão associados à compreensão que entendemos sobre os temas. Os temas podem vir do cotidiano, da tradição ou da “especialização do campo das ciências sociais”. Tomazi (2008). A preocupação com a realidade e temas estabeleceu o paralelo entre os temas que vem da tradição como “trabalho, religião, educação, desigualdade social, a estrutura social, a estratificação social” (Moraes, 2008, p. 41). Esses temas são exemplos que oferecem olhar sobre a realidade, e constroem olhares de temáticas especializadas, como “trabalhar com a comunicação, dos meios de comunicação de massa” Moraes (2008), o autor estabelece essas especializações com futuras áreas de formação dos cientistas sociais.

O exercício docente também encontra temas emergentes, variações ou adaptações conforme a época e o contexto social, e sua presença no cotidiano.

“violência; preconceito; racismo e seu contraponto, a tolerância; a presença da mulher na sociedade, que, há muitos séculos não era absolutamente importante, não era uma questão, no entanto, a partir do século XX vai se tornando cada vez mais importante, chamado estudos sobre as Relações de Gênero, que a própria Sociologia promove: a infância, que durante boa parte da história da humanidade não existia e que de repente foi se integrando e até hoje é uma realidade e um estudo, a sociologia da infância, até pouco tempo era mais afeita ao campo da psicologia e hoje temos muitos trabalhos feitos sobre a infância. Hoje até por causa dos debates sobre o aquecimento global, é entendermos que esse tema tão imediato – aquecimento global -, na verdade faz parte de um tema de tradição na Sociologia, que são as questões sobre meio ambiente. Existe na Sociologia do Meio Ambiente, ou, existem estudos sociológicos sobre o meio ambiente. (Moraes, 2008, p. 41-42)

Diante do exposto fica evidente que a aplicação de temática no ensino de sociologia deve estar comprometida com a tríade de princípios metodológicos, apresentando uma relevância que fortalecer o ensino e aproxima os estudantes, “O tema, então, é importante, porque traz o aluno, vem muitas vezes do próprio aluno, de sua realidade imediata e que, a partir daí, o aluno pode perceber que o tema pode sofrer uma sistematização, uma organização e isso refletir no modo como ele pensa. (Moraes, 2008, p. 41-42).

## **Parte II - Guia Pedagógico - Trabalhando com contos de Lima Barreto nas Aulas de Sociologia.**

Na organização da proposta pedagógica para aplicabilidade dos contos nas aulas de sociologia, sugerimos como recurso para a utilização nas aulas a identificação de temas e sua discussão de acordo com teorias sociológicas. Nosso objetivo foi apresentar aos professores alternativas didáticas com ênfase na utilização desse gênero textual como fonte de temáticas e sua relação com propostas no exercício docente.

O Guia Pedagógico é uma possibilidade direcionada a prática docente que aproxima o saber sociológico, de discussões interdisciplinares com a História, Geografia Filosofia e Literatura, proporcionando aos estudantes o desenvolvimento da leitura e interpretação de textos, facilitando a reflexão crítica e análise dos acontecimentos históricos com olhar voltado para os fenômenos sociais.

Para a construção do material didático, escolhemos 12 contos, que serão divididos em tópicos para apresentação com propostas didáticas. A seleção desses contos privilegiou a apresentação de temáticas que contemplem a perspectiva literária de Lima Barreto. Evidenciando os assuntos mais recorrentes na proposta literária do escritor, norteamos acontecimentos importantes no cenário nacional, em seus contos encontramos, reflexos da crítica aos acontecimentos históricos com ênfase em situações do cotidiano, personalidades e uma preocupação em apresentar seu posicionamento crítico e ideológico.

Nosso Guia Pedagógico aproxima o diálogo deste autor e sua produção contista a interdisciplinaridade inerente na apresentação de temática em sua literatura. A opção em trabalhar com temas, surge com base no exercício prático em discutir assuntos de familiaridade dos estudantes. A discussão de temas é a prática mais usual no exercício docente na disciplina de sociologia, “dadas as possibilidades de desenvolver conteúdos clássicos e

contemporâneos das ciências sociais, relacionando-os de modo muito próximo com a realidade dos alunos” Moraes; Guimarães (2010). A compreensão e análise de temas aproxima a apresentação de teorias e conceitos, facilitando a apresentação da disciplina e sua proposta epistemológica.

A escolha dos temas está associada a essa familiaridade que professores e estudantes apresentam em relação a certas questões emergentes ou que se impõe por si mesmas e que acabam estimulando a discussão, a busca de respostas e entendimento. (Moraes; Guimarães, 2010, p. 51)

A proposta de trabalhar temas, deve ser acompanhada da noção de “estranhamento” como suporte para a reflexão sociológica e apresentar alternativa comprometida com o olhar científico que a sociologia preza. Seus contos apontam para mais de um tema, buscamos destacar o mais característico e relacionar com uma proposta teórica ou conceitual da sociologia, acompanhando possibilidades de análise e aplicação com atividades.

Cada tópico apresenta um quadro de orientação onde identificamos o conto, os temas, teorias / autor, e diálogo interdisciplinar que será apresentado, alguns tópicos apresentam mais de um conto por conter temáticas semelhantes. Como estímulo para organização da proposta, encontramos alguns procedimentos para ordenação dos assuntos e discussão de acordo com a sugestão organizacional encontrada no livro: *Teorias sociológicas Modernas e pós-Modernas: Uma Introdução a temas, conceitos e abordagens. Autoria de Corina A. Bezerra Carril Ribeiro, (2016)*. Na obra a autora apresenta o sumário com item de orientação para entendimento da obra: XVII - “como aproveitar ao máximo este livro”. Nele apresenta a sistemática de organização de cada capítulo, e sua estrutura prévia, como ferramenta para orientar o leitor na disposição dos recursos visuais que irão enriquecer a sua leitura.

### **Sistematização do Guia pedagógico para o professor:**

#### **Quadro de apresentação de temática:**

Neste quadro estão disponíveis as informações sobre os contos, temas, autor e teoria e diálogo interdisciplinar. A disposição dessas informações apresenta uma prévia do assunto a ser trabalhado de acordo com o tema.

#### **Conteúdo sociológico para o capítulo:**

Indicação do conteúdo e procedimento metodológico a ser trabalhado a partir do conto sugerido, nele essas temáticas podem estar explícitas ou não, o professor conduz a reflexões sobre a relevância dos assuntos para essa contextualização.

**Questões para reflexão e pesquisa:**

Aqui propomos levar aos estudantes a reflexões críticas sobre o assunto, conduzindo-os ao debate e reflexão com seus pares, análise dos acontecimentos históricos ontem e hoje, e instigá-los a pesquisar e aprofundar mais sua curiosidade científica sobre o assunto. Com sugestão de obras e autores da sociologia que possam contribuir com a condução dos seus estudos sobre a temática abordada e aprofundar suas pesquisas.

**Contos:**

Ao final do Guia Pedagógico, encontram-se todos os contos selecionados organizados por ordem alfabética para leitura, estudo e reflexão à luz de uma análise sociológica.

**Síntese:** Apresentação dos principais conceitos apresentados ao final de cada capítulo.

Com a construção deste Guia Pedagógico, sugerimos aos professores uma alternativa de orientação para estruturar suas aulas e utilizar as temáticas como alternativa para o debate e discussão em sala de aula. O arcabouço dessa proposta visa apresentar o potencial pedagógico, sociológico e interdisciplinar dos contos, através de um ensino dinâmico para o exercício da prática docente.

## 4 GUIA PEDAGÓGICO E O USO DE CONTOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

O objetivo deste capítulo é apresentar a definição do material didático que será utilizado para como guia pedagógico, os procedimentos para escolha dos contos, o relato da experiência desenvolvida na escola e a apresentação em forma de Quadro dos contos, temas e teorias escolhidas para a construção do material.

### 4.1 O QUE É UM GUIA PEDAGÓGICO

A produção de materiais didáticos para o ensino de sociologia vem crescendo e possibilitando estruturar melhor os trabalhos da disciplina em sala de aula. A produção de materiais destinados a apresentar estratégias didáticas que facilitem a prática de ensino e proporcionem orientações objetivas, favorecendo a construção de planos de aula com orientação para conteúdo, discussão e avaliação.

Os livros didáticos, são potenciadores utilizados como instrumento de trabalho, fonte de pesquisa e direcionamento para a prática diária de ensino. Os materiais didáticos podem ser entendidos como, “artefatos educacionais que são produzidos a partir da seleção, da montagem, da criação e da organização de determinados repertórios culturais para compor ferramentas pedagógicas” (Carniel, 2020, p. 216). Assim, podemos estabelecer uma ponte entre a importância dos materiais didáticos, sejam livros didáticos ou guias pedagógicos, como extensão para a finalidade de orientação para o ensino.

Para compreender melhor seu compromisso com o ensino, entendemos que, “O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como o material instrucional que se elabora com finalidade didática”. (Bandeira, 2009, p. 14). A produção desse material deve estar comprometida com ideias e orientações de procedimentos destinados à ação, ou seja, sua proposta é apontar possibilidades práticas, orientações e técnicas, destinada a realização de atividades com objetivo de contribuir em diversas áreas do ensino. Podendo apresentar características como,

conjunto de textos, imagens e de recursos, ao ser concebido com a finalidade educativa, implica na escolha de um suporte, impresso ou audiovisual. No entanto, cada época exhibe um conjunto de técnicas, do papiro aos meios digitais no século XXI, estas mudanças revolucionaram a escrita, a produção e a difusão do livro. (Bandeira, 2009, p. 14).

Ao conceber o material didático, busca-se apresentar propostas para o exercício diário do professor, evidenciando assuntos, e temas que favoreçam o debate sociológico em sala de aula na educação básica. O material didático deve apresentar características comuns, como textos, imagens, questionamentos e orientações para o exercício docente, entre outras. Os guias pedagógicos assumem compromissos semelhantes, com objetivos de orientar a prática docente e apresentação dos assuntos a serem trabalhados em sala. Sales (2023), afirma:

Para Rangel, Delcarro e Oliveira (2019) o guia pedagógico ou guia didático configura-se como sendo “um material que contém informações, ideias, apontamentos, conteúdos, notas, dados e experiências individuais, coletivas, culturais, tecnológicas e ambientais de maneira clara e objetiva, que auxiliam a construção do conhecimento”. Ainda, os autores ressaltam que este instrumento é responsável por desenvolver a renovação de ideias e o estabelecimento da autonomia, proporcionando diversas formas de interação entre conteúdo, sociedade, ambiente, escola e educação. (Sales, 2023, p. 11)

Os Guias Pedagógicos enquanto instrumento de orientação, também pode ser compreendido como instrumentos de orientação, planejamento e direcionamento para os assuntos a serem trabalhados na disciplina, apresentando procedimentos para o ensino, relatos, apresentação de propostas e técnicas a serem aplicadas. “No Brasil, grande parte do conhecimento sociológico produzido sobre materiais didáticos está concentrado no estudo de um objeto específico: os manuais escolares.” (Carniel, 2020, p. 216).

Os livros ou manuais didáticos ganham destaque por sua abrangência e acessibilidade na educação básica, onde sua produção é destinada para os estudantes da rede pública, através do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). Os livros didáticos podem ser criadores de discursos, eles são as bases para o fortalecimento das disciplinas e constantemente se caracterizam como o norte da estrutura curricular que se deseja aplicar na disciplina, “O livro didático, por tanto, tem um potencial singular como criador de discursos pedagógicos, revelando uma ou mais concepções possíveis das Ciências Sociais como disciplina escolar em determinado tempo e lugar.” (Maçaria, 2020, p. 211).

Os aspectos culturais, associados a perspectivas políticas e ideológicas de cada escritor que se propõe a criação de materiais didáticos, estão implícitas nesses materiais. Assim, a apresentação e discussão de um escritor militante como Lima Barreto, crítico de sua realidade social, revela posições ideológicas do autor estudado e dos escritores que o propõem. O que estimula críticas ao posicionamento e uso de materiais como recurso ideológico,

passível de potenciais discordâncias, “cada material didático expressa relações de poder na medida em que aproxima, nomeia, enquadra, contextualiza, representa, condiciona e enfatiza, sensibiliza, classifica, e problematiza certos fenômenos, práticas, saberes e sujeitos sociais em detrimento de outros. (Carniel, 2020, p. 218).

A defesa da produção de materiais didáticos com potencial crítico direcionado para os estudantes da educação básica deve sempre existir. Diversos materiais são alvos constantes de críticas e denúncias, por apresentar essa dimensão ideológica. Maçaira (2020) continua:

Os livros didáticos revelam formas de avaliar e aplicar o currículo tomando enquanto programa oficial ou como prática em sala de aula; são obras polêmicas, pois podem carregar ideologias – e frequentemente são “acusados” disso, são passíveis de avaliação externa ( dos governos, dos professores, e da comunidade que cerca a escola); e têm um público compulsório e crescente, alcançando uma circulação que os demais livros não chegam nem perto de alcançar; e, por todos esses motivos, são também cercados de interesses econômicos relativos à sua comercialização. (Maçaira, 2020, p. 211)

O potencial avaliativo que os livros didáticos apresentam sobre políticas públicas, críticas, estudos da realidade social do país e seu potencial econômico, são pontos para refinada atenção e cuidado para não perder esse instrumento de tão amplo alcance a efetivo compromisso. Os materiais devem ser elaborados com o cuidado e rigor exigido pela sociologia e para sua atuação efetiva.

A propagação de materiais como guia didático e pedagógico, fortalece a disciplina na educação básica e proporciona variedade de propostas de ensino e de conteúdos adaptadas para aplicação com crianças e adolescentes. O compromisso do guia pedagógico é apresentar ideias, propostas, orientações e instrumentos como suporte de apoio ao professor, para que possa fortalecer sua prática de ensino e estruturar ações objetivas com pesquisas e alternativas para a estruturação do currículo que se pretende desenvolver na escola.

#### 4.2 O CONTO COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Aproximar os estudantes da educação básica ao reconhecimento e reflexão sobre a importância da sociologia para sua formação é um desafio diário. A dinâmica de apresentação dos conteúdos da disciplina precisa ser contextualizada aos estudantes, apresentando as aulas de sociologia como espaço aberto para discussões, livre de julgamentos de valores, que preza

por seu envolvimento, trazendo suas experiências para o debate, deixando-os sentir-se contemplados com a aula e as reflexões propostas.

A aplicação do recurso literário em aulas de sociologia, deve ser encarada como alternativa na busca de aproximar o exercício da leitura com a análise dos fenômenos sociais. “Arte e literatura podem ser poderosas aliadas para o ensino de Sociologia no ensino médio.” (Dimitrov, 2020, p. 45). A arte e a literatura fornecem possibilidades didáticas, pois apresentam temas, situações, personagens, comportamento, discussões e interpretações, disponíveis em vários gêneros textuais importantes, que podem ser absorvidos para o estudo sociológico.

O gênero conto reforça a parceria entre sociologia e literatura, torna-se aliado na aplicação didática voltado para a apresentação de temas, conceitos e contextos sociais na disciplina de sociologia. Sua dinamicidade, tamanho e características, oportuniza a aplicação em sala, estimulando a leitura, interpretação e discussão sobre situações cotidianas e fenômenos sociais que os escritores apresentam em suas obras literárias.

Temos a oportunidade de fortalecer o ensino de sociologia, com apoio nos contos de Lima Barreto, por este escritor ser comprometido com a reflexão sobre fenômenos sociais. A abordagem apresentada por Lima, denota um compromisso crítico e denunciador da realidade social da época. Rosso (2010) reforça essa característica ao afirmar que “A opção por uma literatura militante determinou o caráter marginal (e ‘revolucionário’, para muitos estudiosos) de sua obra(...)” (Rosso, 2010, p. 21). O contexto social onde viveu define a relevância de sua literatura, “a amplitude de temas é acoplada a uma função crítica, combatente e ativista de seus textos” Rosso (2010).

Lima Barreto surge na literatura brasileira num dos períodos mais instáveis da história do país: no campo político-ideológico, marcado por conflitos relativos ao processo de consolidação da República; no plano social e econômico, a transição da antiga ordem escravocrata para uma ordem liberal burguesa; e, no terreno dos valores estético-literários, as ambiguidades do chamado pré-modernismo. (Freire, 2008, p. 1-2)

Seu compromisso em relatar e apresentar um posicionamento militante de causas populares, contrários a hierarquias da época, aproxima nossa realidade a perspectivas críticas

lançadas por Lima. Os estudantes ao se depararem com os contos deste autor, encontram narrativas históricas reais e fictícias de valioso significado. Os textos são de fácil entendimento, curtos, com narrativas assertivas e pequenas alfinetadas a grupos abastados, políticos, intelectuais e religiosos. Seus temas são reflexos da análise aprofundada sobre questões sociais.

A perspectiva apresentada nos escritos de Lima Barreto, favorece a aproximação com os fundamentos proposto nas Orientações Curriculares Nacionais - OCNS, a “*desnaturalização*” e o “*estranhamento*” (Brasil, 2006). Seus contos são concebidos sobre um olhar crítico cuja concepção desnaturalizada apresenta princípio norteador de reflexão e avaliação sociológica.

Procurando fazer uma ponte entre o *estranhamento* e a *desnaturalização*, pode-se afirmar que a vida em sociedade é dinâmica, em constante transformação; constitui-se de uma multiplicidade de relações sociais que revelam as *mediações* e as contradições da realidade objetiva de um dado período histórico. É representada por um conjunto de ações que se caracterizam pela capacidade de alterar o curso dos acontecimentos, e provocar transformações no processo histórico. Os saberes sociológicos são construídos a partir da sistematização teórica e prática do processo social e a ação concreta dos homens delimita o campo de análise sociológica; além disso, a dinâmica da vida social oferece as ferramentas fundamentais para a sistematização do conhecimento. (Moraes; Guimaraes, 2010, p. 47).

Os relatos do cotidiano, são reflexos dos fenômenos sociais presenciados pelo escritor, revelados em suas histórias reais ou fictícias, permitindo ancoragem para o debate e reflexão proposta nas Ciências Sociais. Considerando os princípios de “*estranhamento*” e “*desnaturalização*” dos fenômenos sociais narrados nos contos do escritor carioca, a variedade de temáticas disponíveis para reflexão em sala de aula é abundante.

Uma obra que inclui em seu temário: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, ideais sociais, políticos e econômicos, crítica social, política, moral e cultural, discussões filosóficas e científicas, referências ao cotidiano urbano, à política nacional e internacional, à burocracia, análises históricas. (Rosso, 2010, p. 21).

Seus temas são apresentados em caráter de denúncia, sua preocupação em descrever o ambiente e a população representa sua posição ideológica, militante e crítica do contexto social que também faz parte. Apresentando postura politizada, “sua preocupação maior é abranger o mais que pode, no maior volume e amplitude possíveis, a realidade social brasileira, quer na literatura ficcional, quer na não ficcional.” (Rosso, 2010, p. 21). Seus contos discutem as violências simbólicas vividas diariamente pelos personagens, que em diversas situações tem inspirações reais.

Exemplo a ser considerado, no conto “O moleque”, Lima, faz uma apresentação do cotidiano pobre da população do subúrbio, inicia o texto mostrando nomes indígenas das regiões da cidade, sua força e significado poético; apresenta as manifestações religiosas e diversidades de cultos e espiritualidades ali encontrados; refere-se a estrutura das casas, casitas e barracões, mostrando a simplicidade das habitações; descreve a estrutura das ruas e vielas; relata o cotidiano da população pobre e trabalhadora, reforçando o protagonismo feminino das mulheres pretas, pobres e honestas; discute tabus como racismo, prostituição, trabalho infantil; descreve relações de apadrinhamento e adoção, infância e abandono parental.

Temas abrangentes que podem ser discutidos em perspectiva teórica clássica como a teoria do conflito em Max Weber (1864-1920), quando propõe uma sociologia compreensiva que busca “analisar as ações qualitativas” (Bezerra; Ribeiro. 2016, p. 64), evidenciando um compromisso da sociologia em compreender os significados da ação dos indivíduos. Assim, ao analisar o conto “O Moleque”, podemos identificar os sentidos da ação dos personagens, seu comportamento e significado, associando a teoria do sociólogo de acordo com o cotidiano narrado no conto.

O exercício de imaginação sociológica (Mills, 1959), pode ser colocada em prática apresentando os personagens do conto e o contexto social, observando, descrevendo e analisando as ações dos indivíduos. A reflexão sobre a sociologia surge, na medida em que a conceituação é apresentada, a leitura é realizada e o professor discute com os estudantes as diversas possibilidades de análise e reflexões sobre os temas e acontecimentos. Amparados com experiência didática, e propostas que objetivam discutir assuntos e propor atividades para fixação dos temas.

O contexto social representado no conto, ganha parceria com a disciplina de história e geografia, apresentando o desenvolvimento histórico e o espaço dos subúrbios, descrevendo sua formação e a população. O professor pode solicitar aos estudantes a construção de mapas urbanos identificando problemas recorrentes nos subúrbios, favelas e áreas periféricas, refletindo sobre a condição de vida da população e sobre temas como pobreza e violência,

sensibilizando os estudantes para discussões sobre cultura, raça e etnia ou questionar práticas de violências simbólicas na escola, como exclusão, bullying, entre outras.

A apresentação dos contos em sala de aula estimula os estudantes a se perceberem no mundo, o professor aproxima suas realidades, muitas vezes ofuscadas pelo senso comum. Através dos contos, sensibiliza, estimula empatia, desnaturaliza preconceitos e estimula estranhamento, como critérios para uma efetiva reflexão sociológica.

### 4.3 O EXPERIMENTO REALIZADO NA ESCOLA

#### 4.3.1 Relato da experiência que motivou a pesquisa: leitura, debate e discussão a partir do conto “o pecado”

Em processo experimental, trabalhamos um conto em sala de aula, para nortear nossa proposta. Escolhemos o conto “**O pecado**” – Lima Barreto, Revista Sousa Cruz, Rio, agosto 1924. Foi utilizado como referência a obra, Lima Barreto: obra reunida, vol. 2. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. Outros contos: O pecado, p. 444.

Esse material com publicação recente de 2021 reúne todas as obras de Lima Barreto em três volumes. No volume dois, encontramos as seguintes obras: Histórias e sonhos; Outros contos; Diário íntimo; Diário do hospício e Cemitério dos vivos. Todas apresentam a riqueza do pensamento e reflexão que Lima Barreto construiu em sua literatura, as características irônicas e críticas tem destaque significativo, assim como elementos de denúncia social, apresentando as discriminações, injustiças e preconceitos do seu tempo.

“O Pecado” é um conto emblemático e muito bem construído, é representação da crítica e denúncia que Lima Barreto faz do preconceito racial. De fácil leitura e compreensão e com um objetivo claro de denunciar o racismo, sua literatura militante representa “um modo de ir além da mediocridade” Guaranha (2020), apresentando uma construção textual simbólica onde envolve elementos da crença religiosa católica e uma descrição de qualidades memoráveis que todo cristão deveria possuir para ser aceito no reino celeste, e descreve o cotidiano de São Pedro no processo de seleção de almas que deverão ir para a morada divina.

Lima Barreto apresenta de maneira detalhada as atribuições de São Pedro na vistoria e seleção de almas que merecem viver a sua eternidade no plano divino. Uma alma lhe chama a atenção, identificada como P. L. C., ao se deparar com as qualidades dessa alma percebe que ela possui as características de um cristão exemplar, São Pedro faz imediatamente

considerações sobre o quão admirável e perfeito são as qualidades da pessoa descrita, chegando a afirmar que este merece viver ao lado do próprio Cristo, mas deseja mais detalhes sobre essa única alma e solicita que o seu guarda-livros pesquise sobre ela, questionado, o ajudante busca identificar melhor quem era aquela alma tão boa e justa e ao descobrir que se tratava de uma alma de um negro, São Pedro muda de perspectiva e decisão, não considerando mais aquela boa alma, adequada para estar ao lado do Trono Divino, afirma imediatamente que ela merece ir para o purgatório.

A forma dramática e dura como Lima Barreto retrata os elementos de discriminação racial refletida em sua escrita, é uma representação de sua vida e experiências do cotidiano carioca da época, “Lima, ainda que não tenha sido escravo, foi um desses indivíduos lançados à própria sorte, ou, pelo menos, aquele que “olhou na cara este seu presente, que foi a nossa República Velha. Como um observador que se sabe vencido, mas não submisso à máquina social” (Bosi, 1992, p. 267 apud Guaranha, 2020, p. 253). Barreto foi um crítico de sua realidade, e usou muito bem da literatura como ferramenta de denúncias das mazelas sociais.

Em artigo sobre as considerações do racismo em Lima Barreto, (Mansano et al, 2020), elabora uma análise sobre o conto “o pecado” e descreve a noção criada sobre o purgatório, afirmando o caráter desumanizador desse lugar,

O Purgatório, concepção da Igreja Católica, irá surgir na modernidade, como forma de justiça penitencial: “Os que morrem carregados apenas com pecados veniais passarão um tempo mais ou menos longo de expiação num lugar novo, o Purgatório, que irão deixar depois de purificados, purgados, em troca da vida eterna, do Paraíso, o mais tardar no momento do Juízo Final”. (Le Goff apud Costa, 2011, p. 2279). Então, neste caso, o escritor nos mostra que o purgatório é o lugar da desumanização completa a que estava submetido o negro. (Mansano et al. 2020. p. 7)

Identificamos a denúncia feita por Lima Barreto, de discriminação racial, evidenciado nessa e em outros contos do autor, a maioria em caráter crítico e sarcástico, Lima Barreto, evidencia suas considerações como escritor militante, e traz o caráter irônico como recurso ao texto, o que nos permite perceber a sutileza da crítica no final do texto literário.

O lugar de destino da alma do P. L. C., o purgatório, assim como sua antiga morada no plano terreno, tem elementos em comum, a desumanização do negro, se outrora o personagem da crônica não foi descrito como um escravizado ainda em vida, foi evidenciado que por mais qualidades que tivera não foi digno de merecer o lugar ao lado do trono celeste

e ainda merece uma purificação após a morte, passando a impressão que o sofrimento está sempre presente na vida e morte das pessoas negras.

Essa questão evidencia reflexões sobre o racismo e a necessidade de debatê-las, principalmente em sala de aula. Dessa maneira temos a apresentação de temas como racismo, raça, discriminação, desigualdades sociais, estereótipos, que podem ser trabalhados pela sociologia ao discutir teorias como, darwinismo social, evolucionismo, determinismo, relacionando aspectos religiosos como catolicismo e religiões de matriz africana e afrodescendentes, como pressuposto para analisar e refletir com os estudantes.

Ao apresentar o conto e realizar uma leitura em grupo, discutimos o tema refletindo sobre o racismo. Essa temática é recorrente e muito importante para esse autor e seu contexto social e político. Inclusive algumas das teorias literárias, positivistas e históricas vão marcar as academias e intelectuais do final do século XIX e início do século XX com reflexões e considerações sobre a temática raça na tentativa de definir e compreender o significado de raça no contexto brasileiro, (Schwartz, 1993), em seu livro *O Espetáculo das Raças*, afirma:

O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise. (Schwartz, 1993, p. 24).

A autora faz uma análise da questão racial no período de 1870 a 1930, o que permite uma compreensão significativa do contexto histórico que Lima Barreto vivenciou. Refletir sobre esses elementos da questão racial, tão relevantes, nos permite analisar aspectos da compreensão desse escritor sobre essa temática, especialmente resgatar considerações pertinentes em seu tempo e contextualizar com elementos atuais. Tema recorrente em todo cenário nacional e internacional, e importante para a reflexão sociológica.

Nas reflexões em algumas turmas, eram expostos casos noticiados em jornais de todo o mundo sobre racismo sofrido pela população negra e como essa prática criminosa lamentavelmente ainda permanece sendo recorrente. É necessário discutir, denunciar e combater todas as formas discriminatórias que a população negra sofre.

Refletimos assim sobre esse “purgatório” diário que tantos irmãos negros e negras passam cotidianamente e sobre as medidas de combate ao racismo, como fazer denuncia, como identificar falas depreciativas e racistas e como se proteger diante de tantos crimes de

injurias e discriminação. Por mais triste que seja alguns estudantes relataram situações de preconceito e discriminação sofridas, o que revela que por mais ações de combate ao racismo que tenha e estão sendo realizadas ainda não são suficientes em um país cuja população negra é uma das maiores do mundo e proporcionalmente mais criminalizada e vítima de racismo.

#### **4.3.2 Relação com a Data Magna – Feriado da abolição da escravatura no estado do Ceará**

O insight para a utilização deste conto surgiu em decorrência da proximidade do feriado estadual que celebra a libertação de escravizados no estado do Ceará. Aplicamos a leitura e debate em aulas de sociologia nos dias 21, 22 e 23 de março de 2022. Para evidenciar o contexto histórico e importância da data ao introduzir as reflexões de maneira objetiva e contextualizadas, partimos da reflexão comemorativa de grande relevância que o feriado de 25 de março possibilita, dia da Data Magna em celebração a abolição da escravatura no estado do Ceará.

Instituída como feriado estadual em 2011, pelo então governador e hoje senador Cid Gomes (PDT), a Data Magna do Ceará destaca o Estado como pioneiro na abolição da escravatura, ocorrida em 25 de março de 1884. A iniciativa foi do ex-deputado estadual Lula Morais (PCdoB), que apresentou projeto na Alece propondo a homenagem. (Assembleia legislativa do Ceará - [Alece](#), 2022).

A relevante data celebra um dos acontecimentos mais importantes do estado, sendo a primeira província a libertar escravizados no território brasileiro. O pioneirismo do Ceará com o fim da escravatura em 25 de março de 1884, quatro anos antes da libertação dos escravizados instituída pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, é marcado por condições e aspectos significativos para sua efetivação, lutas de escravizados por sua liberdade e movimentos articulados por pescadores e jangadeiros em vilarejos, lutando pelo fim da escravidão.

O destaque se deu ao papel fundamental desempenhado pelos jangadeiros, entre eles, o homenageado por essa façanha, o Francisco José do Nascimento conhecido por “Chico de Matilde” ou “Dragão do Mar”, que liderou grupo de jangadeiros e os convenceu a não embarcar ou desembarcar escravizados no porto de Fortaleza. Fato que desencadeou forte adesão popular e ganhou força com movimentos abolicionistas na província, consolidando a entrega de carta de alforria em 1883 para 116 escravizados na vila de Acarape atual cidade de

Redenção, que se tornara o marco desse grande acontecimento, como pode perceber nas palavras do historiador Carlos Pontes.

O historiador Carlos Pontes, do Memorial Deputado Pontes Neto (Malce), da Alece, destaca que, em 1881, Francisco José do Nascimento – também conhecido como Dragão do Mar ou Chico da Matilde – teve papel fundamental na luta pela libertação dos escravos. Dragão do Mar foi o responsável por convencer colegas jangadeiros a se recusarem a transportar para os navios negreiros os escravizados que seriam vendidos para o sul do País. “Assim, ele fechou o Porto de Fortaleza, impedindo o embarque de escravizados para outras províncias. Nascia ali um forte movimento, que seria decisivo para a realização de ato, em 1º de janeiro de 1883, na Vila do Acarape, atual município de Redenção, em frente à Igreja Matriz. A ação foi marcada pela entrega das cartas de alforria para 116 escravos daquela região”, relata Carlos Pontes. (Agência de Notícias da Assembleia Legislativa, 2022)

Notamos assim a importância da participação popular, evidenciada pela ação dos jangadeiros, rompendo com a imagem unilateral de heroísmo e benevolência de grupos políticos ou elites brancas comprometidas com a causa negra que excluem de muitos movimentos históricos abolicionistas a participação ativa de negros e até escravizados lutando por sua liberdade.

No capítulo 1, da obra Lima Barreto: triste visionário, Lilia Schwartz, 2017, nos apresenta o contexto histórico do nascimento de Lima Barreto:

O Brasil em que Lima nasceu era escravocrata, não só números como nos sentimentos das elites. Se o movimento abolicionista ia entrando no cotidiano dos brasileiros, já o sistema escravocrata, autorizado pela lei, era ainda por demais naturalizado no império, e defendido por muitos para os quais essa forma compulsória de mão de obra se parecia com um destino nacional. Mas a situação foi mudando de forma acelerada na década de 1880, e a abolição virou questão supranacional, como se verá adiante. Além do mais, as fugas, rebeliões e insurreições tornavam-se cada vez mais frequentes, e obstruíram o que deveria ser a mera persistência ordeira do sistema escravocrata. (Schwartz, 2017, p. 26)

O País foi marcado por grandes períodos e transformações e a década de 80 do século XIX foi um desses momentos de maiores mudanças políticas e sociais vivenciados no Brasil e com impacto direto nas transformações econômicas, a abolição da escravatura, as mudanças políticas, o crescimento das cidades e o aumento da população pobre e negra nos centros urbanos que consolidaram o cenário que mais tarde será analisado, vislumbrado e denunciado por Lima Barreto em toda a sua produção literária sobre o cotidiano no Rio de Janeiro, o tratamento dado aos negros livres e a denúncia das mazelas na jovem república, “ República

que prometera ordem e progresso, rapidamente tornara-se um regime de poucos e para poucos”(Guaranha, 2020, p. 255).

Os movimentos abolicionistas ganharam forças com o cenário internacional de grandes transformações e marcado pelo fim da escravidão em diversas nações. Revoltas como o “ciclo abolicionista em São Domingos (atual Haiti), quando em 1791 é levada a cabo por escravizados uma revolução sangrenta, urdida por Toussaint Louverture, que decretou a abolição do regime e defenestrou as elites locais” (Schwartz, 2017, p. 27), acontecimento citado anterior teve grande impacto, ficando conhecido como “haitismo” e nas palavras da autora, “fazia tremer qualquer senhor de escravos”.

A antropóloga também nos apresenta outras nações que aos poucos abandonam esse modelo econômico, e começam a varrer o tráfico de escravizados de seus territórios, como o Império Britânico e os Estados Unidos em 1807; O Congresso de Viena de 1815 com destaque para Inglaterra, Rússia, Prússia e Áustria e outras nações, com objetivos entre eles expulsar a imagem e fantasma de Napoleão Bonaparte, por mais que viesse a restaurar o antigo regime, são firmes e tornam ilegal o comércio internacional de escravizados.

Da mesma forma, os processos de independência são crescentes onde abolicionistas fizeram colônias espanholas da América no início do século XIX, durante a década de 1820 se destaca no âmbito da abolição da escravidão, o Chile, Costa Rica, Panamá, Honduras, Guatemala, Bolívia e México. Na década de 30 do mesmo século marca o fim da escravidão em colônias inglesas como Guiana e Maurício.

Em 1881. O Brasil era ainda um país escravista, na rabeira de boa parte das nações e impérios que haviam admitido esse tipo de mão de obra em seus territórios. Se o sistema era recorrente e amplamente justificado até o final do século XVIII, daí em diante a situação se altera, e de forma bastante ligeira. (Schwartz, 2017, p. 26-27)

Notamos o quanto o Brasil foi tardio para abolir a escravidão e talvez os impactos desse atraso estejam na essência do racismo e discriminação que sofre os povos negros. As transformações internacionais e impactos na política econômica brasileira foi uma força significativa que impulsiona o país a aderir a onda abolicionista. O Ceará enquanto província toma a frente nessa perspectiva e fortalece outros movimentos locais e nacionais.

A monarquia estava atenta às transformações no mundo e a princesa Isabel acompanhando as pressões e transformações em favor do fim do comércio de escravizados,

em vista disso assina em 1888 a Lei Áurea, que libertou todos os escravizados, mesmo contrariando o posicionamento de grandes senhores de terras e fazendas de cana-de-açúcar e famílias ricas e tradicionais, que mantinham seus empreendimentos voltados para o uso exclusivo desse tipo de mão-de-obra. Assim, a economia é forçada a dar outro passo importante, agora em direção da modernização e industrialização.

#### **4.3.3 Feriados para eles, resistência para todos: reflexões despertadas com a leitura do conto e a Data Magna do Ceará**

Embora o feriado represente uma data de resistência e marco histórico, ainda encontramos uma dificuldade nos estudantes de relacionar datas comemorativas ao sentido histórico ou contexto de reflexão que algumas datas marcam. No imaginário de alguns estudantes é apenas mais um feriado, mais um dia sem aula. Isso é revelado pela maneira a que muitos se referem a datas festivas que marcam a interrupção de aulas, e questionam por que outras datas também não os liberam das atividades escolares.

Poucos estudantes têm noção real da importância do feriado, alguns até sabem informar o que está sendo celebrado, mas não demonstram conhecimento do contexto histórico, condições e importância dos fatos históricos ocorridos na data. Outros fazem uma relação direta com outras datas como 20 de novembro dia da Consciência Negra, quando provocados sobre de que se tratava o feriado de 25 de março, os estudantes comentavam sobre a consciência negra, fato interessante se pensarmos a conexão do tema diretamente relacionada com a questão racial, mas poucos alunos sabiam relacionar a data com os acontecimentos históricos referentes a ela.

Estudantes do segundo e terceiro ano apresentaram maior proximidade com a data e seu fato histórico, naturalmente por estar há mais tempo no ensino médio, mas nem todos apresentaram profundidade nos fatos que definem a data do festejo. Existem ainda alunos que ironizam, não tem nenhuma empatia pela importância do feriado, chegando ao ponto de não dedicarem o devido respeito e relevância ao fato ocorrido e referenciado.

Os estudantes do primeiro ano do ensino médio, não demonstraram conhecer o feriado mencionado e quando apresentado sua importância alguns o relacionaram e enfatizaram a proximidade do tema com o dia da Consciência Negra, o que pode nos revelar que o simbolismo e compreensão de datas comemorativas vêm da forma como são trabalhadas, inclusive na educação infantil, a questão racial.

Na educação infantil, fazer pinturas da bandeira, ou se caracterizar de povos indígenas e árvore nos feriados referentes à bandeira nacional, dia do índio, da árvore ou os desfiles marcados pelo Sete de Setembro inflamados pelo espírito da independência e patriotismo, mas sem a devida reflexão, tornam-se apenas dias festivos. A escola é o local de construção crítica, assim sendo nela devemos relacionar toda uma dinâmica que parte de uma data comemorativa até suas características históricas e culturais, simbolismo e crítica envolvida.

A importância da escola em apresentar e debater as características históricas, contexto e agentes envolvidos que marcam o dia 25 de março, 20 de novembro e outras datas importantes para a reflexão dessas outras celebrações históricas é fundamental. Permitir aos estudantes a reflexão crítica sobre esses acontecimentos, faz parte da dinâmica e construção do saber reflexivo, essencialmente nas ciências humanas.

Na educação infantil, algumas dessas datas são vistas apenas sobre uma ótica comemorativa; no ensino fundamental e médio, passam a ser referenciadas em sua conjuntura histórica e debatida com maior relevância, e por mais ênfase que seja direcionada a elas, é necessário refletir e analisar sistematicamente o que se propõe festejar, e quem lança essas propostas de comemorações, para que não desvirtue o sentido das lutas.

No momento em que utilizamos esse o conto “o pecado” e relacionamos com o feriado, foi apresentado fatores de resgate cultural, histórico e críticos para justificar sua celebração, como o nascimento de Lima Barreto em 13 de maio de 1881, sete anos antes da libertação dos escravizados que só acontecerá em 1888 com a assinatura da Lei Áurea. A libertação dos escravizados no Estado do Ceará, em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea, e que apresentou uma forte participação popular com a iniciativa de jangadeiros, representados por Dragão do Mar.

Esses elementos introdutórios marcaram o ponto de partida para envolver os estudantes em uma reflexão importante e fazer uma ponte indispensável com a proposta de Lima Barreto na crítica feita no conto O Pecado, e as possibilidades de debates ao analisar o contexto histórico através de fatos ocorridos no cotidiano desse autor e transformações no cenário brasileiro.

#### **4.3.4 Em sala de aula: temas mais recorrentes encontrados nos textos dos estudantes após leitura e reflexões sobre o conto**

No decorrer da aula de Sociologia, realizamos a leitura coletiva do conto em algumas turmas, em outras alguns alunos eram convidados ou se voluntariavam para fazer a leitura do conto “O Pecado”. O texto foi xerocado e distribuído uma folha para cada estudante; ao

finalizar a aula, a folha era recolhida para ser utilizada em outras turmas. Todas as salas tiveram a oportunidade de ler e utilizar o mesmo material. O conto não ultrapassa uma lauda, texto pequeno e de fácil leitura, o que favorecia o debate e reflexão na aula de 50 minutos.

O direcionamento da aula foi aprofundado na interpretação do conto e análise histórica, permitindo reflexões sobre a temática abordada, contexto histórico sobre o feriado 25 de março e sua relação com as críticas que Lima Barreto apresenta em seus escritos, provocando debates em sala.

Na tentativa de compreender as considerações dos estudantes ao refletirem sobre o texto lido e com proposta didática avaliativa, foi solicitada aos alunos que elaborassem individualmente uma produção textual, dissertando em poucas linhas, de forma que apresentassem uma reflexão sobre a questão racial, os textos solicitados poderiam ser autobiográficos, dissertativos, relatos de acontecimento ou experiência com o racismo ou discriminação, partindo do conto como inspiração e possibilitando reflexão crítica, análise de matéria de jornal com essa temática afim de evidenciar um posicionamento crítico, ou sistematizar um breve relato sobre o olhar de cada estudante a respeito da temática apresentada.

Três questões foram mais recorrentes para direcionar as reflexões dos estudantes: Qual a condição do negro no Brasil hoje? Qual a relação do conto O pecado de Lima Barreto com a condição do negro atualmente? O que é ser negro? Estes questionamentos tornaram-se o ponto de partida que direcionou a produção textual dos estudantes.

Alguns estudantes fizeram suas considerações ainda em sala e outros pediram um prazo maior, para a entrega dos textos. Foi possível identificar que muitos buscaram informações em sites e pesquisas sobre a condição do negro no país atualmente, realizaram pesquisas sobre casos de criminalidades e estatísticas inclusive no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, para compreenderem características da população negra, quantitativos, áreas ocupadas e violência sofridas apresentados nas estatísticas oficiais.

Quando discutimos a questão negra no país, o tema mais recorrente é o da violência, seguido por discriminação em suas várias formas, alguns estudantes relataram casos de discriminação em relacionamentos afetivos, o que se enquadra na discriminação e estereótipos raciais. Alguns estudantes escreveram sobre a importância do negro na economia e fizeram alusão ao crescimento econômico de cidades como São Paulo no plantio e comércio de café, esses buscaram justificar a importância da mão de obra negra nesse aspecto, mas não relacionaram com a escravidão sofrida por essa população em plantações de cana-de-açúcar.

Relatos sobre a necessidade de conhecimento de suas identidades e histórico de origem foram encontrados sobre uma ótica de autoconhecimento e formação cultural na busca de conquistar seus espaços. Também tiveram relatos de estudantes criticando a apropriação branca da cultura negra. Relevâncias de aspectos culturais africanos e afrodescendentes estão presentes em alguns trabalhos e a análise de casos como a morte de Jorge Floyd nos Estados Unidos em 2020, morto por policiais brancos, foi trazida para a reflexão em seus textos.

O aspecto jurídico também foi relatado em textos sobre uma ótica de igualdade perante a lei e criticando noções de “privilégios de cor” ou “julgar o outro pela cor da pele”, termos importantes para a construção de análises sociológicas. Outro elemento interessante é a leitura crítica feita por animes sobre a temática racial e um estudante reinterpretou e fez sua crítica ao caso de escravidão que ele compreendeu no anime assistido.

Algumas produções dos alunos, atingiram um patamar de análise que descreve teorias como o darwinismo social, a construção de discursos de superioridade entre povos bárbaros e o processo de colonização através do uso da ciência como legitimadora dessa dominação. Outras produções apresentam, relatos de experiências de discriminação racial sofrida. A postura de passividade diante de casos de racismo, é uma forma de mascarar o sentimento de impotência diante do ato. Relatos e experiências como essas, revelam a face violenta do preconceito racial e a violência que nossos estudantes estão vulneráveis, inclusive percebendo a ideia de impunidade tão comum em nossa realidade social.

Diante dos temas expostos, buscamos apresentar as teses do branqueamento no Brasil e as ideias institucionalizadas como o projeto de política eugenista brasileira na década de 1920. Utilizando aulas seguintes para realizar a exposição e debate sobre esse discurso nocivo para a população negra. Utilizamos como suporte teórico o livro didático de sociologia, trechos e comentários das obras *O espetáculo das raças* de Lilia Moritz Schwarcz e a contribuição de Florestam Fernandes sobre *o mito da democracia racial*.

#### **4.3.5 A seleção dos contos**

Os contos foram selecionados após leitura sistemática que privilegiasse a apresentação de temáticas passíveis de análise e discussão sociológica. A escolha de cada conto, se deu pela efetiva contribuição da representação literária de Lima Barreto, apresentada diante dos estudos e análise dos pesquisadores de sua produção escrita, que pudesse ser utilizada para explicar teorias sociológicas

Destacamos três etapas para a efetivação dos procedimentos de análise, são elas:

(1) Seleção das obras de Lima Barreto sobre sua produção no gênero conto: Nesta fase inicial escolhemos obras que privilegiassem uma organização de todos os contos escritos por Lima Barreto. Duas coletâneas se destacaram, são elas: (1) *Lima Barreto: Obra reunida, vol. 1,2/3 Lima Barreto. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021; Contos completos - Lima Barreto; Organização e introdução de Lilian Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.*

A primeira coletânea está dividida em três obras, que evidenciam toda a produção do escritor. Utilizamos o volume 2. Nela está presente o livro *Histórias e Sonhos*, principal obra de contos. No volume 2, encontramos uma quantidade de 100 contos. Na outra coletânea organizada por Lilia Schwarcz, são encontrados uma quantidade de 152 contos de autoria de Lima Barreto. Essa imprecisão quanto a quantidade de conto, acontece segundo Rosso (2010) por que se usa critérios de organização discutíveis,

“É sabido o quanto Lima Barreto enfrentou dificuldades nas edições de suas obras, de um modo geral – haja vista que, no tocante a contos, teve apenas uma coletânea publicada em vida-, mas nada justifica os erros e o desrespeito praticado ao longo do tempo, mormente em períodos recentes. Lima Barreto escreveu ao todo 105 contos. (Rosso, 2010, p. 12).

A preocupação do autor em demonstrar o quantitativo de contos escritos por Lima Barreto não leva em consideração a análise de Schwarcz (2010) que em sua obra especifica 45 contos intitulado-os como “outros contos” e os coloca como “Textos manuscritos completos e incompletos classificados com tal”. A preocupação da autora foi realizar o levantamento preciso da produção dada como contista de Lima Barreto, encontrada em textos variados como esboços de obras e cartas.

(2) A segunda parte ao identificar os contos, buscamos analisar e evidenciar os mais comuns disponíveis em coletâneas presentes na escola. Mas o que impera é o compromisso em apresentar o potencial temático de cada um, então direcionamos para a escolha de contos com temáticas sociais, onde a apresentação dos contextos sociais e acontecimentos.

Como critério privilegiamos as particularidades das ciências humanas e sociais em lidar com fenômenos humanos. Com o propósito de discutir o objeto histórico; fenômenos sociais, caráter ideológico e político presentes nos contos, que favorecem a apresentação de alguns conceitos e teorias sociológicas.

(3) Por fim, na terceira etapa, através de metodologia de análise de conteúdo, identificamos as temáticas presentes nos contos e seu potencial interdisciplinar para discussão entre as ciências humanas com destaque para Filosofia, Geografia e História. Estas disciplinas compõem os currículos escolares da educação básica, podendo contribuir com as discussões sociais e formar parcerias para o desenvolvimento de atividades e trabalhos na disciplina de sociologia. Diante disso elaboramos o Guia Pedagógico como proposta didática para orientação do professor e indicações de uso dos contos e suas temáticas nas aulas de Sociologia.

#### **4.3.6 O porquê das escolhas dos contos?**

Este tópico trata dos procedimentos metodológicos empreendidos para a escolha dos contos que fundamentaram o Guia Pedagógico. Realizamos uma pesquisa exploratória bibliográfica como pressuposto para embasar nossa proposta e identificar o material a ser utilizado. A pesquisa exploratória se configura como ponto de partida para estruturar fundamentalmente todo trabalho de pesquisa, Cordeiro (2013) afirma, “Através dela são elaborados quadros teóricos de referência. Compreendendo o conhecimento de autores clássicos e / ou a bibliografia fundamental entre os contemporâneos. Fazem-se leituras em livros e periódicos impressos e na Internet para conhecer o que existe publicado sobre o assunto” (Cordeiro; Cordeiro, 2013, p. 45).

O lócus para o levantamento bibliográfico dos contos de Lima Barreto, foi estabelecido com ênfase em coletânea de contos comprometidos em apresentar a produção do escritor sobre esse gênero textual. Os contos foram identificados nas coletâneas: Obras reunidas (2021) e Contos completos (2010). Os contos escolhidos foram: “O moleque”; “O feiticeiro e o deputado”; “O caçador doméstico” “A chegada”; “Os quatro filhos d’Aymon”; “A nova Califórnia”; “Numa e a ninfa”; “O homem que sabia Javanês”; “Manel Capineiro”; “O pecado”; “O peso da ciência”; “Mambembes”. Os textos serão apresentados na íntegra no Guia Pedagógico para leitura e apreciação em sala de aula.

A opção em trabalhar como estes contos, surge da contextualização de temas que representam a postura crítica, ideológica e militante de Lima Barreto. Seu compromisso em relatar os fenômenos e injustiças sociais, as formas de desigualdades e privilégios estabelecidos no cenário político, econômico e social, o potencial em apresentar situações do cotidiano, que dialogam com a pretensão de estabelecer resgate da memória histórica e social na então capital do Brasil, reconhecendo e denunciando os problemas e mazelas sociais ofuscados naquele período através do crescimento científico e desenvolvimento econômico do país.

A seleção dos contos para o material didático foi realizada com base em temáticas, como elemento norteador para a construção do trabalho,

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os <núcleos de sentido> que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida de uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Não é possível existir uma definição de análise temática, da mesma maneira que existe uma definição de unidade linguísticas. (Bardin, 1977, p. 105-106)

Buscamos identificar os sentidos dado pelo autor em seus contos, e seu posicionamento crítico estabelecido em relação ao contexto social que vivenciou. Não é atributo da sociologia julgar, mas compreender as relações sociais estabelecidas, tentamos conhecer, e interpretar a postura de Lima Barreto diante da realidade social descrita em seus contos.

Após a leitura, buscamos enfatizar temas propícios para a reflexão sociológica, Bardin (1977), afirma, “o tema é geralmente utilizado como unidade de Registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. (Bardin, 1977, p. 106). A opção de trabalhar com a identificação de temáticas, consiste na variedade de assuntos tratados pelo escritor carioca e sua vasta produção de contos. Os temas encontrados estão relacionados a acontecimentos marcantes e fenômenos sociais relevantes, apropriados para uma reflexão sociológica crítica que nos fornece liberdade criativa para construção de propostas didáticas.

O tema pode ser compreendido como uma escolha própria do pesquisador, vislumbrada através dos objetivos de sua pesquisa e indícios levantados do seu contato com o material estudado e teorias embasadoras, classificada antes de tudo por uma sequência de ordem psicológica, tendo comprimento variável e podendo abranger ou aludir a vários outros temas. (Campos, 2004, p. 613).

Destacamos alguns temas mais presentes na literatura de Lima, são eles: Ciência e Cientificismo, e Crítica ao Academicismo, Política, Pobreza e Exclusão Social, Racismo entre outros temas, que mais sobressai na escrita do autor. O material didático produzido, oferece bases para a compreensão do gênero conto como instrumento de estudo e aplicação em sala de aula e de pesquisa para a disciplina de sociologia.

Outro fundamento metodológico empregado foi a análise de conteúdo, “compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.” (Campos, 2004, p. 613). Essa metodologia nos permitiu compreender e explorar a leitura e narrativas presentes nos contos de Lima Barreto, pois apresenta um compromisso direcionado à compreensão e interpretação do assunto trabalhado.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (Moraes, 1999, p. 2)

O mérito dessa proposta metodológica, possibilita a compreensão da comunicação estabelecida no texto, na medida em que interpretamos a proposta do autor em apresentar críticas ao sistema social e político, identificados com base nos temas avaliados e sua pretensão em atingir público específico. Como podemos notar nas afirmações de Bardin (1977), que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p. 31). O emprego desse recurso metodológico está associado ao processo de comunicação e os meios estabelecidos para sua fundamentação.

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo. A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser enfocado em função de diferentes perspectivas (Moraes, 1999, p. 2)

A variedade de gêneros textuais abraçados por esse procedimento metodológico, também favorece a inclusão do conto como estrutura de comunicação artística e textual, assim,

seu emprego facilita o estudo e análise dos contos e suas representações. O texto pode apresentar muitos significados, entre eles destacam-se os sentidos exposto por Olabuenaga e Ispizúa (1989):

(a) o sentido que o autor pretende expressar pode coincidir com o sentido percebido pelo leitor do mesmo; (b) o sentido do texto poderá ser diferente de acordo com cada leitor; (c) um mesmo autor poderá emitir uma mensagem, sendo que diferentes leitores poderão captá-la com sentidos diferentes; (d) um texto pode expressar um sentido do qual o próprio autor não esteja consciente.” (Olabuenaga e Ispizúa (1989, p. 185 apud Moraes, 1999, p. 2)

Ao nortear as possibilidades e aplicação metodológica, direcionamos a atenção para o emprego de proposta interdisciplinar ao apresentar os temas. O diálogo possível com as disciplinas de filosofia, história e geografia e literatura são interessantes para a ampliação de debates e diálogos possíveis com a sociologia. A parceria entre essas ciências, favorece o debate sobre os temas propostos de modo a contemplar a ideia literária do autor estudado e facilitar a compreensão dos fenômenos presentes nas obras.

#### 4.3.7 Quadro com os contos selecionados

O quadro a seguir, apresenta os contos de Lima Barreto escolhidos para compor o Guia Pedagógico. Nela encontra-se a identificação do conto, tema e referências a teorias da sociologia a ser utilizadas. A escolha dos contos partiu da ordem e disposição presente na obra Contos completos - Lima Barreto: Organização e introdução de Lilian Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Foram escolhidos 12 contos como sugestão para o material.

**Quadro 4** - Quadro de contos: temas e teorias

Nº	Contos	Temáticas	Teorias Sociológicas	Autores
01	A chegada	Privilégios políticos e distorção sobre ideais da República.	Estado de democracia Monarquia Formas de Governo	Norberto Bobbio Nicolau Maquiavel

02	A Nova Califórnia I, II, III	Ciência e Senso Comum; Cientificismo, Distorção de Valores Morais.	Positivismo Estado Positivo Estado de desenvolvimento da humanidade Método Sociológico	Auguste Comte Émile Durkheim
03	Mambembes	Memória; Artistas Itinerantes; Teatro de Rua.	Sociologia da arte e da música	Norbert Elias
04	Manel Capineiro	Exclusão Social; Trabalho no Campo.	Agrária, Proletariado, Trabalho e Classe	Karl Marx
05	Numa e a Ninfa	Política; Relações de Interesse, Privilégios.	*Instituição Social *Homem Cordial	Sérgio Buarque de Holanda
06	O Caçador Doméstico	Famílias influentes na política, escravagistas, violência.	* Formação do estado Brasileiro. (Coronelismo, república velha.)	Sérgio Buarque de Holanda;
07	O Feiticeiro e o Deputado	Preconceito religioso; Estereótipo; Bajulação política.	*Estereótipos, *Estigma.	Erving Goffman
08	O homem que sabia javanês	Cientificismo, Círculos Acadêmicos, Mentiras e Privilégios Acadêmicos e políticos.	Positivismo Estado Positivo Hierarquia do conhecimento Darwinismo Sociologia pré científica	Auguste Comte Florestan Fernandes
09	O moleque	Exclusão social, subúrbios e favelas, pobreza; mulheres arrimo de família; Trabalho infantil; racismo.	*Desigualdades, *Estratificação social.	Sergio Buarque de Holanda Gilberto Freire; Anthony Giddens; Florestan Fernandes
10	O pecado	Racismo; aspectos religiosos do catolicismo.	Integração do negro na sociedade, democracia racial	Florestan Fernandes
11	O peso da ciência	Descrição estética físicas e sociais do negro e análise histórica sobre a raça.	origem étnica miscigenação	Darcy Ribeiro; Florestan Fernandes
12	Os quatro filhos de' Aymon	Filhotismo, política e nepotismo.	Relação de poder	Norbert Elias; José Marciano Monteiro.

Quadro 4- Elaboração própria.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a aplicação de contos literários como instrumentos para o ensino de Sociologia é uma alternativa viável e eficiente, quando associamos a sua utilização para a identificação de temas que de acordo com o cenário histórico e cultural contribui para a apresentação de discussões na disciplina de Sociologia, contemplando o currículo da disciplina no ensino médio e a prática docente.

A identificação e seleção de contos de Lima Barreto, contempla a nossa proposta de Guia Pedagógico, por oferecer um material rico e diversificado em assuntos, dessa forma buscamos evidenciar o contexto social e político do escritor, as propostas temáticas estão relacionadas a sua biografia e ao perfil ácido e crítico que apresenta sem censura a realidade carioca do início do século XX. Os contos escolhidos apresentam uma síntese do pensamento analítico do escritor negro, pobre e morador dos subúrbios cariocas, que apresenta o cotidiano de uma população abandonada e excluída.

Lima Barreto é uma fonte inesgotável de ideias e temáticas sociais, seus contos proporcionam reflexão sociológica e aproxima a apresentação das teorias das ciências sociais, favorecendo a conexão com teorias e conceitos, e possibilitando liberdade criativa para que o professor possa encontrar meios diversos para incrementar o ensino da disciplina e atrair a atenção dos estudantes.

O Guia Pedagógico é uma sugestão para que os professores encontrem formas alternativas para aproximar e fortalecer o ensino de sociologia com propostas didáticas e abordagens lúdicas no exercício docente.

O planejamento das aulas em parceria com outras disciplinas oferece alternativas para contemplar a apresentação das temáticas e teorias. Oportunizamos aos professores o estímulo didático para trilhar percursos e construir formas alternativas para o exercício do conhecimento na disciplina de sociologia, apresentando aos alunos maneiras objetivas e novas perspectivas para ver e compreender a realidade social.

## REFERÊNCIAS

Agência de Notícias da Assembleia Legislativa. Feriado da Data Magna no Ceará celebra pioneirismo na abolição da escravidão. 24 Março 2022. Disponível em: <https://ns1.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/10054524032022feriadodatamagnanoceara> Acesso: 23/06/2023

ALMEIDA, Silvio Luiz de Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

ALVES, PC; LEÃO, AB; TEIXEIRA, AL. Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas. (Paulo Cesar Alves; Andréa Borges Leão; Ana Lúcia Teixeira). Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 06, No. 12. Jan-Abr/2018 Artigo recebido em 22/09/2017. Aprovado em 12/12/2017. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.241>.

ARAÚJO NETO, MLA. A sociologia da literatura: origens e questionamentos. Miguel Leocádio Araújo Neto. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23193/1/2007\\_art\\_mlaneto.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23193/1/2007_art_mlaneto.pdf)

BANDEIRA, Denise. Materiais Didáticos / Denise Bandeira. – Curitiba, PR: IESDE, 2009. 448 p.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto: 1881- 1922. 11ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa edições, 70, 225. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod\\_resource/content/1/BARDIN\\_L\\_1977\\_Analise\\_de\\_conteudo\\_Lisboa\\_edicoes\\_70\\_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf)

BASTOS, W. A beleza e o destino da literatura para Lima Barreto. Winter Bastos. Fevereiro 23, 2018. Disponível: <https://homoliteratus.com/lima-barreto/> Acessado em 04/08/2022.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCN. Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3) ISBN 85-98171-44-1.

BRUNETTA, Antônio Alberto (org.) *et al.* Dicionário do Ensino de Sociologia- Organizadores: Antônio Alberto Brunetta, Cristiano das Neves Bodart e Marcelo Pinheiro Sigales; Prefácio de Carlos Benedito Martins. – 1. ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

BRYM, R. Sociologia: sua bússola para um novo mundo. Robert Brym ... [et. al.]. – São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BUENO, Zuleika de Paula; SOUZA, Jossyara Aparecida Freitas de. O LUGAR DA ANTROPOLOGIA TAMBÉM É NA ESCOLA: leitura de contos literários para uma experiência antropológica na Educação Básica. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor do PDE. Volume I. 2016. Cadernos PDE versão online. ISBN 978-85-8015-093-3.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out; 57(5):611-4.

CARNIEL, Fagner. Materiais didáticos, o ensino de sociologia e os: (215-218). In. Dicionário do Ensino de Sociologia- Organizadores: Antônio Alberto Brunetta, Cristiano das Neves Bodart e Marcelo Pinheiro Sigales; Prefácio de Carlos Benedito Martins. – 1. ed. – Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

CÂNDIDO, Antônio A Educação Pela Noite & Outros Ensaio. Editora Ática S.A. 1989. (3. Os olhos, a barca e o espelho. 39 -50.)

CÂNDIDO, Antônio M. S. CASTELLO, José Aderaldo. Do Romantismo ao Simbolismo. Presença da literatura brasileira. II do Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. 8ª edição. DIFEL Difusão editora S.A. São Paulo - Rio de Janeiro, 1979.

CÂNDIDO, Antônio Mello E Souza. Literatura e sociedade. 8ª ed. São Paulo. T. A. Queiroz, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CÂNDIDO, Antônio. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido>. Acesso em: 23 de outubro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CARDOSO, Irene. Narrativa e História. Com o Bruni, a experiência de uma amizade. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro de 2000. <https://www.scielo.br/j/ts/a/rzGHRP3G86rh4qjNvjXd54P/?lang=pt&format=pdf>

CARDOSO, Irene. Narrativa e História. Com o Bruni, a experiência de uma amizade. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro de 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/rzGHRP3G86rh4qjNvjXd54P/?lang=pt&format=pdf>

CAVALCANTE, Gustavo Oliveira Wolf. A NARRATIVA FICCIONAL COMO MÉTODO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA. Monografia licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2015n13p111> Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3)

CONFERÊNCIA: O Destino da Literatura - Lima Barreto. Revista Sousa Cruz, nº 58-59, outubro e novembro de 1921. Disponível: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/o-destino-da-literatura> - Acessado em 04/08/2022.

COUTINHO, Afrânio, A literatura no Brasil. Codireção Eduardo de Faria Coutinho, 6-ed.- São Paulo: Global, 2003. das emergências. Gragoatá, Niterói, v. 26, n. 56, p. 985-1017, 2021. <<https://doi.org/10.22409/Gragoatá.v26i56.48923>>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/48923/29984>.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Suely Ferreira Deslandes. Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Dicionário de Sociologia. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/praxis/482/5023019-DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Pdf. Acesso: 26/09/2023.

FARIAS, Edson; Bruno Gontyjo do Couto; Tiago Rodrigues. A Sociologia da Cultura no Brasil em artigos (2008–2018). BIB, São Paulo, n. 92, 2020 (publicada em abril de 2020), pp. 1-36. Disponível: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/507>

FERES, B. S. Análise do discurso amoroso em contos ilustrados: uma contribuição para a Sociologia

FRANCO. MLPB. O que é análise de conteúdo. São Paulo: PUC; 1986.

FREDERICO, Celso. A Sociologia da Literatura de Lucien Goldmann. ESTUDOS AVANÇADOS 19 (54), 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/9qr5RZx6QtDWygVd9dkS5tq/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 26/09/2023.

FREIRE, Manoel. A RETÓRICA DO OPRIMIDO: SOBRE A IDEIA DE LITERATURA MILITANTE EM LIMA BARRETO. Travessias Pesquisas em educação, cultura, linguagem e artes. V. 2 n. 1. (2008). Travessias número 02. [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com) ISSN 1982-5935 [www.unioeste.br/travessias](http://www.unioeste.br/travessias). Disponível em: <https://e-vesta.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2894>

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25ª Edição – (Coleção Leitura).

GOTLIB, Nádya Battella. Teoria do Conto. Editora Ática, 1985. Série Princípios.

GUARANHA, Manoel Francisco. Lima Barreto: A República e a peculiar posição do mestiço e do negro no Brasil – ontem e hoje. P.245. In. Negros na literatura brasileira: identidade, representações e formas de subjetividades. Organização de Paulo Fernandes de Souza campos; Rita de Cassia Caparroz Pose Belmudes; Prefácio: Alzira Lobo de Arruda Campos; Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Todas as Musas, 2020.

GUIMARÃES NETO, Euclides. Educar pela sociologia: contribuições para a formação do cidadão. Euclides Guimarães Neto, Marcos Arcanjo de Assis e José Braga Guimarães. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 172p.

HANDEFAS, Anita. MAÇAIRA, Julia Polessa. O estado da arte na produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica. BIB, São Paulo, nº 74, 2º semestre de 2012 (publicada em julho de 2014), pp. 43-59. <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177829/164847> Acesso: 10/11/2023.

JÚNIOR, Joaquim. Crato concentra maior percentual de pessoas pretas e indígenas da RMC. Radiografia étnico-racial revela maioria de pessoas pardas. Jorna do Cariri. 26/12/23. VERSÃO DIGITAL. <HTTPS://JORNALDOCARIRI.COM.BR/CRATO-CONCENTRA-MAIOR-PERCENTUAL-DE-PESSOAS-PRETAS-E-INDIGENAS-DA-RMC/> . Acesso: 18/01/2023.

Legislação Informatizada - DECRETO Nº 9.579, DE 22 DE NOVEMBRO DE 2018 - Publicação Original. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2018/decreto-9579-22-novembro-2018-787359-publicacaooriginal-156778-pe.html>

LIMA BARRETO. Os Melhores Contos de Lima Barreto. Seleção de Francisco de Assis Barbosa.– Global Editora. 2010.

LIMA BARRETO: no curso da vida e das leituras: inventário analítico do arquivo pessoal do autor na Fundação Biblioteca Nacional / [organização Maria Fernanda Nogueira]. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. 328 p.; PDF. – (Coleção Rodolfo Garcia ; v. 48) Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2023-05/biblioteca-nacional-lanca-inventario-online-do-escritor-lima-barreto>

LIMA BARRETO: obra reunida, volume 1, 2, 3. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

LIMA, Natália Dias de Casado. A Belle Époque e seus reflexos no Brasil. (Mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2017. <file:///C:/Users/stefe/Desktop/tphellipe,+Nat%C3%A1lia+Dias+de+Casado+Lima.pdf>

LITERAFRO – portal da literatura afro-brasileira. UFMG. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/450-lima-barreto>. Acesso: 10/11/2023. Londrina – UEL, Luís Grossman, Cristina galhardo, Option Line, Silvio Gallo, Amanda Daniele, Ivo Mikoviccius.

MALTA, Maria Yelena Bernardes. ALVES, Regina Célia dos Santos. Lima Barreto - Cronista Militante. P. 167- 179. In. Anais Volume 2, p. 1076. - III Congresso Nacional de Linguagem em Interação – CONALI. 25 a 27 de MAIO de 2011 – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá - PR, ISSN – 1981- 8211.

MANSANO, Silvana. MANSANO, Amauri. TOTTI, Marcelo Augusto. Considerações sobre o racismo em Lima Barreto: Uma análise sociológica do conto “o pecado”. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 09, Vol. 07, pp. 05-20. Setembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/sociologia/analise-sociologica>

MARTINS, Eduardo Simões. OS PAPÉIS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL E DA IDENTIDADE. Kínesis, Vol. II, nº 04, Dezembro - 2010, p. 40-52.

MONTEIRO, José Marciano. A política como negócio de família: para uma sociologia política das elites e do poder político familiar. São Paulo: LiberArs, 2016.

OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da Literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Na teia do nepotismo. Curitiba, PR: Insight, 2012.

ROSSO, Mauro. Lima Barreto e a política: Os "contos argelinos" e outros textos recuperados. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

MORAES, Amaury César. Sociologia: ensino médio. Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p. (Coleção explorando o Ensino; v. 15).

MORAES, Amaury César; TOMAZI, Nelson. SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: CONTEXTOS E PRINCÍPIOS GERAIS. Filme: 49 min, 2008. Direção; Paulo Aspis- Roteiro: Amaury César Moraes de Nelson D. Tomazi. Edições: Luciano Sperandio – Som e imagem; Regis horta. Material iconográfico: StockPhoto, media Library e Acero bibliolibre. Agradecimentos: universidade de são Paulo – USP.

MORAES, Roque. ANÁLISE DE CONTEÚDO. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, José Quintão de. Antônio Candido: crítica, reflexão e memória. (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – dezembro de 2011. Disponível: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8R5NWC>

PIGLIA, R. Teses sobre o conto. - Formas breves, 2004 - academia.edu. disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=conto+e+a+fhist%C3%B3ria&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=conto+e+a+fhist%C3%B3ria&btnG=)

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Abril-Junho ISSN: 0101-4366; ISSN Online: 2526-1347; Número 223; Data de Publicação: Abril-Junho. Ano de Publicação: 1954. Disponível em :<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107916-revista-ihgb-volume-223.html>DIVE:  
[https://drive.google.com/file/d/0B\\_G9pg7CxKSsMTc3ajdJNDZPYkU/view?resourcekey=0-9OC-M2dNUMvcOV\\_t\\_s9pnQ](https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsMTc3ajdJNDZPYkU/view?resourcekey=0-9OC-M2dNUMvcOV_t_s9pnQ)

RIBEIRO, Corina A. Bezerra Carril. Teorias Sociológicas Modernas e Pós- Modernas: Uma Introdução a Temas, Conceitos e Abordagens. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SALES, Zenalda Florêncio. Sociologia e cinema: um guia pedagógico para o ensino médio. 2023. 42f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade

Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28937>

SAPIRO, Gisèle. Sociologia da Literatura. Belo Horizonte, MG: Moinhos; contafios, 2019. 160p. (pensar Edições).

SARANDY, F. O trabalho com temas e conteúdos no ensino da sociologia. In. Sociologia em sala de aula: diálogos sobre ensino e suas práticas/ Fagner Carniel, Samara Feitosa, Rodrigo Rosistolato...[et al.]. Base Editorial – Curitiba: Base editorial, 2012. 176p. il.col.; 23cm.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil / Flávio Marcos Silva Sarandy. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCHS, PPGSA, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. 1ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 -1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013. 1,0 MB; e-PUB.

SILVA, Catiurcia Ferreira da. GOMES, Núbia Pereira. CÂNDIDO, Reginaldo Aparecido. O GÊNERO CONTO NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DE LEITURA E DE ESCRITA. Trabalho Final de curso de Letras-Português - EaD, do IFES Campus Vitória. Curso de Licenciatura em Letras Português – Ead. Vitória- Es. 202. Disponível em: [https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC\\_G%C3%AAnero\\_Co nto\\_Sala\\_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC_G%C3%AAnero_Co nto_Sala_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17/01/2024.

SILVA, Catiurcia Ferreira da. GOMES, Núbia Pereira. CÂNDIDO, Reginaldo Aparecido. O GÊNERO CONTO NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DE LEITURA E DE ESCRITA. Trabalho Final de curso de Letras-Português - EaD, do IFES Campus Vitória. Curso de Licenciatura em Letras Português – Ead. Vitória- Es. 202. Disponível em: [https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC\\_G%C3%AAnero\\_Co nto\\_Sala\\_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC_G%C3%AAnero_Co nto_Sala_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17/01/2024.

SILVA, Catiurcia Ferreira da. GOMES, Núbia Pereira. CÂNDIDO, Reginaldo Aparecido. O GÊNERO CONTO NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DE LEITURA E DE ESCRITA. Trabalho Final de curso de Letras-Português - EaD, do IFES Campus Vitória. Curso de Licenciatura em Letras Português – Ead. Vitória- Es. 202. Disponível em: [https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC\\_G%C3%AAnero\\_Co nto\\_Sala\\_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1571/TCC_G%C3%AAnero_Co nto_Sala_Aula.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17/01/2024.

SILVA, Francisco Stefeson da.; MONTEIRO, José Marciano. O uso do gênero literário “conto” como recurso metodológico para o ensino de Sociologia: um experimento a partir do conto “O Moleque” de Lima Barreto como proposta de sequência didática. 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/33881>

SILVA, Welkson Pires. Do factual ao ficcional e vice-versa: sobre o trânsito informacional na ambiência midiática. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7296/1/arquivototal.PDF>

SILVA, Welkson Pires. Do factual ao ficcional e vice-versa: sobre o trânsito informacional na ambiência midiática. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7296/1/arquivototal.PDF>

SOARES, Rosana Muniz. Gêneros em contos e crônicas em livros didáticos de Português no ensino médio: um estudo sistêmico-funcional. 2018. 438 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. [http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/34245/1/2018\\_RosanaMunizSoares.pdf](http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/34245/1/2018_RosanaMunizSoares.pdf)

SOCIOLOGIA: ensino médio. Coordenação Amaury César Moraes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p. (Coleção explorando o Ensino; v. 15). Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2021/07/lima-barreto.html>. Acesso: 30/04/2023

SOUZA, JAF. BUENO, Zp. O LUGAR DA ANTROPOLOGIA TAMBÉM É NA ESCOLA: leitura de contos literários para uma experiência antropológica na Educação Básica. In. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Vol. 1. Caderno PDE versão online. 2016, ISBN 978-85-8015-093-3.

TÁVORA, Franklin. O sino e o relógio: uma analogia do conto romântico brasileiro. Franklin Távora ...[et.al]; organização Hélio de seixas Guimarães, Vagner Camilo. [2. ed.] São Paulo: Carambaia, 2021 384 p.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. Literatura e sociologia: relações de mútua incitação. Sociologias, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-agosto, 2018, p. 16-28. “arte da palavra, com finalidade de despertar o prazer estético”.

TUFANO, Douglas. Lima Barreto: Crônicas, conto e romance. São Paulo, Moderna, 2016. (série na sala de aula).

ZANAGA, Fernando. Poder-saber e cor: as crônicas de Lima Barreto e os discursos racista-científicos no Brasil do início do século XX. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/15055/11384>

#### **SITES:**

Site para referência : <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-poesia/A-Modernidade-e-os-Modernos-Walter-Benjamin-PT-BR.pdf/view> Acesso em: 13/05/2022

Site: - <https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia> Biografia de Sílvio Romero.Site: ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/93639-2409032021datamagna>. Acesso em: 13/05/2022

**Site: Censo 2022:** pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Nas%20regi%C3%B5es%20Centro%2DOeste%20\(37,Sul%20\(5%2C0%25\).](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Nas%20regi%C3%B5es%20Centro%2DOeste%20(37,Sul%20(5%2C0%25).)

Acesso: 18/01/2023.

Site: Galeria do samba Rio de Janeiro. Site: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-da-tijuca/1982/> Acesso em: 12/11/22.

Site: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=28798>

Site: <https://petpedagogia.ufba.br/contacao-de-historias-como-pratica-educativa>

Site: <https://www.elfikurten.com.br/2021/07/lima-barreto.html> acesso: 30/04/2023

**Site:** Instituto Brasileiro de Direitos da família. Paternidade responsável: mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento. 07/08/2019. Fonte: Assessoria de Comunicação do IBDFAM. <https://ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade+respons%C3%A1vel:+mais+de+5,5+milh%C3%B5es+de+crian%C3%A7as+brasileiras+n%C3%A3o+t%C3%AAm+o+nome+do+pai+na+certid%C3%A3o+de+nascimento>

Site: Registros sem paternidade. sexta-feira, 8 de abril de 2022. <https://www.anoreg.org.br/site/registros-sem-paternidade/>

**Site: Título de doutor Honoris Causa de Lima Barreto.**

Site: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action&co\\_ator=4](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_ator=4)

Site: <https://jornalnota.com.br/2023/06/06/lima-barreto-recebe-titulo-de-doutor-honoris-causa-da-ufri/?fbclid=IwAR3n78JdlchbHRUqhanYeSH4jyYsYPTqRnwkdNQLs66NCKI5ges3EEFVM>

Site: <https://portaldoservidor.al.ce.gov.br/index.php/todas-as-noticias/item/2990-abolicao-dos-escravizados-chega-aos-134-anos-nesta-sexta-feira-13-05>

Site: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/antonio-candido-defendia-a-literatura-como-direito->

<humanobasico#:~:text=Para%20Antonio%20Candido%2C%20a%20literatura,%C3%A0%20sociedade%20e%20ao%20semelhante.%E2%80%9D>

Site: <https://www.passeiweb.com/os-melhores-contos-de-lima-barreto/> Acesso: 23/06/2023

Site: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/5973>

## **APÊNDICE**

Guia Pedagógico

# LIMA BARRETO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA



Francisco Stefeson da Silva



Universidade Federal  
de Campina Grande



Um guia pedagógico para o ensino de  
sociologia mediado pelos contos de Lima  
Barreto

2024

# ÍNDICE

- 1 - APRESENTAÇÃO**
- 2 - TEMAS E CONTOS SELECIONADOS**
- 3 - A CHEGADA, NUMA E A NINFA, O CAÇADOR DOMÉSTICO, OS QUATRO FILHOS D' AYMÓN**
- 6 - A NOVA CALIFÓRNIA I,II,III , O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS**
- 8 - MANEL CAPINEIRO, MAMBEMBES, O FEITICEIRO E O DEPUTADO**
- 11- O MOLEQUE, O PECADO, O PESO DA CIÊNCIA**
- 13- CONCLUSÃO**
- 14- REFERÊNCIAS**
- 15- ANEXO - CONTOS NA ÍNTEGRA**

# 01 APRESENTAÇÃO

Este Guia pedagógico foi estruturado para auxílio do professor de sociologia e apresenta sugestões para o uso de contos de Lima Barreto como fonte de temas e reflexão sociológica. Esse material será disponibilizado em formato de apostila que trará em evidência os contos com temas e abordagens que possam ser utilizadas para debates em sala de aula na explicação de teorias sociológicas propondo diálogo entre as temáticas que interligam as Ciências Humanas.

Os contos escolhidos partem principalmente da relação que o escritor carioca estabeleceu entre o seu cotidiano representando aspectos de sua biografia e as transformações sociais do mesmo período. Dentre as obras que compilaram os principais contos de Lima Barreto ou que se caracterizam por destacar uma seleção dos principais e/ou melhores contos desse escritor optamos por trabalhar com o compilado: Contos completos - Lima Barreto; Organização e introdução de Lilian Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

“

**A capacidade mental dos negros é discutida *a priori* e a dos brancos, *a posteriori*”**

Diário íntimo

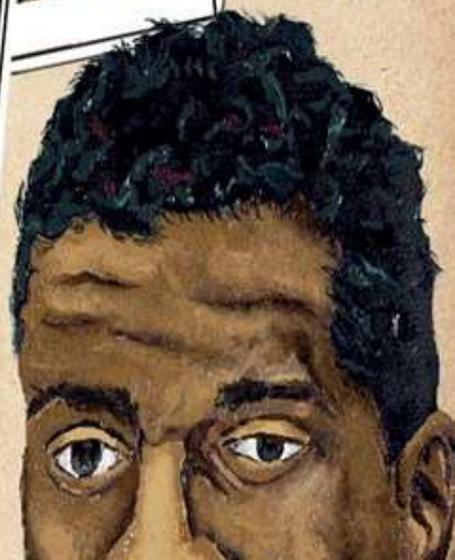
“

**Ah! Vocês, brancos, eram ‘rapazes da Politécnica’... estudantada... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser preso”**

Resposta de Lima Barreto a um colega de turma, que lhe perguntara por que ele não havia se juntado ao grupo que penetrara numa ópera pulando o muro do teatro



ÁLBUM DE FAMÍLIA  
Fotos da mãe e do pai de Lima Barreto, que eram filhos de escravos. Ao lado, retrato desenhado do escritor



# 02

## TEMAS E CONTOS SELECIONADOS

Nº	Contos	Temáticas	Teorias Sociológicas	Autores
01	A chegada	Privilégios políticos e distorção sobre ideais da República.	Estado de democracia Monarquia Formas de Governo	Norberto Bobbio; Nicolau Maquiavel
02	A nova Califórnia I, II, III	Ciência e Senso comum; Cientificismo, distorção de Valores morais.	Positivismo Estado Positivo Estado de desenvolvimento da humanidade Método Sociológico	Auguste Comte; Émile Durkheim
03	Mambembes	Memória; Artistas itinerantes; Teatro de rua.	Sociologia da arte e da música	Norbert Elias
04	Manel Capineiro	Exclusão social; Trabalho no campo.	Agrária, proletariado, trabalho e classe	Karl Marx
05	Numa e a Ninfa	Política; Relações de interesse, Privilégios.	*Instituição social *Homem cordial	Sérgio Buarque de Holanda
06	O caçador doméstico	Famílias influentes na política, escravagistas, violência.	* Formação do estado Brasileiro. (Coronelismo, república velha.)	Sérgio Buarque de Holanda
07	O feiticeiro e o deputado	Preconceito religioso; Estereótipo; Bajulação política.	*Estereótipos, *Estigma.	Erving Goffman
08	O homem que sabia javanês	Cientificismo, Círculos acadêmicos, Mentiras e privilégios acadêmicos e políticos.	Positivismo Estado Positivo Hierarquia do conhecimento Darwinismo Sociologia pré-científica	Auguste Comte; Ernst Cassirer; Florestan Fernandes
09	O moleque	Exclusão social, subúrbios e favelas, pobreza; mulheres arrimo de família; Trabalho infantil; racismo.	*Desigualdades, *Estratificação social.	Sergio Buarque de Holanda; Gilberto Freyre; Anthony Giddens
10	O pecado	Racismo; aspectos religiosos do catolicismo.	Integração do negro na sociedade, democracia racial	Florestan Fernandes
11	O peso da ciência	Descrição estética físicas e sociais do negro e análise histórica sobre a raça.	origem étnica miscigenação	Darcy Ribeiro; Florestan Fernandes
12	Os quatro filhos d'Aymon	Filhotismo, política e nepotismo.	Relação de poder	Norbert Elias; José Marciano Monteiro.



## A CHEGADA, NUMA E A NINFA, O CAÇADOR DOMÉSTICO, OS QUATRO FILHOS D' AYMÓN

### **Apresentação da temática:**

A relação de maior proximidade com estes contos é o cenário político, repleto de famílias ricas, privilegiadas ou decadentes. A reflexão ética e moral orienta o debate e discussões dos personagens dos contos. A busca por prestígios a todo custo, favores políticos, nepotismo e a distorção do significado de que é ser político, e república é o carro chefe de discussões desses contos. Lima Barreto expressa o seu potencial ideológico em denunciar os casos de “ajeitado” políticos e a distorção dos ideais republicanos. Ele critica com alfinetadas as famílias ricas e decadentes do cenário nacional do início da primeira república.

### **Conteúdo sociológico para o capítulo:**

Os contos apresentam amplas possibilidades de discussão e relação com outras áreas das ciências sociais e humanas, ciência política, sociologia política e filosofia política. Os bates sobre o panorama político nacional e suas formas de governo são um ótimo ponto de partida, para isso pode-se discutir monarquia, democracia, parlamentarismo e ditaduras. A contribuição de Clóvis Moura sobre o movimento de Canudos é um importante aspecto para discutir o assunto. A república da belle époque e a contribuição de Nicolau Sevcenko vai contribuir com o estudo da república do início do século XX.

# A CHEGADA, NUMA E A NINFA, O CAÇADOR DOMÉSTICO, OS QUATRO FILHOS D' AYMÓN

## Questões para reflexão e pesquisa:

O professor pode solicitar aos estudantes a construção de um quadro temático sobre formas de governo onde serão discutidos os modelos de estado apresentados em forma de seminários. A elaboração de leis é um ótimo fator a ser trabalhado, explicar como são criadas e realizar um experimento de elaborar leis para o convívio em sala. O resgate da historicidade de intelectuais que contribuíram para o debate sobre república e monarquia, movimentos sociais entre outros, realizou pesquisas. Outra sugestão é a construção de um "jornal da república escolar", nele serão inseridos temas sobre a república e suas fases, a transição da monarquia no Brasil acompanhado de imagens reais e textos elaborados pelos estudantes. Pode realizar visitas a jornais na cidade ou tipografias e nos acervos municipais ou centros de documentação da universidade para aprender sobre a construção histórica e conservação das notícias. O levantamento sobre famílias ricas na cidade é um ponto de apoio para descobrir a historicidade delas e como se destacaram, algumas famílias vêm de origens coloniais e se mantêm na política e poder até os dias atuais. O professor ao apresentar os assuntos sobre ação social, tipos ideais e ciência e política, pode sugerir aos alunos entrevistar uma representante do legislativo (vereadores), ou convidá-los para roda de conversa sobre nepotismo e corrupção na política, outra ideia é realizar grupo focal com representantes e candidatos a política. Este tema representa a dimensão mais explorada nas aulas de sociologia e seus desdobramentos assumem destaque nos debates dentro e fora de sala.

## TEORIAS:

- Max Weber – tipos ideais e Ação social.
- Relação de poder
- Oliveira Viana; Clóvis Moura.
- Formação do estado Brasileiro. (Coronelismo, república velha.)
- Sérgio Buarque de Holanda; -Instituição social "Homem cordial"
- Estado de democracia, Monarquia
- Norbert Bobbio - Formas de Governo
- Nicolau Maquiavel – principados.

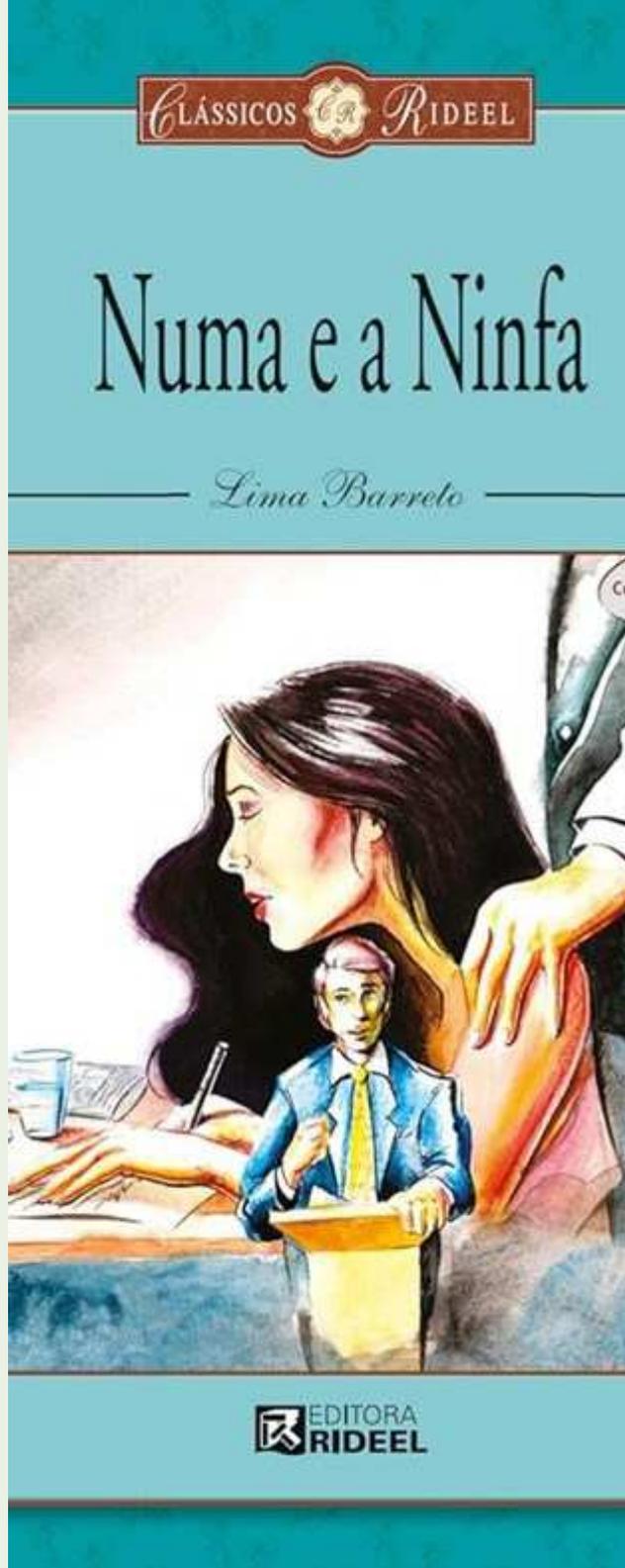
# A CHEGADA, NUMA E A NINFA, O CAÇADOR DOMÉSTICO, OS QUATRO FILHOS D'AYMON

## Síntese:

Nos contos são encontradas diversas situações, em "Numa e a Ninfa", a busca por status e influência na política e judiciário faz com o personagem mantenha uma vida de aparências, esse conto representa uma crítica ao positivismo brasileiro. Em "Os quatro filhos d'Aymon" notamos a preocupação de um pai em oferecer um futuro promissor para os filhos, para isso se vale da influência e direciona os filhos para a política, em uma jogada de favores e influências. Os dois últimos representam a decadência na política e da família, no conto "O caçador doméstico" uma família falida é representada caçando animais em fazendas vizinha para sobreviver, vale ressaltar que não são humildes, são escravocratas que perderam seu poder financeiro e influência político. E por último, em "A chegada" o senador Bastos, distorce os ideais da república e contorna em favor próprio, o senador é um apoiador da ditadura, é a favor da proibição do voto para a população.

## DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR:

Estes assuntos podem dialogar com as disciplinas de História, Geografia e Filosofia.



## TEMAS:

- Filhotismo, política e nepotismo.
- Famílias influentes na política, escravagistas, violência.
- Política; Relações de interesse, Privilégios.
- Privilégios políticos e distorção sobre ideais da República.



## A NOVA CALIFÓRNIA

baseado no conto de LIMA BARRETO | roteiro e arte de DANIEL ARAÚJO



# A NOVA CALIFÓRNIA I,II,III, O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

### **Apresentação da temática:**

Os temas identificados nos contos estão associados à reflexão e crítica que Lima Barreto sustenta sobre o academicismo da época, os personagens envolvidos na trama, são pseudo cientistas, usam o argumento científico para usar de enganação e ludibriar o público. A ironia de Lima Barreto sobre o crescimento do academicismo e os círculos de intelectuais bajuladores de grupos da elite ou oportunistas que se valem do discurso científico para enganar e se destacar socialmente.

### **Conteúdo sociológico para o capítulo:**

A apresentação das teorias científicas pode ser explorada apresentando os tipos de conhecimento e desse o senso comum até a formação do conhecimento científico. Estratégia didática: O professor pode criar uma roda de conversas e propor que um objeto batizado de bastão da curiosidade, vá passando de mão em mão enquanto toca uma música, o objetivo é pausar a música em pequenos intervalos de tempo, quem estiver com o objeto escolhido quando a música parar, participa da aula apresentando uma curiosidade sobre o conto lido ou sobre o assunto contextualizado na aula. O professor realiza previamente exposições sobre os tipos de conhecimento. O aluno é desafiado a compreender essa relação com a leitura do conto. Essa estratégia pode contribuir para a participação dos estudantes e feedback da turma sobre o texto lido.

A apresentação das teorias de Auguste Comte, Émile Durkheim e Max Weber consiste em expor a contribuição dos pensadores sobre a construção das Ciências Sociais - Sociologia.



## A NOVA CALIFÓRNIA I,II,III, O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

### TEORIAS:

- ♦ Auguste Comte -Positivismo, Lei dos três Estados- (teológico, metafísico e Positivo)
- ♦ Émile Durkheim – Positivismo e funcionalismo.
- ♦ Método sociológico. Fato social.
- ♦ Max Weber – Ciência e política.

### QUESTÕES PARA REFLEXÃO E PESQUISA:

- 1- Identifique quais as principais teorias pseudocientíficas criadas no Brasil.
- 2- Quais as contribuições de Auguste Comte para a construção do conhecimento científico?
- 3- Como Durkheim formula o método sociológico? Descreva-o.
- 4- Descreva como Weber explica a relação entre ciência e política.

### SÍNTESE:

As mentiras de um malandro que se torna “professor de Javanês” e as falsas criações e transformações de ossos em ouros apresentadas por Raimundo Flamel, são os exemplos que Lima Barreto cria para direcionar críticas aos círculos acadêmicos e científicos da sua época. Lima expõe situações cômicas e imbuídas de reflexão moral e ética.

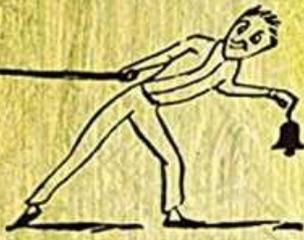
### TEMÁTICAS:

- ♦ Tipos de Conhecimento;
- ♦ Ciência e cientificismo;
- ♦ Academicismo
- ♦ -Ética e moral;
- ♦ Privilégios.

### DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: :

Estes assuntos podem dialogar com as disciplinas de História e Filosofia.

# MANEL CAPINEIRO



LIMA BARRETO



## MANEL CAPINEIRO, MAMBEMES, O FEITICEIRO E O DEPUTADO

### Conteúdo sociológico para o capítulo:

As questões referentes a sociologia da música, interacionismo e sociologia e meio ambiente ou sociologia agrária são os pontos de discussão que reforça a interdisciplinaridade na apresentação dos contos. A teorias sobre trabalho, produção no campo, artistas de rua e estigmas estão diretamente conectados com uma sociologia das diversidades.

### Apresentação da temática:

A variedade de assuntos encontrados nos contos é significativa, Lima Barreto apresenta um compromisso enciclopédico com os temas que pretende abranger, os contos que são apresentados é uma síntese dessa ideia. O autor tem o compromisso de discutir sobre a vida no campo e na cidade, relacionar o trabalho do agricultor a estereótipos e estigmas, apresentando como o tratamento e abandono do trabalhador é desumano. Por último resgata a importância da arte apresentando o papel dos Mambembes reforçando o poder da arte da musicalidade.

#### TEMÁTICAS:

- ♦ Exclusão social; Trabalho no campo x cidade. –
- ♦ - Preconceito religioso; Estigma, Estereótipo; Bajulação política.
- ♦ Memória; Artistas itinerantes; Teatro de rua

#### TEORIAS:

- ♦ Trabalho - Campo e cidade;
- ♦ Karl Marx
- ♦ Ervin Goffman
- ♦ Interacionismo.
- ♦ Estereótipos, Estigma.
- ♦ Norbert Elias
- ♦ Sociologia da arte e da música

#### DIÁLOGOS

##### INTERDISCIPLINAR:

Estes assuntos podem dialogar com as disciplinas de História , Geografia, Artes, Literatura, e Filosofia.

# MANEL CAPINEIRO, MAMBEMES, O FEITICEIRO E O DEPUTADO

## Questões para reflexão e pesquisa:

A relação entre o campo e a cidade em “Manel Capineiro” pode se associar à Sociologia agrária, dessa forma sugerimos um trabalho de campo, os alunos podem fazer registros do cotidiano do trabalhador do campo e construir uma maquete sobre o campo e a produção de grãos em suas cidades ou região, pode-se resgatar memórias através de entrevistas e reproduzir técnicas de conservação dos alimentos, ou montar um pequeno banco de sementes. O professor pode incentivar o plantio de semente ou a criação de uma horta em materiais reciclados para retratar debate sobre meio ambiente e sustentabilidade. A arte e musicalidade presente em “Mambembes” pode ser representado pela Sociologia da música, assim, uma possível parceria entre Arte, Literatura e Sociologia pode surgir para a interpretação de peça teatral. Uma sugestão é utilizar o conto “os negros, esboço de novela de Lima Barreto que poderia ser bem empregado para a turma e refletir sobre a temática. Outra proposta é utilizar música e cantos de resistência nas aulas para trabalhar a teorias dos autores; Norbert Elias pode ser apresentado e sua contribuição sobre a Sociologia de um gênio discutido em sala. A construção de registros de artistas de rua ou convidá-los para uma roda de conversa seria interessante para ouvir o que eles têm a dizer, dar voz à voz do povo, poderia ser criando um podcast para entrevistar os artistas e apresentar em exposições na escola, realizar a construção de um documentário artístico sociológico. A Sociologia de interacionista representa “O feiticeiro e o deputado”. O estigma e estereótipo podem ser discutidos em sala e apresentar as marcas da interação social, os estudantes podem realizar experimentos sociais ou identificar formas de distinção. O assunto é sensível e precisa ser acompanhado de perto pelo professor.

# MANEL CAPINEIRO, MAMBEMES, O FEITICEIRO E O DEPUTADO

## Síntese:

O tema do estigma se aproxima mais do conto "o feiticeiro e o deputado", onde o preconceito religioso e estigmas são evidentes; em "Mambembes", musicalidade e arte são exaltados, os alunos poderiam realizar um sarau com artista de rua e artistas populares. E no conto "Manel capineiro", a perda trágica dos bois e o trabalho humilde de Manel são fortes indícios para aproximar a reflexão sobre o trabalho do camponês.



# O MOLEQUE



LIMA BARRETO

EDITORA  
ITAPUÇA

## O MOLEQUE, O PECADO, O PESO DA CIÊNCIA

### **Apresentação da temática:**

Os contos são ótimos exemplos da postura crítica e militante de Lima Barreto ao se posicionar contra o racismo e denunciar as mazelas e problemas sociais. O escritor negro, compreende bem a realidade da exclusão e pobreza e sente na pele as marcas dos problemas raciais. Ele apresenta narrativas que reforçam o abandono da população preta e pobre, duas com relevante descrição material e outra ironizada fundada na dimensão espiritual. Lima não poupa esforços para discutir esse tema tão recorrente em seus escritos.

### **Conteúdo sociológico para o capítulo:**

Sugerimos como suporte teórico para discutir esse assunto, duas das maiores personalidades intelectuais do país. Opositores em suas teorias as contribuições de Florestan Fernandes e Gilberto Freyre são imprescindíveis para estabelecer um diálogo sobre a condição do negro na sociedade brasileira.

A sugestão é que o professor realize um compilado com argumentos das teorias dos autores, sobre a condição social do negro no Brasil e divida a sala em equipes, para a criação de uma defesa pública, "Juri simulado".

Os alunos irão montar uma defesa para ambos os autores com base em suas teorias, a proposta pode ser estendida e discutida entre salas. Ou apresentar o "Juri" no auditório escolar como uma proposta teatral. Os argumentos dos alunos podem ser fixados em painéis ou mural sociológico de defesa e acusação como um experimento convidativo a outros estudantes e turmas a participarem do Juri público.

# O MOLEQUE, O PECADO, O PESO DA CIÊNCIA

## TEMÁTICAS:

- ♦ Exclusão social, (subúrbios e favelas)
- ♦ mulheres arrimo de família
- ♦ Trabalho infantil;
- ♦ Racismo
- ♦ aspectos religiosos do catolicismo.

## TEORIAS:

- ♦ Desigualdades e Estratificação social;
- ♦ Florestan Fernandes - Gilberto Freire
- ♦ Integração do negro na sociedade;
- ♦ Democracia racial.

## Questões para reflexão e pesquisa:

As reflexões dos autores são importantes para o debate sobre a inclusão do negro na sociedade brasileira, a exclusão dessa população e abandono em áreas periféricas, a reflexão sobre o mito da "democracia racial". Os professores podem solicitar a construção de painéis das desigualdades apresentando a construção de mapas da pobreza e identificando a situação das populações pobres com pesquisas no Censo do IBGE. Pesquisas sobre a população negra, trabalho infantil, divisão de gêneros, ocupação dos subúrbios, salários e taxas de morte e criminalidades são importantes referenciais para o debate em sala. Outra proposta seria criar uma revista de "ascensão social negra" onde personalidades negras que tiveram uma trajetória história relevante fossem apresentados pelos estudantes. Poderia contar a história de familiares, personalidades negras de suas comunidades ou a trajetória de profissionais da própria escola.

## DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Estes assuntos podem dialogar com as disciplinas de História, Geografia e Filosofia.

## Síntese:

Os contos são duas grandes referências sobre a discussão racial que Lima Barreto apresenta, em "O moleque" temos o relato crítico sobre as condições de vida nos subúrbios, apresentação de regiões de nome indígenas, descrição do subúrbio, ruas, moradias e população, apresentação de personagens fortes, em sua maioria mulheres trabalhadoras que sustentam seus lares e o relato da vida do pequeno Zeca, menino negro, que ajuda a mãe, sonhador e vítima de bullying. O conto "O pecado" nos é apresentado a trajetória espiritual de uma nobre alma, digna de sentar-se ao lado do próprio Cristo, quando do seu julgamento, São Pedro nota que aquele nobre espírito trata-se de um negro ex-vivo, e de imediato o condena ao purgatório. Em "o peso da ciência" Lima descreve brevemente a trajetória e condições de seu professor negro, que enfrenta inúmeras dificuldades precisando superá-las diante da realidade que vive, e seu maior desafio é a questão racial.

## CONCLUSÃO

O Guia Pedagógico é um instrumento de orientação e sugestões para os professores de Sociologia. Neste trabalho abordamos o ensino de sociologia mediado pelos contos de Lima Barreto. Dispomos aqui a seleção de contos e temáticas que dialogam com teorias e temas da Sociologia, possibilitando uma aplicação interdisciplinar. Sua estruturação é uma demonstração da aplicação de contos como suporte para o ensino de Sociologia através de temáticas. Esperamos que este Guia Pedagógico tenha contribuído para o despertar de possibilidades criativas e didáticas para o ensino de sociologia.

# REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. Contos completos - Lima Barreto; Organização e introdução de Lilian Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOBBIO, Norberto & BOVERO, Michelangelo, 1987: Sociedade e estado na filosofia política moderna, segunda edição, Brasiliense, São Paulo.
- BOBBIO, Norberto, 1909- Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco
- BOBBIO, Norberto, 1995: "Estado, Poder e Governo", in Estado, Governo e Sociedade, Paz e Terra, São Paulo/Rio de Janeiro [original de 1985]
- ELIAS, N. Mozart, sociologia de um gênio. Organizado por Michael Schröter. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 1995.150 p.
- FERNANDES, Florestan. (1920-1995). A integração do Negro na sociedade de classes. Dominus Editora. São Paulo, 2 vols. 655 págs., 1965.
- GIDDENS, Anthony. O que é sociologia? 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- JOHNSON, Allan G. Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica / Allan G. Johnson; tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marna de Andrade, Col. Sociologia Geral. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1978. 311 p.
- MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. São Paulo: Penguin Classic. Companhia das Letras, 2010.
- MONTEIRO, José Marciano. A política como negócio de família: para uma sociologia política das elites e do poder político familiar. São Paulo: LiberArs, 2016.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de (1938). Evolução do povo brasileiro, Evolução do povo brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de (1999). Instituições políticas brasileiras. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal.
- Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1 la ed., 1998.
- QUINTANEIRO, Tania. Um Toque de Clássicos MARX, DURKHEIM e WEBER. Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira. 2ª Edição, Revista e ampliada 1ª Reimpressão Belo Horizonte Editora UFMG, 2003.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- SILVA, Sandro José da. Introdução às ciências sociais / Sandro José da Silva. - Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2014. 110 p.: il.; 22 cm.
- Termos ambíguos do debate político atual [livro eletrônico]: pequeno dicionário que você não sabia que existia / coordenação Sonia Corrêa; ilustração Carol Ito. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids - ABIA, 2023. PDF



## A CHEGADA

Quando o senador Bastos voltou de Poços, onde esteve a espiar a maré dos acontecimentos e a ler pela décima segunda vez *As democracias da América*, de García Calderón — o evangelho da ditadura militar — e chegou à Cascadura, esperou que os seus amigos o fossem buscar acompanhados da banda de música da linha de tiro 69.

Tal, porém, não aconteceu e só o foi buscar o seu amado discípulo Anófeles que estudava com Sua Excelência direito constitucional e a criação de galos de briga. O senador disfarçou o aborrecimento e continuou a viagem olhando os subúrbios sem encanto que a locomotiva atravessava.

Em dado momento, Anófeles, dirigiu a palavra ao paredro:

– Vossa Excelência certamente imaginava que outros admiradores o viessem buscar, não é verdade?

O solerte discípulo dissera isto para bem realçar a sua dedicação ao antigo chefe poderoso.

Bastos impertigou-se melhor no banco e respondeu com aquela sua voz sacerdotal:

– Menino, quem é coerente com os princípios republicanos não se admira de levar coices.

Ele gostava muito dessas coisas de cavalos e sempre que podia fazia comparações e metáforas com os fatos que lhes dizem respeito.

– Como devemos entender esses princípios republicanos?

Bastos tossiu, acendeu o cigarro de palha mais uma vez e explicou:

– Primeiro: devemos entendê-los como sendo eu chefe absoluto do país, tal e qual o czar das Rússias; segundo: considerando que somos no Brasil um único povo, um estado tem o direito de reter cereais de que não precisa, para esfomear os outros; terceiro: para favorecer a liberdade, temos a obrigação de decretar um estado de sítio permanente; quarto (e este é o mais importante dos itens): as eleições ou a escolha dos representantes da nação não devem ser feitas pelo povo, mas por uma camarilha que vela como muezins na catedral gótica da República. Podia dizer mais; creio, porém, que isto basta.

O trem chegava à gare da Central e Bastos foi ultimar a sua toilette de desembarque. Quando voltou e olhou pela portinhola, viu que só o esperavam duas dúzias de correligionários.

Pôde ainda dizer a Anófeles:

– Antes fosse como em Cartago, meu caro Anófeles. Lá, ao menos, se enforcavam os generais derrotados.

E não pôde olhar o céu, porque a abóbada de zinco da estação escondia-o dos seus olhos.

# A NOVA CALIFÓRNIA I

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do Correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidro, facas sem corte, copos como os da farmácia— um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso.

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não fora a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população. Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluíra que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de receitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração à pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” acrescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

# A NOVA CALIFÓRNIA I

Na verdade, era de ver-se, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que ele afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparadas na necessária caquexia dos trópicos.

Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...

Em poucos dias a admiração pelo sábio era quase geral, e não o era unicamente porque havia alguém que não tinha em grande conta os méritos do novo habitante.

Capitão Pelino, mestre-escola e redator da Gazeta de Tubiacanga, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio. "Vocês hão de ver, dizia ele, quem é esse tipo... Um caloteiro, um aventureiro ou talvez um ladrão fugido do Rio."

A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava. Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadas do capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: "Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: 'um outro', 'de resto'...". E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Cândido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dois dedos de prosa.

Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. "Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que..." Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: "Não diga 'asseguro', senhor Bernardes; em português é garanto".

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo. A chegada do sábio veio distraí-lo um pouco da sua missão. Todo o seu esforço voltava-se agora para combater aquele rival, que surgia tão inopinadamente.

Foram vãs as suas palavras e a sua eloquência: não só Raimundo Flamel pagava em dia as suas contas, como era generoso — pai da pobreza — e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor.

## A NOVA CALIFÓRNIA II

Havia já anos que o químico vivia em Tubiacanga, quando, uma bela manhã, Bastos o viu entrar pela botica adentro. O prazer do farmacêutico foi imenso. O sábio não se dignara até aí visitar fosse quem fosse e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a futura festa de Nossa Senhora da Conceição, foi com visível enfado que ele o recebeu e atendeu.

Vendo-o, Bastos saiu de detrás do balcão, correu a recebê-lo com a mais perfeita demonstração de quem sabia com quem tratava e foi quase em uma exclamação que disse:

– Doutor, seja bem-vindo.

O sábio pareceu não se surpreender nem com a demonstração de respeito do farmacêutico, nem com o tratamento universitário. Docemente, olhou um instante a armação cheia de medicamentos e respondeu:

– Desejava falar-lhe em particular, senhor Bastos.

O espanto do farmacêutico foi grande. Em que poderia ele ser útil ao homem, cujo nome corria mundo e de quem os jornais falavam com tão acendrado respeito? Seria dinheiro? Talvez... Um atraso no pagamento das rendas, quem sabe? E foi conduzindo o químico para o interior da casa, sob o olhar espantado do aprendiz que, por um momento, deixou a “mão” descansar no gral, onde macerava uma tisana qualquer.

Por fim, achou ao fundo, bem no fundo, o quartinho que lhe servia para exames médicos mais detidos ou para as pequenas operações, porque Bastos também operava. Sentaram-se e Flamel não tardou a expor:

– Como o senhor deve saber, dedico-me à química, tenho mesmo um nome respeitado no mundo sábio...

– Sei perfeitamente, doutor, mesmo tenho disso informado, aqui, aos meus amigos.

– Obrigado. Pois bem: fiz uma grande descoberta, extraordinária...

Envergonhado com o seu entusiasmo, o sábio fez uma pausa e depois continuou:

– Uma descoberta... Mas não me convém, por ora, comunicar ao mundo sábio, compreende?

–Perfeitamente.

– Por isso precisava de três pessoas conceituadas que fossem testemunhas de uma experiência dela e me dessem um atestado em forma, para resguardar a prioridade da minha invenção... O senhor sabe: há acontecimentos imprevistos e...

## A NOVA CALIFÓRNIA II

— e...

— Certamente! Não há dúvida!

— Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...

— Como? O quê? fez Bastos, arregalando os olhos.

— Sim! Ouro! disse, com firmeza, Flamel.

— Como?

— O senhor saberá — disse o químico secamente. A questão do momento são as pessoas que devem assistir à experiência, não acha?

— Com certeza, é preciso que os seus direitos fiquem resguardados, porquanto...

— Uma delas, interrompeu o sábio, é o senhor; as outras duas, o senhor Bastos fará o favor de indicar-me.

O boticário esteve um instante a pensar, passando em revista os seus conhecimentos e, ao fim de uns três minutos, perguntou:

— O coronel Bentes lhe serve? Conhece?

— Não. O senhor sabe que não me dou com ninguém aqui.

— Posso garantir-lhe que é homem sério, rico e muito discreto.

— É religioso? Faça-lhe esta pergunta, acrescentou Flamel logo, porque temos que lidar com ossos de defunto e só estes servem...

— Qual! É quase ateu...

— Bem! Aceito. E o outro?

Bastos voltou a pensar e dessa vez demorou-se um pouco mais consultando a sua memória... Por fim, falou:

— Será o tenente Carvalhais, o coletor, conhece?

— Como já lhe disse...

— É verdade. É homem de confiança, sério, mas...

— Que é que tem?

— É maçom.

— Melhor.

— E quando é?

— Domingo. Domingo, os três irão lá em casa assistir à experiência e espero que não me recusarão as suas firmas para autenticar a minha descoberta.

— Está tratado.

Domingo, conforme prometeram, as três pessoas respeitáveis de Tubiacanga foram à casa de Flamel, e, dias depois, misteriosamente, ele desaparecia sem deixar vestígios ou explicação para o seu desaparecimento.

## A NOVA CALIFÓRNIA III

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.

O único crime notado em seu pobre cadastro fora um assassinato por ocasião das eleições municipais; mas, atendendo que o assassino era do partido do governo, e a vítima da oposição, o acontecimento em nada alterou os hábitos da cidade, continuando ela a exportar o seu café e a mirar as suas casas baixas e acanhadas nas escassas águas do pequeno rio que a batizara.

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos mais repugnantes crimes de que se tem memória! Não se tratava de um esquartejamento ou parricídio; não era o assassinato de uma família inteira ou um assalto à coletoria; era coisa pior, sacrílega aos olhos de todas as religiões e consciências: violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo.

Em começo, o coveiro julgou que fossem cães, mas, revistando bem o muro, não encontrou se não pequenos buracos. Fechou-os; foi inútil. No dia seguinte, um jazigo perpétuo arrombado e os ossos saqueados; no outro, um carneiro e uma sepultura rasa. Era gente ou demônio. O coveiro não quis mais continuar as pesquisas por sua conta, foi ao subdelegado e a notícia espalhou-se pela cidade. A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. A religião da morte precede todas e certamente será a última a morrer nas consciências. Contra a profanação, clamaram os seis presbiterianos do lugar — os bíblias, como lhes chama o povo; clamava o agrimensor Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes; clamava o major Camanho, presidente da loja Nova Esperança; clamavam o turco Miguel Abudala, negociante de armarinho, e o céptico Belmiro, antigo estudante, que vivia ao deus-dará, bebericando parati nas tavernas. A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo, sem notar sequer os suspiros dos apaixonados locais, sempre esperando que o expresso trouxesse um príncipe a desposá-la —, a linda e desdenhosa Cora não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. Aí Cora queria os seus ossos sossegados, quietos e comodamente descansando num caixão bem feito e num túmulo seguro, depois de ter sido a sua carne encanto e prazer dos vermes...

## A NOVA CALIFÓRNIA III

O mais indignado, porém, era Pelino. O professor deitara artigo de fundo, imprecando, bramindo, gritando: "Na história do crime, dizia ele, já bastante rica de fatos repugnantes, como sejam: o esquartejamento de Maria de Macedo, o estrangulamento dos irmãos Fuoco, não se registra um que o seja tanto como o saque às sepulturas do 'Sossego'".

E a vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos. Dias e dias por sobre as casas pairavam nuvens negras e, à noite, todos ouviam ruídos, gemidos, barulhos sobrenaturais... Parecia que os mortos pediam vingança...

O saque, porém, continuava. Toda noite eram duas, três sepulturas abertas e esvaziadas de seu fúnebre conteúdo. Toda a população resolveu ir em massa guardar os ossos dos seus maiores. Foram cedo, mas, em breve, cedendo à fadiga e ao sono, retirou-se um, depois outro e, pela madrugada, já não havia nenhum vigilante. Ainda nesse dia o coveiro verificou que duas sepulturas tinham sido abertas e os ossos levados para destino misterioso.

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou lobrugar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. A raiva e a indignação, até aí sopitadas no ânimo deles, não se contiveram mais e deram tanta bordoadada nos macabros ladrões, que os deixaram estendidos como mortos.

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o coletor Carvalhais e o coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último ainda vivia e, a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

## A NOVA CALIFÓRNIA III

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou ao pai: "Papai vamos aonde está mamãe; ela era tão gorda...".

De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbedo Belmiro.

Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado à margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sobre o áspero leito de granito — ambos, ele e o rio, indiferentes ao que já viram, mesmo à fuga do farmacêutico, com o seu Potosi e o seu segredo, sob o dossel eterno das estrelas.

## MANEL CAPINEIRO

Quem conhece a Estrada Real de Santa Cruz? Pouca gente do Rio de Janeiro. Nós todos vivemos tão presos à Avenida, tão adstritos à rua do Ouvidor, que pouco ou nada sabemos desse nosso vasto Rio, a não ser as coisas clássicas da Tijuca, da Gávea e do Corcovado.

Um nome tão sincero, tão altissonante, batiza, entretanto, uma pobre azinhaga, aqui mais larga, ali mais estreita, povoada, a espaços, de pobres casas de gente pobre, às vezes, uma chácara mais assim ali, mas tendo ela em todo o seu trajeto até Cascadura e mesmo além, um forte aspecto de tristeza, de pobreza e mesmo de miséria. Falta-lhe um debrum de verdura, de árvores, de jardins. O carvoeiro e o lenhador de há muito tiraram os restos de matas que deviam bordá-la; e, hoje, é com alegria que se vê, de onde em onde, algumas mangueiras majestosas a quebrar a monotonia, a esterilidade decorativa de imensos capinzais sem limites.

Essa estrada real, estrada de rei, é atualmente uma estrada de pobres; e as velhas casas de fazenda, ao alto das meias-laranjas, não escaparam ao retalho para casas de cômodos.

Eu a vejo todo dia de manhã, ao sair de casa e é minha admiração apreciar a intensidade de sua vida, a prestança do carvoeiro, em servir a minha vasta cidade. São carvoeiros com as suas carroças pejadas que passam; são os carros de bois cheios de capim que vão vencendo os atoleiros e os "caldeirões"; as tropas e essa espécie de vagabundos rurais que fogem à rua urbana com horror.

Vejo-a no Capão do Bispo, na sua desolação e no seu trabalho; mas vejo também dali os órgãos azuis dos quais toda a hora se espera que ergam aos céus um longo e acendrado hino de louvor e de glória.

Como se fosse mesmo uma estrada de lugares afastados, ela tem também seus "pousos". O trajeto dos capineiros, dos carvoeiros, dos tropeiros é longo e pede descanso e boas "pingas" pelo caminho.

Ali no "Capão", há o armazém "Duas Américas" em que os transeuntes param, conversam e bebem.

Pára ali o "Tutu", um carvoeiro das bandas de Irajá, mulato quase preto, ativo, que aceita e endossa letras sem saber ler nem escrever. É um espécime do que podemos dar de trabalho, de iniciativa e de vigor. Não há dia em que ele não desça com a sua carroça carregada de carvão e não há dia em que ele não volte com ela, carregada de alfafa, de farelo, de milho, para os seus muares.

Também vem ter ao armazém o Senhor Antônio do Açougue, um ilhéu falador, bondoso, cuja maior parte da vida se ocupou em ser carniceiro. Lá se encontra também o "Parafuso", um preto, domador de cavalos e alveitar estimado. Todos eles discutem, todos eles comentam a crise, quando não tratam estreitamente dos seus negócios.

## MANEL CAPINEIRO

Passa pelas portas da venda uma singular rapariga. É branca e de boas feições. Notei-lhe o cuidado em ter sempre um vestido por dia, observando ao mesmo tempo que eles eram feitos de velhas roupas. Todas as manhãs, ela vai não sei onde e traz habitualmente na mão direita um bouquet feito de miseráveis flores silvestres. Perguntei ao dono quem era. Uma vagabunda, disse-me ele.

“Tutu” está sempre ocupado com a moléstia dos seus muares. O “Garoto” está mancando de uma perna e a “Jupira” puxa de um dos quartos. O “seu” Antônio do Açougue, assim chamado porque já possuiu um muito tempo, conta a sua vida, as suas perdas de dinheiro, e o desgosto de não ter mais açougue. Não se conforma absolutamente com esse negócio de vender leite; o seu destino é talhar carne.

Outro que lá vai é o Manel Capineiro. Mora na redondeza e a sua vida se faz no capinzal, em cujo seio vive, a vigiá-lo dia e noite dos ladrões, pois os há mesmo de feixes de capim. O “Capineiro” colhe o capim à tarde, enche as carroças; e, pela madrugada, sai com estas a entregá-lo à freguesia. Um companheiro fica na choupana no meio do vasto capinzal a vigiá-lo, e ele vai carreando uma das carroças, tocando com o guião de leve os seus dois bois “Estrela” e “Moreno”.

Manel os ama tenazmente e evita o mais possível feri-los com a farpa que lhes dá a direção requerida.

Manel Capineiro é português e não esconde as saudades que tem do seu Portugal, do seu caldo de unto, das suas festanças aldeãs, das suas lutas a varapau; mas se conforma com a vida atual e mesmo não se queixa das cobras que abundam no capinzal.

— Ai! As cobras!... Ontem dei com uma, mas matei-a!

Está aí um estrangeiro que não implica com os nossos ofídios — o que deve agradar aos nossos compatriotas, que se indignam com essa implicância.

Ele e os bois vivem em verdadeira comunhão. Os bois são negros, de grandes chifres, tendo o “Estrela” uma mancha branca na testa, que lhe deu o nome.

Nas horas do ócio, Manel vem à venda conversar, mas logo que olha o relógio e vê que é hora da ração, abandona tudo e vai ao encontro daquelas suas duas criaturas, que tão abnegadamente lhe ajudam a viver.

Os seus carrapatos lhe dão cuidado; as suas “manqueiras” também. Não sei bem a que propósito me disse um dia:

— Senhor Fulano, se não fosse eles, eu não saberia como iria viver. Eles são o meu pão.

## MANEL CAPINEIRO

Imaginem que desastre não foi na sua vida a perda dos seus dois animais de tiro. Ela se verificou em condições bem lamentáveis. Manel Capineiro saiu de madrugada, como de hábito, com o seu carro de capim. Tomou a estrada para riba, dobrou a rua José dos Reis e tratou de atravessar a linha da estrada de ferro, na cancela dessa rua. Fosse a máquina, fosse um descuido do guarda, uma imprudência de Manel, um comboio, um expresso, implacável como a fatalidade, inflexível, inexorável, veio-lhe em cima do carro e lhe trucidou os bois. O capineiro, diante dos despojos sangrentos do “Estrela” e do “Moreno”, diante daquela quase ruína de sua vida, chorou como se chorasse um filho uma mãe e exclamou cheio de pesar, de saudade, de desespero: — Ai! mô gado! Antes fora eu!...

## NUMA E A NINFA

Na rua não havia quem não apontasse a união daquele casal.

Ela não era muito alta, mas tinha uma frente reta e dominadora, uns olhos de visada segura, rasgando as cabeças, o busto erguido, de forma a possuir não sei que ar de força, de domínio, de orgulho; ele era pequenino, sumido, tinha a barba rala, mas todos lhe conheciam o talento e a ilustração.

Deputado há bem duas legislaturas, não fizera em começo grande figura; entretanto, surpreendendo todos, um belo dia fez um "brilhareto", um lindo discurso tão bom e sólido que toda a gente ficou admirada de sair de lábios que até então ali estiveram hermeticamente fechados.

Foi por ocasião do grande debate que provocou, na Câmara, o projeto de formação de um novo estado, com terras adquiridas por força de cláusulas de um recente tratado diplomático.

Penso que todos os contemporâneos ainda estão perfeitamente lembrados do fervor da questão e da forma por que a oposição e o governo se digladiaram em torno do projeto aparentemente inofensivo. Não convém, para abreviar, relembrar aspectos de uma questão tão dos nossos dias; basta que se recorde o aparecimento de Numa Pompílio de Castro, deputado pelo estado de Sernambi, na tribuna da Câmara, por esse tempo.

Esse Numa, que ficou, daí em diante, considerado parlamentar consumado e ilustrado, fora eleito deputado, graças à influência do seu sogro, o senador Neves Cogominho, chefe da dinastia dos Cogominhos que, desde a fundação da República, desfrutava empregos, rendas, representações, tudo o que aquela mansa satrapia possuía de governamental e administrativo.

A história de Numa era simples. Filho de um pequeno empregado de um hospital militar do Norte, fizera-se, à custa de muito esforço, bacharel em direito. Não que houvesse nele um entranhado amor ao estudo ou às letras jurídicas. Não havia no pobre estudante nada de semelhante a isso. O estudo de tais coisas era lhe um suplício cruciante; mas Numa queria ser bacharel, para ter cargos e proventos; e arranjou os exames da maneira mais econômica. Não abria livros; penso que nunca viu um que tivesse relação próxima ou remota com as disciplinas dos cinco anos de bacharelado. Decorava apostilas, cadernos; e, com esse saber mastigado, fazia exames e tirava distinções.

Uma vez, porém, saiu-se mal; e foi por isso que não recebeu a medalha e o prêmio de viagem. A questão foi com o arsênico, quando fazia prova oral de medicina legal. Tinha havido sucessivos erros de cópia nas apostilas, de modo que Numa dava como podendo ser encontradas na glândula tireoide dezessete gramas de arsênico, quando se tratam de dezessete centésimos de miligrama.

Não recebeu distinção e o rival passou-lhe a perna. O seu desgosto foi imenso. Ser formado já era alguma coisa, mas sem medalha era incompleto!

## NUMA E A NINFA

Formado em direito, tentou advogar; mas, nada conseguindo, veio ao Rio, agarrou-se à sobrecasaca de um figurão, que o fez promotor da justiça do tal Sernambi, para livrar-se dele.

Aos poucos, com aquele seu faro de adivinhar onde estava o vencedor — qualidade que lhe vinha da ausência total de emoção, de imaginação, de personalidade forte e orgulhosa —, Numa foi subindo.

Nas suas mãos, a justiça estava a serviço do governo; e, como juiz de direito, foi na comarca mais um ditador que um sereno apreciador de litígios.

Era ele juiz de Catimbau, a melhor comarca do Estado, depois da capital, quando Neves Cogominho foi substituir o tio na presidência de Sernambi. Numa não queria fazer mediocrementemente uma carreira de justiça de roça.

Sonhava a Câmara, a Cadeia Velha, a rua do Ouvidor, com dinheiro nas algibeiras, roupas em alfaiates caros, passeio à Europa; e se lhe antolhou, como meio seguro de obter isso, aproximar-se do novo governador, captar-lhe a confiança e fazer-se deputado.

Os candidatos à chefatura de polícia eram muitos, mas ele, de tal modo agiu e ajeitou as coisas, que foi o escolhido.

O primeiro passo estava dado; o resto dependia dele. Veio a posse, Neves Cogominho trouxera a família para o Estado. Era uma satisfação que dava aos seus feudatários, pois havia mais de dez anos que lá não punha os pés.

Entre as pessoas da família, vinha a filha, a Gilberta, moça de pouco mais de vinte anos, cheia de prosápias de nobreza, que as irmãs de caridade de um colégio de Petrópolis lhe tinham metido na cabeça.

Numa viu logo que o caminho mais fácil para chegar a seu fim era casar-se com a filha do dono daquela “marca” longínqua do desmedido império do Brasil.

Fez a corte, não deixava a moça, trazia-lhe mimos, encheu as tias (Coquinho era viúvo) de presentes; mas a moça parecia não atinar com os desejos daquele bacharelinho baço, pequenino, feio e tão roceiramente vestido. Ele não desanimou; e, por fim, a moça descobriu que aquele homenzinho estava mesmo apaixonado por ela. Em começo, o seu desprezo foi grande; achava até ser injúria que aquele tipo a olhasse; mas vieram o aborrecimento da vida de província, a sua falta de festas, o tédio daquela reclusão em palácio, aquela necessidade de namoro que há em toda a moça, e ela deu-lhe mais atenção.

Casaram-se, e Numa Pompílio de Castro foi logo eleito deputado pelo estado de Sernambi.

Em começo, a vida de ambos não foi das mais perfeitas. Não que houvesse rurgas; mas, o retraimento dela e a gaucherie dele toldavam a vida íntima de ambos.

No casarão de São Clemente, ele vivia só, calado a um canto; e Gilberta, afastada dele, mergulhada na leitura; e, não fosse um acontecimento político de certa importância, talvez a desarmonia viesse a ser completa.

## NUMA E A NINFA

Ela lhe havia descoberto a simulação do talento e o seu desgosto foi imenso porque contava com um verdadeiro sábio, para que o marido lhe desse realce na sociedade e no mundo. Ser mulher de deputado não lhe bastava; queria ser mulher de um deputado notável, que falasse, fizesse lindos discursos, fosse apontado nas ruas.

Já desanimava, quando, uma madrugada, ao chegar da manifestação do senador Euphonias, naquele tempo o mais poderoso chefe da política nacional, quase chorando, Numa dirigiu-se à mulher:

– Minha filha, estou perdido!...

– Mas que há, Numa?

– Ele... O Euphonias...

– Que tem? que há? por quê?

A mulher sentia bem o desespero do marido e tentava soltar-lhe a língua. Numa, porém, estava alanceado e hesitava, vexado em confessar a verdadeira causa do seu desgosto. Gilberta, porém, era tenaz; e, de uns tempos para cá, dera em tratar com mais carinho o seu pobre marido.

Afinal, ele confessou quase em pranto:

– Ele quer que eu fale, Gilberta.

– Mas você fala...

– É fácil dizer... Você não vê que não posso... Ando esquecido... Há tanto tempo... Na faculdade, ainda fiz um ou outro discurso; mas era lá, e eu decorava, depois pronunciava.

– Faz agora o mesmo...

– É... Sim... Mas preciso de ideias... Um estudo sobre o novo Estado! Qual!

– Estudando a questão, você terá ideias...

Ele parou um pouco, olhou a mulher demoradamente e lhe perguntou de sopetão:

– Você não sabe aí alguma coisa de história e geografia do Brasil?

Ela sorriu indefinidamente com os seus grandes olhos claros, apanhou com uma das mãos os cabelos que lhe caíam sobre a testa; e depois de ter estendido molemente o braço meio nu sobre a cama, onde a fora encontrar o marido, respondeu:

– Pouco... Aquilo que as irmãs ensinam; por exemplo: que o rio São Francisco nasce na serra da Canastra.

Sem olhar a mulher, bocejando, mas já um tanto aliviado, o legislador disse:

– Você deve ver se arranja algumas ideias, e fazemos o discurso.

Gilberta pregou os seus grandes olhos na armação do cortinado, e ficou assim um bom pedaço de tempo, como a recordar-se. Quando o marido ia para o aposento próximo, despir-se, disse com vagar e doçura:

# NUMA E A NINFA

— Talvez.

Numa fez o discurso e foi um triunfo. Os representantes dos jornais, não esperando tão extraordinária revelação, denunciaram o seu entusiasmo, e não lhe pouparam elogios. O José Vieira escreveu uma crônica; e a glória do representante de Sernambi encheu a cidade. Nos bondes, nos trens, nos cafés, era motivo de conversa o sucesso do deputado dos Cogominhos: — Quem diria, hein? Vá a gente fiar-se em idiotas. Lá vem um dia que eles se saem. Não há homem burro — diziam —, a questão é querer...

E foi daí em diante que a união do casal começou a ser admirada nas ruas.

Ao passarem os dois, os homens de altos pensamentos não podiam deixar de olhar agradecidos aquela moça que erguera do nada um talento humilde; e as meninas olhavam com inveja aquele casamento desigual e feliz.

Daí por diante, os sucessos de Numa continuaram. Não havia questão em debate na Câmara sobre a qual ele não falasse, não desse o seu parecer, sempre sólido, sempre brilhante, mantendo a coerência do partido, mas aproveitando ideias pessoais e vistas novas. Estava apontado para ministro e todos esperavam vê-lo na secretaria do largo do Rossio, para que ele pusesse em prática as suas extraordinárias ideias sobre instrução e justiça.

Era tal o conceito de que gozava que a câmara não viu com bons olhos furtar-se, naquele dia, ao debate que ele mesmo provocou, dando um intempestivo aparte ao discurso do deputado Cardoso Laranja, o formidável orador da oposição.

Os governistas esperavam que tomasse a palavra e logo esmagasse o adversário; mas não fez isso.

Pedi a palavra para o dia seguinte e o seu pretexto de moléstia não foi bem aceito.

Numa não perdeu tempo: tomou um tálburi, correu à mulher e deu-lhe parte da atrapalhão em que estava. Pela primeira vez, a mulher lhe pareceu com pouca disposição de fazer o discurso.

— Mas, Gilberta, se eu não o fizer amanhã, estou perdido!... E o ministério? Vai-se tudo por água abaixo... Um esforço... É pequeno... De manhã, eu decoro... Sim, Gilberta?

A moça pensou e, ao jeito da primeira vez, olhou o teto com os seus grandes olhos cheios de luz, como a lembrar-se, e disse:

— Faça; mas você precisa ir buscar já, já dois ou três volumes sobre colonização... Trata-se dessa questão, e eu não sou forte. É preciso fingir que se tem leituras disso... Vá!

— E os nomes dos autores?

— Não é preciso... O caixeiro sabe... Vá!

Logo que o marido saiu, Gilberta redigiu um telegrama e mandou a criada transmiti-lo.

## NUMA E A NINFA

Numa voltou com os livros; marido e mulher jantaram em grande intimidade e não sem apreensões. Ao anoitecer, ela recolheu-se à biblioteca e ele ao quarto.

No começo, o parlamentar dormiu bem; mas bem cedo despertou e ficou surpreendido em não encontrar a mulher a seu lado. Teve remorsos. Pobre Gilberta! Trabalhar até àquela hora, para o nome dele, assim obscuramente! Que dedicação! E — coitadinha! — moça ter que empregar o seu tempo em leituras árduas! Que boa mulher ele tinha! Não havia duas... Se não fosse ela... Ah! onde estaria a sua cadeira? Nunca seria candidato a ministro... Vou fazer-lhe uma mesura, disse ele consigo. Acendeu a vela, calçou as chinelas e foi pé ante pé até ao compartimento que servia de biblioteca.

A porta estava fechada; ele quis bater, mas parou a meio. Vozes abafadas... Quem seria? Talvez a Idalina, a criada... Não, não era; era voz de homem. Diabo! Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Quem era? Aquele tipo... Ah! Era o tal primo... Então, era ele, era aquele valdevinhos, vagabundo, sem eira nem beira, poeta sem poesias, frequentador de chopes; então, era ele quem lhe fazia os discursos? Por que preço?

Olhou ainda mais um instante e viu que os dois acabavam de beijar-se. A vista se lhe turvou; quis arrombar a porta; mas logo lhe veio a ideia do escândalo e refletiu. Se o fizesse vinha a coisa a público; todos saberiam do segredo da sua "inteligência" e adeus câmara, ministério e — quem sabe? — a Presidência da República. Que é que se jogava ali? A sua honra? Era pouco. Que se jogava ali eram a sua inteligência, a sua carreira; era tudo! Não, pensou ele de si para si, vou deitar-me.

No dia seguinte, teve mais um triunfo.

# O CAÇADOR DOMÉSTICO

O Simões era descendente de uma famosa família dos Feitais, do estado do Rio, de que o 13 de Maio arrebatou mais de mil escravos.

Uma verdadeira fortuna, porque escravo, naquelas épocas, apesar da agitação abolicionista, era mercadoria valorizada. Valia bem um conto de réis a cabeça, portanto os tais de Feitais perderam cerca ou mais de mil contos.

De resto, era mercadoria que não precisava muitos cuidados. Antes da lei do ventre livre, a sua multiplicação ficava aos cuidados dos senhores e depois... também.

Esses Feitais eram célebres pelo sadio tratamento de gado de engorda que davam aos seus escravos e também pela sua teimosia escravagista.

Se não eram requintadamente cruéis para com os seus cativos, tinham, em oposição, um horror extraordinário à carta de alforria.

Não davam uma, fosse por que pretexto fosse.

Conta-se até que o velho Feital, tendo um escravo mais claro que mostrava aptidões para os estudos, dera-lhe professores e o matriculara na Faculdade de Medicina.

Quando o rapaz ia terminar o curso, retirara-o dela, trouxera-o para a fazenda, da qual o fizera médico, mas nunca lhe dera carta de liberdade, embora o tratasse como homem livre e o fizesse tratar assim por todos.

Simões vinha dessa gente que empobrecera de uma hora para outra.

Muito tapado, não soubera aproveitar as relações de família, para formar-se em qualquer coisa e arranjar boas sinecuras, entre as quais a de deputado, para a qual estava a calhar, pois, de família do partido escravagista-conservador, tinha o mais lindo estofo para ser um republicano do mais puro quilate brasileiro.

Fez-se burocrata; e, logo que os vencimentos deram para a coisa, casou com uma Magalhães Borromeu, de Santa Maria Madalena, cuja família também se havia arruinado com a abolição.

Na repartição, o Simões não se fez de trouxa. Aproveitou as relações e amizades de família, para promoções, preterindo toda a gente.

Quando chegou, aí, por chefe de seção, lembrou-se que descendia de gente de lavoura e mudou-se para os subúrbios, onde teria alguma ideia da roça, onde nascera.

# O CAÇADOR DOMÉSTICO

Os restos de matas que há por aquelas paragens deram-lhe lembranças saudosas da sua mocidade nas fazendas de seus tios. Lembrou-se que caçava; lembrou-se da sua matilha para caitituse pacas; e deu em criar cachorros que adestrava para a caça, como se tivesse de fazer alguma.

No lugar em que morava, só havia uma espécie de caça rasteira: eram preás nos capinzais; mas, Simões, que era da nobre família dos Feitais de Pati e adjacências, não podia entregar-se a torneio tão vagabundo.

Como havia de empregar a sua gloriosa matilha?

À sua perversidade inata acudiu-lhe logo um alvitre: caçar os frangos e outros galináceos da vizinhança que, fortuitamente, lhe iam ter no quintal.

Era ver um frango de qualquer vizinho, imediatamente estumava a cachorrada que estraçalhava em três tempos o bicharoco.

Os vizinhos acostumados com os pacatos moradores antigos estranharam a maldade de semelhante imbecil que se fazia mudo às reclamações da pobre gente que lhe morava em torno.

Cansados com as proezas do caçador doméstico de frangos e patos resolveram por termo a elas.

Trataram de mal-assombrar a casa. Contrataram um moleque jeitoso que se metia no forro da casa, à noite ele lá arrastava correntes.

Simões lembrou-se dos escravos dos seus parentes Feitais e teve remorsos. Um dia assustou-se tanto que correu espavorido para o quintal, alta noite, em trajes menores, com o falar transtornado. Os seus molossos não o conheceram e o puseram no estado em que punham os incautos frangos da vizinhança: estraçalharam-no.

Tal foi o fim de um dos últimos rebentos dos poderosos Feitais de Barra Mansa.

## O FEITICEIRO E O DEPUTADO

Nos arredores do “Posto Agrícola de Cultura Experimental de Plantas Tropicais”, que, como se sabe, fica no município Contra-Almirante Doutor Frederico Antônio da Mota Batista, limítrofe do nosso, havia um habitante singular.

Conheciam-no no lugar, que, antes do batismo burocrático, tivera o nome doce e espontâneo de Inhangá, por “feiticeiro”; o mesmo, certa vez a ativa polícia local, em falta do que fazer, chamou-o a explicações. Não julguem que fosse negro. Parecia até branco e não fazia feitiços. Contudo, todo o povo das redondezas teimava em chamá-lo de “feiticeiro”.

É bem possível que essa alcunha tivesse tido origem no mistério de sua chegada e na extravagância de sua maneira de viver.

Fora mítico o seu desembarque. Um dia apareceu numa das praias do município e ficou, tal e qual Manco Capac, no Peru, menos a missão civilizadora do pai dos incas. Comprou, por algumas centenas de mil-réis, um pequeno sítio com uma miserável choça, coberta de sapé, paredes a sopapo; e tratou de cultivar-lhe as terras, vivendo taciturno e sem relações quase.

A meia encosta da colina, o seu casebre crescia como um cômodo de cupins; ao redor, os cajueiros, as bananeiras e as laranjeiras aflagavam-no com amor; e cá embaixo, no sopé do morrote, em torno do poço de água salobre, as couves rever desciam nos canteiros, aos seus cuidados incessantes e tenazes.

Era moço, não muito. Tinha por aí uns trinta e poucos anos; e um olhar doce e triste, errante e triste e duro, se fitava qualquer coisa.

Toda a manhã viam-no descer à rega das couves; e, pelo dia em fora, roçava, plantava e rachava lenha. Se lhe falavam, dizia:

— “Seu” Ernesto tem visto como a seca anda “brava”.

—É verdade.

—Neste mês “todo” não temos chuva.

—Não acho... Abril, águas mil.

## O FEITICEIRO E O DEPUTADO

Se lhe interrogavam sobre o passado, calava-se; ninguém se atrevia a insistir e ele continuava na sua faina hortícola, à margem da estrada.

À tarde, voltava a regar as couves; e, se era verão, quando as tardes são longas, ainda era visto depois, sentado à porta de sua choupana. A sua biblioteca tinha só cinco obras: a Bíblia, o Dom Quixote, a Divina comédia, o Robinson e o Pensé es de Pascal. O seu primeiro ano ali devia ter sido de torturas.

A desconfiança geral, as risotas, os ditérios, as indiretas certamente teriam- no feito sofrer muito, tanto mais que já devia ter chegado sofrendo muito profundamente, por certo de amor, pois todo o sofrimento vem dele.

Se se é coxo e parece que se sofre com o aleijão, não é bem este que nos provoca a dor moral: é a certeza de que ele não nos deixa amar plenamente...

Cochichavam que matara, que roubara, que falsificara; mas a palavra do delegado do lugar, que indagarados seus antecedentes, levou a todos confiança no moço, sem que perdesse a alcunha e a suspeita de feiticeiro. Não era um malfeitor; mas entendia de mandingas. A sua bondade natural para tudo e para todos acabou desarmando a população. Continuou, porém, a ser feiticeiro, mas feiticeiro bom. Um dia sinhá Chica animou-se a consultá-lo:

— “Seu” Ernesto: viraram a cabeça de meu filho... Deu “para bebê”... “Tá arrelaxando”...

— Minha senhora, que hei de eu fazer?

— O “sinhô” pode, sim! “Conversa cum” santo...

O solitário, encontrando-se por acaso, naquele mesmo dia, com o filho da pobre rapariga, disse-lhe docemente estas simples palavras:

— Não beba, rapaz. É feio, estraga — não beba!

E o rapaz pensou que era o Mistério quem lhe falava e não bebeu mais. Foi um milagre que mais repercutiu com o que contou o Teófilo Candeeiro.

Este incorrigível bebaço, a quem atribuíam a invenção do tratamento das sezões, pelo parati, dias depois, em um cavaco de venda, narrou que vira, uma tardinha, aí quase pela boca da noite, voar do telhado da casa do “homem” um pássaro branco, grande, maior do que um pato; e, por baixo do seu voo rasteiro, as árvores todas se abaixavam, como se quisessem beijar a terra.

## O FEITICEIRO E O DEPUTADO

Com essas e outras, o solitário de Inhangá ficou sendo como um príncipe encantado, um gênio bom, a quem não se devia fazer mal.

Houve mesmo quem o supusesse um Cristo, um Messias. Era a opinião do Manuel Bitu, o taverneiro, um antigo sacristão, que dava a Deus e a César o que era de um e o que era de outro; mas o escriturário do posto, "seu" Almada, contrariava-o, dizendo que se o primeiro Cristo não existiu, então um segundo!...

O escriturário era um sábio, e sábio ignorado, que escrevia em ortografia pretensiosa os pálicos ofícios, remetendo mudas de laranjeiras e abacateiros para o Rio.

A opinião do escriturário era de exegeta, mas a do médico era de psiquiatra.

Esse "anelado" ainda hoje é um enfezadinho, muito lido em livros grossos e conhecedor de uma quantidade de nomes de sábios; e diagnosticou: um puro louco.

Esse "anelado" ainda hoje é uma esperança de ciência...

O "feiticeiro", porém, continuava a viver no seu rancho sobranceiro a todos eles. Opunha às opiniões autorizadas do doutor e do escriturário, o seu desdém soberano de miserável independente; e ao estulto julgamento do bondoso Mané Bitu, a doce compaixão de sua alma terna e afeiçoada...

De manhã e à tarde, regava as suas couves; pelo dia em fora, plantava, colhia, fazia e rachava lenha, que vendia aos feixes, ao Mané Bitu, para poder comprar as utilidades de que necessitasse. Assim, passou ele cinco anos quase só naquele município de Inhangá, hoje burocraticamente chamado — "Contra- Almirante Doutor Frederico Antônio da Mota Batista".

Um belo dia foi visitar o posto o Deputado Braga, um elegante senhor, bem-posto, polido e cético.

O diretor não estava, mas o doutor Chupadinho, o sábio escriturário Almada e o vendeiro Bitu, representando o "capital" da localidade, receberam o parlamentar com todas as honra se não sabiam como agradá-lo.

Mostraram-lhe os recantos mais agradáveis e pinturescos, as praias longas e brancas e também as estranguladas entre morros sobranceiros ao mar; os horizontes fugidios e cismadores do alto das colinas; as plantações de batatas-doces; a ceva dos porcos...

Por fim, ao deputado que já se ia fatigando com aqueles dias, a passar tão cheio de assessores, o doutor Chupadinho convidou:

— Vamos ver, doutor, um degenerado que passa por santo ou feiticeiro aqui.

É um dementado que, se a lei fosse lei, já de há muito estaria aos cuidados da ciência, em algum manicômio.

## O FEITICEIRO E O DEPUTADO

E o escriturário acrescentou:

— Um maníaco religioso, um raro exemplar daquela espécie de gente com que as outras idades fabricavam os seus santos.

E o Mané Bitu:

— É um rapaz honesto... Bom moço — é o que posso dizer dele.

O deputado, sempre cético e complacente, concordou em acompanhá-los à morada do feiticeiro. Foi sem curiosidade, antes indiferente, com uma ponta de tristeza no olhar.

O “feiticeiro” trabalhava na horta, que ficava ao redor do poço, na várzea, à beira da estrada.

O deputado olhou-o e o solitário, ao tropel de gente, ergueu o busto que estava inclinado sobre a enxada, voltou-se e fitou os quatro. Encarou mais firmemente o desconhecido e parecia procurar reminiscências. O legislador fitou-o também um instante e, antes que pudesse o “feiticeiro” dizer qualquer coisa, correu até ele e abraçou-o muito e demoradamente.

— És tu, Ernesto?

— És tu, Braga?

Entraram. Chupadinho, Almada e Bitu ficaram à parte e os dois conversaram particularmente.

Quando saíram, Almada perguntou:

— O doutor conhecia-o?

— Muito. Foi meu amigo e colega.

— É formado? indagou o doutor Chupadinho.

— É.

— Logo vi, disse o médico. Os seus modos, os seus ares, a maneira com que se porta fizeram-me crer isso; o povo, porém...

— Eu também, observou Almada, sempre tive essa opinião íntima; mas essa gente por aí leva a dizer...

— Cá para mim, disse Bitu, sempre o tive por honesto. Paga sempre as suas contas.

E os quatro voltaram em silêncio para a sede do “Posto Agrícola de Cultura Experimental de Plantas Tropicais”.

## O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Commercio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

# O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

A Enciclopédia dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu "a-b-c" malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

—Que diabo vem a ser isso, senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

—É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênuo! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, à rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder "como está o senhor?" — e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

## O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil — podes ficar certo — aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas. Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais dever foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de agosto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou — avancei — o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

— Não, sou de Canavieiras.

— Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo.

— Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

— Onde fez os seus estudos?

— Em São Salvador.

— E onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

## O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

– E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

– Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

– Bem, fez o meu amigo, continua.

– O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

– Então está disposto a ensinar-me javanês?

—A resposta saiu-mesem querer: — Pois não.

– O senhor há de ficar admirado, aduziu o barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

– O que eu quero, meu caro senhor...

—Castelo, adiantei eu.

– O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz”. Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciemo desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês.

Eis aí.

# O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o senhor barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa única! Ele não se cansava de repetir: "É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!".

O marido de dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pediu-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava estático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

# O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a coisa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de secção: “Vejam só, um homem que sabe javanês— que portento!”.

Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”.

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei cana que. O senhor sabe?”. Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?”. Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller,<sup>90</sup> e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas malaio-polinésicas; mas não havia meio!

# O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: Revue Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês”. Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no Jornal do Commercio um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

—Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas publicações de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bâle o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bâle, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom barão de Jacuecanga.

# O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

— Que?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

## O MOLEQUE

Reclus, na sua Geografia universal, tratando do Brasil, notava a necessidade de conservarmos os nomes tupis dos lugares de uma terra. Têm eles, diz o grande geógrafo, a vantagem de possuir quase todos um sentido claro, muito claro, nas suas palavras, exprimindo algum fato da natureza, a cor das águas correntes, a altura, a forma ou o aspecto dos rochedos, a vegetação ou a aridez da região. No Rio de Janeiro, há de fato nomes tupis tão eloquentes, para traduzir a forma ou o encanto dos lugares, que ficamos pasmos, quando lhes sabemos a significação, com o poder poético, com a força de emoção superior de que eram capazes os primitivos canibais habitantes desta região, diante dos aspectos da natureza tão bela e singular que é a que cerca e limita nossa cidade. Bastam os nomes da baía. Como não traduz bem a sua sedução, o seu recato, a sua fascinação, o nome: Guanabara — seio do mar? E se o mar abriu aqui um seio foi para nele esconder as suas águas.

— Niterói — água escondida.

Esses nomes tupis, nos acidentes naturais das cercanias da cidade, são os documentos mais antigos que ela possui das vidas que aqui floresceram e morreram. Edificada em um terreno que é o mais antigo do globo, nos depósitos sedimentares das velhas regiões, até hoje não se encontram vestígios quaisquer da vida pré-histórica. A terra é velha, mas as vidas que viveram nela não deixaram, ao que parece, nenhum traço direto ou indireto de sua passagem. Os mais antigos testemunhos das existências anteriores às nossas, que por aqui passaram, são esses nomes em linguagem dos índios que habitavam estes lugares; e são assim bem recentes, relativamente.

Há, parece, na fatalidade destas terras, uma necessidade de não conservar impressões das sucessivas camadas de vida que elas deviam ter presenciado o desenvolvimento e o desaparecimento [sic]. Estes nomes tupaicos mesmo tendem a desaparecer, e todos sabem que, quando uma turma de trabalhadores, em escavações de qualquer natureza, encontra uma igaçaba, logo se apressam em parti-la, em destruí-la como coisa demoníaca ou indigna de ficar entre os de hoje. A pobre talha mortuária dos tamoios é sacrificada impiedosamente.

Frágeis eram os artefatos dos índios e todas as suas outras obras; frágeis são também as nossas de hoje, tanto assim que os mais antigos monumentos do Rio são de século e meio; e a cidade vai já para o caminho dos quatrocentos anos.

O nosso granito vetusto, tão velho quanto a terra, sobre o qual repousa a cidade, capricha em querer o frágil, o pouco duradouro. A sua grandeza e a sua antiguidade não admitem rivais.

# O MOLEQUE

Ainda hoje esse espírito do lugar domina a construção dos nossos edifícios públicos e particulares, que estão a rachar e a desabar, a todo instante. E como se a terra não deseje que fiquem nela outras criações, outras vidas, senão as florestas que ela gera, e os animais que nestas vivem.

Ela as faz brotar, apesar de tudo, para sustentar e ostentar um instante, vidas que devem desaparecer sem deixar vestígios. Estranho capricho...

Quer ser um recolhimento, um lugar de repouso, de parada, para o turbilhão que arrasta a criação a constantes mudanças nos seres vivos; mas só isto, continuando ela firme, inabalável, gerando e recebendo vidas, mas de tal modo que as novas que vierem não possam saber quais foram as que lhes antecederam.

Desde que as suas rochas surgiram, quantas formas de vida ela já viu? Inúmeras, milhares; mas de nenhuma quis guardar uma lembrança, uma relíquia, para que a Vida não acreditasse que podia rivalizar com a sua eternidade.

Mesmo os nomes índios, como já foi observado, se apagam, vão se apagando, para dar lugar a nomes banais de figurões ainda mais banais, de forma que essa pequena antiguidade de quatro séculos desaparecerá em breve, as novas denominações talvez não durem tanto.

Nenhum testemunho, dentro em pouco, haverá das almas que eles representam, dessas consciências tamoias que tentaram, com tais apelidos, macular a virgindade da incalculável duração da terra. Sapopemba é já um general qualquer, e tantos outros lugares do Rio de Janeiro vão perdendo insensivelmente os seus nomes tupis.

Inhaúma é ainda dos poucos lugares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos edis para apagá-lo.

É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitassem que nelas se depare um jardimzinho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transes, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.

## O MOLEQUE

Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e agente de todas as condições e matizes de raça a eles recorre nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso — o que era preciso estudar mais devagar — é o amálgama de tantas crenças desencontradas a que preside a Igreja católica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos religiosos possa vir nascer uma grande religião, como nasceram de semelhantes misturas as maiores religiões históricas. Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos seus embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades.

A gravidade de pensamento que todo esse espetáculo provoca e as lembranças históricas que acodem fazem perguntar se aterra, que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por ela têm passado, ainda desta vez, não consentirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das atuais que, nela, hoje sofrem e mergulham, a seu modo, no Mistério que nos cerca, para esquecê-las soturnamente; e pensa-se isto sob a luz do sol, alegre, clara, forte e alta, que recorta no céu azul as montanhas que se alongam para tocá-lo, tal como se vê nesse lugar de Inhaúma, antiga aldeia de índios, a serra dos Órgãos, solene, soberba...

Numa das ruas desse humilde arrebal e, antes trilho que mesmo rua, em que as águas cavaram sulcos caprichosos, todo ele bordado de maricás que, quando floriam, tocavam-sede flocos brancos, morava em um barracão dona Felismina.

O "barracão" é uma espécie arquitetônica muito curiosa e muito especial àquelas paragens da cidade. Não é a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes "a sopapos". É menos e é mais. É menos, porque em geral é menor, com muito menos acomodações; e mais, porque a cobertura é mais civilizada; é de zinco ou de telhas. Há duas espécies. Em uma, as paredes são feitas de tábuas; às vezes, verdadeiramente tábuas; em outras, de pedaços de caixões. A espécie, mais aparentada com o nosso "rancho" roceiro, possui as paredes como este: são de taipa. Estes últimos são mais baixos e a vegetação das bordas das ruas e caminhos os dissimula, aos olhos dos transeuntes; mas aqueles têm mais porte e não se envergonham de ser vistos. Há alguns com dois aposentos; mas quase sempre, tanto os de uma como de outra espécie, só possuem um. A cozinha é feita fora, sob um telheiro tosco, um puxado no telhado da edificação, para aproveitar o abrigo de uma das paredes da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono. Se o morador cria galinhas, elas vivem soltas, dormem nas árvores, misturam-se com as dos vizinhos e, por isso, provocam rixas violentas entre as mulheres e maridos, quando disputam a posse dos ovos.

## O MOLEQUE

Por vezes, no fundo, na frente ou aos lados deles, há uma árvore de mais vulto: um cajueiro, um mamoeiro, uma pitangueira, uma jaqueira, uma laranjeira; mas nenhum sinal de amanho do terreno, de tentativa de cultura, a não ser um canteirozinho com uns pés de manjerição ou alecrim. Isto às vezes; e, às vezes também, uma touceira de bananeira.

A guaxima cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carrapicho e outros arbustos silvestres e tenazes.

O barracão de dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, dona Emerenciana, tinha dois. Eram ambos da primeira espécie. Dona Emerenciana era casada com o senhor Romualdo, servente ou coisa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era preta como dona Felismina e honesta como ela. Defronte ficava a residência da Antônia, uma rapariga branca, com dois filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barraco eram de taipa.

A vizinhança, ao mesmo tempo que falava dela, tinha-lhe piedade:

—Coitada! Uma desgraçada! Uma perdida!

Era bem nova ela, mas fanada pelo sofrimento e pela miséria. Com os seus vinte e poucos anos de idade, de boas feições, mesmo delicadas, a sua história devia ser a triste história de todas essas raparigas por aí...

Mal comendo, ela e os filhos; mal tendo com que se cobrir, todas as manhãs, quando saía a comprar um pouco de café e açúcar, na venda do Antunes, e, na padaria do Camargo, um pão — que lhe teria custado, quem sabe! que profunda provação no seu pudor de mulher, para ganhá-lo — não se esquecia nunca de colher pelo caminho uns "boas-noites", umas flores de melão-de-são-caetano, de pinhão, de quaresma, de manacás, de maricás — o que encontrasse — para enfeitar-se ou trazê-las nas mãos, em ramalhete.

Todos da rua dos Maricás — era este o nome daquele trilho de Inhaúma — conheciam-lhe a vida, mas com a piedade e compaixão próprias à ternura do coração do povo humilde pela desgraça, tratavam-na como outra fosse ela e a socorriam nas suas horas de maiores aflições. Só o Antunes, o da venda, com o seu empedernido coração de futuro grande burguês, é que dizia, se lhe perguntavam quem era:

— Uma vagabunda.

Dona Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até de crédito, tanto no Antunes, como no Camargo da padaria. Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda-freios da Central, morto em um desastre. Era uma preta de meia-idade, mas já sem atrativo algum. Tudo nela era dependurado e todas as suas carnes, flácidas.

## O MOLEQUE

Lavava todo o dia e todo o dia vivia preocupada com o seu humilde mister. Ninguém lhe sabia uma falta, um desgarrar qualquer, e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruela e todos depositavam na humilde crioula a maior confiança. Só a Baiana tinha-a mais. Esta, porém, era "rica". Morava em uma das poucas casas de tijolo da rua dos Espinhos, casa que era dela. Vendedora de angu, em outros tempos, conseguira juntar alguma coisa e adquirira aquela casita, a mais bem tratada da rua. Tinha "homem" enquanto lhe servia; e, quando ele vinha aborrecê-la mandava-o embora, mesmo a cabo de vassoura. Muito enérgica e animosa, possuía uma piedade contida que se revelou perfeitamente numa aventura curiosa de sua vida. Uma manhã, havia cinco ou seis anos, saindo com o seu tabuleiro de angu, encontrou em uma calçada um embrulho um tanto grande. Arriou o tabuleiro e foi vero que era.

Era uma criança, branca — uma menina. Deu os passos necessários e criava a criança, que, nas imediações, era conhecida por "Baianinha". E, ao ir às compras na venda, o caixeiro lhe dizia por brincadeira:

— "Baianinha", tua mãe é negra.

A pequena arrufava-se e respondia com indignação:

— Negra é tu, "seu" burro!

A Baiana, porém, era "rica", estava mais distante. Dona Felismina, porém, ficava mais próximo da vida de toda aquela gente da rua. Os seus conselhos eram ouvidos e procurados, e os seus remédios eram aceitos como se partissem da prescrição de um doutor. Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar em casos de dissídias domésticas. Detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros, com as suas orgias e barulhadas; mas inclinava-se para o espiritismo, frequentando as sessões do "seu" Frederico, um antigo colega do seu marido, mas branco, que morava adiante, um pouco acima. Além da medicina de chás e tisanas, ela aconselhava àquela gente os medicamentos homeopáticos. A beladona, o acônito, a briônia, o sulfúrum eram os seus remédios preferidos e quase sempre os tinha em casa, para o seu uso e dos outros.

Certa vez salvou um dos filhos da Antônia de uma convulsão e esta lhe ficou tão grata que chegou a prometer que se emendaria.

Dona Felismina morava como seu filho José, o Zeca, um pretinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha sempre aparada pelos cuidados da mão de sua mãe, e também com as roupas sempre limpas, graças também aos cuidados dela.

Tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus; e muita doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quase ficavam no mesmo plano da testa estreita.

## O MOLEQUE

Era-lhe este seu filho o seu braço direito, o seu único esteio, o arrimo de sua vida com os seus nove ou dez anos de idade. Doce, resignado e obediente, não havia ordem de sua mãe que ele não cumprisse religiosamente. De manhã, o seu encargo era levar e trazer a roupa dos fregueses; e ele carregava os tabuleiros de roupa e trazia as trouxas; sem o menor desvio de caminho. Se ia à casa do "seu" Carvalho, ia até lá, entregava ou recebia a roupa e voltava sem fazer a menor traquinada, a menor escapada de criança por aquelas ruas que são mais estradas que rua mesmo. Almoçava e a mãe quase sempre precisava:

– Zeca, vai à venda e traz dois tostões de sabão "regador".

Na venda, entre todo aquele pessoal tão especial e curioso das vendas suburbanas: carroceiros, verdureiros, carvoeiros, de passagens; habitués do parati, como os há na cidade de chope; conversadores da vizinhança, gente sem ter que fazer que não se sabe como vive, mas que vive honestamente; um ou outro degradado da sua condição anterior ou nascimento — entre toda essa gente, Zeca era mais imperioso e gritava:

– Caixeiro, "mi" serve já. Dois tostões de sabão "regador"!

Se o caixeiro estava atendendo à dona Aninha, mulher do servente dos telégrafos, Fortes, e não vinha atendê-lo logo, Zeca insistia, fingindo-se irritado:

– "Mi despache", caixeiro! Dois tostões de sabão "regador".

"Seu" Eduardo, o caixeiro, que era bom e habituado a suportar a insolência dos pequenos que vão às compras, fazia docemente:

– Espere, menino. Você não vê que estou servindo, aqui, a dona Aninha!

A mãe tinha vontade de pô-lo no colégio; ela sentia a necessidade disso todas as vezes que era obrigada a somar os róis. Não sabendo ler, escrever e contar, tinha que pedir a "seu" Frederico, aquele "branco" que fora colega de seu marido. Mas, pondo-o no colégio, quem havia de levar-lhe e trazer-lhe a roupa? Quem havia de fazer-lhe as compras?

À tarde, Zeca descansava, brincava com as crianças do lugar um pouco; mas, ao anoitecer, já estava perto da mãe que remendava a roupa dos fregueses, à luz do lampião de querosene, cuja fumaça enegrecia o zinco do teto do barracão.

Se bem fosse com a mãe todos os meses receber a módica pensão que o pai deixara, na Caixa dos Guarda-Freios, o seu sonho não era viver no centro da cidade, nas suas ruas brilhantes, cheias de bondes, automóveis, carroças e gente. Zeca desprezava aquilo tudo. O seu sonho era o Engenho de Dentro e o seu cinema. Ter dinheiro, para ir sempre a ele, ver-lhe instantaneamente as "fitas" que os grandes cartazes anunciavam e o tímpano a soar continuamente insistia no convite de vê-las.

# O MOLEQUE

Quando sua mãe permitia, aos domingos, com outra criança ajuizada da vizinhança, ia até à estação, até lá, de frente do fascinante cinema.

Encostava-se, então, à grade da estrada de ferro e ficava a olhar, no alto, minutos a fio, aqueles grandes painéis, cheios de grandes figuras, deslumbrantes na sua cercadura de lâmpadas elétricas, como se tudo aquilo fosse uma promessa de felicidade. Como atingiria aquilo? O céu talvez não fosse mais belo... Em cima dos seus tamancos domingueiros, com o terno de casimira que a caridade do coronel Castro lhe dera, e a tesoura de sua mãe adaptara a seu corpo, ele, fascinado, não pensava senão naquele cinema brilhante de luzes e apinhado de povo. Nem o apito dos trens o distraía e só a passagem dos bondes elétricos aborrecia-o um pouco, por lhe tirar vista do divertimento. Não tinha inveja dos que entravam; o que ele queria era entrar também.

Como havia de ser uma "fita"? As moças se moviam sob luzes? Como faziam-nas grandes, parecidas? Como apareciam os homens tal e qual? As árvores e as ruas? E sem falar, como é que tudo aquilo falava?

Podia ter dinheiro para ir, pois, em geral, sempre os fregueses de sua mãe lhe davam um níquel ou outro; mas, mal os apanhava, levava-os à mãe que sempre andava necessitada deles, para a compra do trincal, do polvilho, do sabão e mesmo para a comida que comiam. Distraí-los com o cinema seria feio e ingratitude para com a sua mãe. Um dia havia de ir ao cinema, sem sacrificá-la, sem enganá-la, como mau filho. Ele não o era como o Carlos que furtava os do próprio pai...

Zeca, por seu procedimento, pela sua dedicação à mãe, era muito estimado de todos e todos lhe davam gratificações, gorjetas, balas, frutas, quando ia entregar ou buscar a roupa.

Muitos se interessavam com a mãe, para pô-lo em um recolhimento, em um asilo; ela, porém, embora quisesse vê-lo sabendo ler, sempre objetava, e com razão, a necessidade que tinha dos seus serviços, pois era este seu único filho o braço direito dela, seu único auxílio, o seu único "homem".

Uma vez quase cedeu. O "seu" Castro, o coronel, empregado aposentado da alfândega, conhecido em Inhaúma pelo seu gênio benfazejo e seu infortúnio com os filhos e filhas, viera-lhe até à sua própria casa, até àquele barracão, naquela modesta rua, bordada de um lado e outro de sebes de maricás e de "pinhão", e expôs-lhe a que vinha. Dona Felismina respondeu-lhe com lágrimas nos olhos:

— Não posso, "seu" coronel; não posso... Como hei de viver sem ele? É ele quem me ajuda... Sei bem que é preciso aprender, saber, mas...

— Você vai lá para casa, Felismina; e não precisa estar se matando.

Titubeou a rapariga e o velho funcionário compreendeu, pois desde há muito já tinha compreendido, na gente de cor, especialmente nas negras, esse amor, esse apego à casa própria, à sua choupana, ao seu rancho, ao seu barracão — uma espécie de Protesto de Posse contra a dependência da escravidão que sofreram durante séculos.

## O MOLEQUE

Apesar da recusa, o coronel Castro, em quem a idade e as desgraças domésticas tinham mais enchido de bondade o seu coração naturalmente bom, nunca deixou de interessar-se pela criança, que o penalizava excessivamente. A sua meiguice, a sua resignação, aquele árduo trabalho diário para a sua idade eram motivos para que o velho e tristonho aposentado sempre a olhasse com a mais extrema da simpatia. Quando o pretinho ia à sua casa levar-lhe a sua ou a roupa das filhas, dava-lhe sempre qualquer coisa, puxava-lhe a língua, perguntava-lhe pelas suas necessidades.

Certo dia, em começo do ano, o pequeno Zeca chegou-lhe em casa com a fisionomia um tanto transtornada. Parecia ter chorado e muito. O coronel, homem para quem, como disse um sábio, não havia nada insignificante e desprezível que pudesse causar dor ou prazer à mais humilde criatura, que não merecesse a atenção do filósofo — o coronel interrogou-o sobre o motivo de sua mágoa.

— Foi tua mãe?

— Não, "seu" coronel.

— Que foi, então, Zeca?

O pequeno não quis dizer e não cessava de olhar o chão, de encará-lo, de cravá-lo, de cavá-lo, de enterrar toda a sua vida nele. Zeca estava na varanda de uma velha casa de fazenda, como ainda as há muito por lá, varanda em parapeito e colunas, no clássico estilo dessas velhas habitações; o coronel nela também estava lendo os jornais, na cadeira de balanço, e só deixara a leitura quando avistou o pequeno que subia a ladeira com o tabuleiro de roupa à cabeça.

A atitude do pequeno, a sua recusa em confessar o motivo do seu choro e o seu todo de desalento fizeram que o velho funcionário, já por ternura natural, já por bondosa curiosidade, procurasse a causa da dor que feria tão profundamente aquela criança tão pobre, tão humilde, tão desgraçada, quase miserável.

— Dize, Zeca. Dize que eu te darei uma vestimenta de "diabinho" no Carnaval que está aí.

O pretinho levantou a cabeça e olhou com um grande e brusco olhar de agradecimento, de comovido agradecimento àquele velho de tão belos cabelos brancos.

Confessou; e Castro nada disse a ninguém da humilde e ingênua confissão do pretinho Zeca.

Aproximou-se o Carnaval; e, quando foi sábado, véspera dele, dona Felismina retirou mais cedo dos arames a roupa branca que estivera a secar.

Atarefada com esse serviço, ela não viu que o seu filho entrara-lhe pelo barracão adentro, sobraçando um embrulho guizalhante e um outro, com rasgões no papel, por onde saíam recurvados chifres e uma formidável língua vermelha. Era uma horrível máscara de "diabo".

# O MOLEQUE

Dona Felismina veio para o interior do barracão; e pôs-se a arrumar a roupa seca ou corada. Zeca, distraído, no outro extremo do aposento, não a viu entrar e, julgando-a lá fora, desembrulhou os apetrechos carnavalescos. Sobre a humilde e tosca mesa de pinho estendeu uma rubra vestimenta de ganga rala e uma máscara apavorante de olhos esbugalhados, língua retorcida e chifres agressivos, apareceu tão amedrontadora que se o próprio diabo a visse teria medo.

A mãe, ao barulho dos guizos, virou-se, e, vendo aquilo, ficou subitamente cheia de más suspeitas:

— Zeca, que é isso?

Uma visão dolorosa lhe chegou aos olhos, da casa de detenção, das suas grades, dos seus muros altos... Ah! meu Deus! Antes uma boa morte!... E repetiu ainda mais severamente:

— Que é isso, Zeca? Onde você arranjou isso?

— Não... mamãe... não...

— Você roubou, meu filho?... Zeca, meu filho! Pobre, sim; mas ladrão, não!

Ah! meu Deus!... Onde você arranjou isso, Zeca?

A pobre mulher quase chorava e o pequeno, transido de medo e com a comoção diante da dor da mãe, balbuciava, titubeava e as palavras não lhe vinham. Afinal, disse:

— Mas... mamãe... não foi assim...

— Como foi? Diz!

— Foi "seu" Castro quem me deu. Eu não pedi...

Dona Felismina sossegou e o pequeno também. Passados instantes, ela perguntou com outra voz:

— Mas para que você quer isso? Antes tivesse dado a você umas camisas...

Para que essas bobagens? Isso é para gente rica, que pode. Enfim...

— Mas, mamãe, eu aceitei, porque precisava.

— Disto! Ninguém precisa disto! Precisa-se de roupa e comida... Isto são tolices!

— Eu precisava, sim senhora.

— Como, você precisava?

— Não lhe contei que há meses, diversas vezes, quando passava, para ir à casa de dona Ludovina, diante do portão do capitão Albuquerque, os meninos gritavam: ó moleque! — ó moleque! — ó negro! — ó gibi!? Não lhe contei?

— Contou-me; e daí?

— Por isso quando o coronel me prometeu a fantasia, eu aceitei.

— Que tem uma coisa com a outra?

— Queria amanhã passar por lá e meter medo aos meninos que me vaiaram.

## O PECADO

Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor. E, terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do Supremo e saber que almas chegariam na próxima leva.

Em uma mesa longa, larga e baixa, um grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda-livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que anjos mensageiros e noticiosos traziam de toda a extensão da terra. Da pena do empregado celeste escorriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caracter caligráfico.

Assim, páginas ia ele enchendo, enfeitadas, iluminadas nos mais preciosos tipos de letras. Havia, no emprego de cada um deles, uma certa razão de ser e entre si guardavam tão feliz disposição que encantava o ver uma página escrita do livro. O nome era escrito em bastardo, letra forte e larga; a filiação, em gótico, tinha um ar religioso, antigo, as faltas, em bastardo e as qualidades em ronde arabescado.

Ao entrar São Pedro, o escriturário do Eterno, voltou-se, saudou-o e, à reclamação da lista d'almas pelo santo, ele respondeu com algum enfado (enfado do ofício) que viesse à tarde buscá-la.

Aí pela tardinha, ao findar a escrita, o funcionário celeste (um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul) tirava uma lista explicativa e entregava a São Pedro, a fim deste se preparar convenientemente para receber os ex-vivos no dia seguinte.

Dessa vez, ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades — quem sabe? —, o Céu ficasse de todo estragado. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apenas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza. Leu novamente. Vinha assim: P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... — Carregador, 48 anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como são Francisco de Assis. Virtuoso como são Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, per saecula saeculorum, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes santo... “E por que não ia”?, deu-lhe vontade de perguntar ao seráfico burocrata.

## O PECADO

—Não sei — retrucou-lhe este. — Você sabe — acrescentou —, sou mandado...

— Veja bem nos assentamentos. Não vá ter você se enganado. Procure — retrucou por sua vez o velho pescador canonizado.

Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro até encontrar a página própria, onde, com certo esforço, achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:

— P. L. C., filho de... neto de... bisneto de... — Carregador. 48 anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como são Francisco de Assis. Virtuoso como são Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Depois com o dedo pela pauta horizontal e nas Observações, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

— Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai pro purgatório.

## O PESO DA CIÊNCIA

De todos os meus professores — e eu os tive muitos — só dois deixaram sob minha alma uma impressão indelével. A minha professora primária. Uma moça clara, de olhos azuis, de quem emprestei alguma timidez e o meu professor de história universal. Os dois juntos, nas minhas impressões da meninice, se completam, entretanto as suas duas figuras vivas são disparatadas. Era meu professor de história um preto, um negro, diga-se, alto, magro, picado de bexigas. Tinha de tal forma a pele negra, que o apuro de sua roupa branca e o asseio de seu corpo, mais realçavam a cor lustrosa. De mais, uma dor contida dá-lhe ao semblante um não sei quê de doido que instintivamente me levou a simpatizar com ele. Às vezes com um grande sol alto, quente e olímpico, o meu professor chegava ao meio-dia embrulhado num capote. Quase sempre explicava a razão disso. Saía de manhã cedo, não se queria esfriar para dar aula longe, eu amava- as , e não tendo tempo de voltar à casa, carregava aquele forte capote.

Sempre, antes de começar a lição citava um caso, embrulhava com reminiscência sua, e acabava pessimisticamente como remarques à República, ao Brasil, às suas coisas e aos seus homens. Perdido um quarto de hora com isso, meu saudoso professor encetava a lição. Foi pela quarta ou quinta lição que eu me prendi a ele. Tratava-se da divisão de raça

## OS QUATRO FILHOS DE' AYMÓN

O chefe político do distrito de Anunciação, Felizardo José Senomenho, teve a ventura de obter do seu casal quatro filhos varões: Manoel, José, Otávio e Carlos. Lido como era nos Doze pares de França, o coronel sonhou logo com os quatros filhos célebres d'Aymon e desejou para os seus a glória dos paladinos filhos deste. Infelizmente, o nosso tempo não pede guerreiros esforçados e invencíveis que andem pelo mundo a batalhar em prol de um qualquer Carlos Magno. Pensou bem e viu que os quatro deviam ser encaminhados para a política, porque só na política, atualmente, se obtêm glórias retumbantes e proventos magníficos, mais magníficos do que os despojos de reis mouros com suas mulheres estonteantes. O primeiro trabalho de Felizardo foi fazer os seus quatro descendentes bacharéis em direito ou coisa que o valha — o que não lhe foi difícil, graças à vivacidade dos pequenos e a importância social do coronel.

Sua mulher viu um a um chegarem em casa formados nisto ou naquilo, em "escadinha", com a regularidade anual do nascimento deles.

Este fato contentou os dois velhos de tal forma que, nos primeiros anos, os rapazolas nada mais fizeram que divertir-se à grande nas fazendas dos pais e na capital do estado.

Um belo dia, porém, Felizardo chamou o mais velho e disse:

— Maneco, já falei ao Magalão. Sabes quem é? O presidente do estado. Tu vais ser o seu oficial de gabinete e na próxima legislatura serás deputado.

Maneco fez malas, pois estava na fazenda do papai e, em breve, sorria bondosamente aos pedintes, nas antessalas do Palácio das Graças, na capital.

Não tardou que Felizardo viesse a ver o seu notável rebento em lugar de tanta importância. Satisfez-se com os modos, a um tempo doces e majestosos do filho, dentro do seu fraque talhado no Rio, e tratou de encaminhar o José.

Este andava pela capital a publicar versos inócuos em revistas de grandes descortinos. Procurou-o o pai no seu aposento de solteiro e disse-lhe:

— Rapaz, esta vida não te serve. Precisas fazer-te gente.

— Trabalho, papai.

— Em quê?

— Na arte.

— Que é isto? Nada; vais entrar para a redação da Folha Independente.

— Como? Se ela é da oposição e o senhor é do governo?

Não tem nada. Vais entrar e trabalhar com o senador Mariano. Veste-te.

## OS QUATRO FILHOS DE' AYMÓN

– O José queria muito entrar para um grande jornal e seguiu contente.

Felizardo entendeu-se com Mariano e, no dia seguinte, o filho estreava com uma formidável descompostura ao presidente do estado.

O coronel tinha já encaminhado os dois; restava a outra metade. Resolveu-se a esperar. Acontece, semanas depois da colocação do Zeca, que o chefe de polícia, por causa de um assassinato, prende o principal capanga do senador estadual Juventino, amigo íntimo de Magalão.

Juventino não obtém o “abafamento” do processo; zanga-se com Magalão, por essa falta de consideração aos seus amigos e briga. Houve a cisão no partido situacionista, devido a divergências sobre os cardeais princípios da política republicana.

Felizardo, que era sabido, determinou ao terceiro que aderisse a Juventino, sem detença. A coisa foi feita. Estava encaminhado.

Restava o quarto. Como havia de ser? Esperou uns tempos. Veio a dar-se que Brochado, deputado federal, grande amigo de Mariano, rompe com este e funda na capital do estado uma folha, para combater Mariano, Magalão e Justino.

Felizardo agarra no último dos filhos e coloca na folha de Brochado.

Estavam, afinal, os quatro encaminhados. Vieram as eleições federais. Manoel, José, Otávio e Carlos foram apresentados candidatos a deputado, respectivamente, por Magalão, Mariano, Juventino e Brochado. Houve acordo no reconhecimento; e os filhos de Felizardo, a um só tempo, sentaram-se na Câmara dos Deputados.

Não chegaram a paladinos; mas foram pais da pátria.

**PROFSOCIO**



Afonso  
Henriques de  
Lima Barreto

**Francisco stefeson da Silva**

---

---